

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO**

JOSÉ DE SOUZA GOMES JÚNIOR

**PRODUÇÃO E USO DO ESPAÇO PÚBLICO EM ARAPIRACA, ALAGOAS:
UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL CECI CUNHA E
DO BOSQUE DAS ARAPIRACAS**

Maceió

2016

JOSÉ DE SOUZA GOMES JÚNIOR

**PRODUÇÃO E USO DO ESPAÇO PÚBLICO EM ARAPIRACA, ALAGOAS:
UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL CECI CUNHA E
DO BOSQUE DAS ARAPIRACAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Odair Barbosa de Moraes

Maceió

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

G633p Gomes Júnior, José de Souza.

Produção e uso do espaço público em Arapiraca, Alagoas: uma avaliação pós-ocupação do Parque Municipal Ceci Cunha e do Bosque das Arapiracas / José de Souza Gomes Júnior . – 2016.

119 f.: il.

Orientador: Odair Barbosa de Moraes.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 97-105.

Apêndices: f. 106-118.

Anexo: f. 119.

1. Arapiraca. 2. Espaços públicos – Avaliação pós-ocupação (APO).
3. Pós-ocupação (Arquitetura). 4. Psicologia ambiental. I. Título.

CDU: 711.253

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

JOSÉ DE SOUZA GOMES JÚNIOR

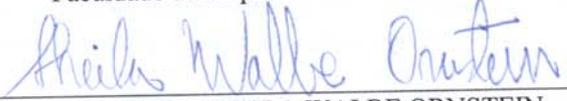
**PRODUÇÃO E USO DO ESPAÇO PÚBLICO EM ARAPIRACA, ALAGOAS:
UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO PARQUE MUNICIPAL CECI CUNHA E
DO BOSQUE DAS ARAPIRACAS**

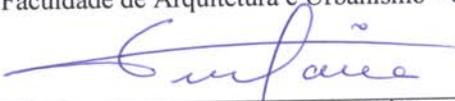
Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 21/06/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. ODAIR BARBOSA DE MORAES
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL


Prof.ª Dr.ª SHEILA WALBE ORNSTEIN
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - USP


Prof. Dr. GERALDO MAJELA GAUDÊNCIO FARIA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL


Prof. Dr. AUGUSTO ARAGÃO DE ALBUQUERQUE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

AGRADECIMENTOS

A Deus, essa grande energia que existe em todos nós, a natureza, o primeiro arquiteto, que proporciona esse grande tabuleiro onde podemos aprender, ensinar e evoluir.

A minha família, por sempre estar ao meu lado em todos os momentos mesmo quando eu estava longe (em vários sentidos). Apesar de ser um marmanjo ainda continuo sendo mimado pela minha mãe, meu pai e minhas irmãs. Eles me ajudaram a ser o que sou hoje e essa conquista também é deles.

Ao meu orientador, Odair Barbosa de Moraes, pelos ensinamentos passados, os quais fizeram parte da mudança na pessoa e no profissional que sou/serei. Também ao professor Rafael Rust Neves, o qual colaborou de forma fundamental para o início da minha carreira acadêmica.

Aos professores Augusto Aragão de Albuquerque e Geraldo Majela Gaudêncio Faria pela disponibilidade da avaliação de meu trabalho.

À professora Sheila Walbe Ornstein pela participação na banca, seus estudos e trabalhos sobre a APO foram essenciais desde o início da minha trajetória nos estudos de percepção ambiental e qualidade do espaço público.

A minha amiga de todas as horas, Aline ‘Anja’ Almeida, que sempre me acompanhou várias vezes nas pesquisas em campo. Agora ela conhece tanto das praças de Arapiraca quanto eu, tantas foram as fotos que tiramos dos bancos e lixeiras, por exemplo.

Ao meu amigo de décadas, Pedro “Geraldo” Emanuel, o qual sempre vem elevando minha autoestima e me lembrando de que posso ser o que eu quiser.

Aos meus amigos da “República Tcheca”, que me acolheram prontamente na capital do Estado e tornaram minha trajetória bem mais divertida. E convenhamos que a trajetória acadêmica é bastante solitária em certos momentos.

Aos usuários dos espaços públicos de Arapiraca pela contribuição direta ou indireta de informações, opiniões e dados que foram de grande importância para a pesquisa.

“A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduz, à lembrança de experiências passadas”.

Kevin Lynch

RESUMO

Os espaços públicos são de grande importância para a constituição da cidade em vários aspectos, entre eles o embelezamento das ruas, os efeitos positivos para o ambiente urbano, tais como quebra da monotonia da paisagem, valorização visual, etc., e para a população, como a melhoria da qualidade de vida. A produção do espaço público tem ligação direta com sua forma de uso pelos usuários, assim, é fundamental entender como o usuário utiliza e se comporta em tais espaços para aprimorar os projetos dos mesmos. A Avaliação Pós-Ocupação (APO) tem sido utilizada em diversos estudos e pesquisas como um método centrado nas necessidades do usuário para melhoria do processo de projeto, buscando identificar os pontos positivos e negativos do ambiente em estudo para definir recomendações, diretrizes ou propostas de projetos. Nesta pesquisa, a APO foi utilizada para analisar como vem ocorrendo a produção e uso dos espaços públicos da cidade de Arapiraca, Alagoas tendo como base o período de 2000 a 2015, período no qual a cidade passa a investir na ideia de "Metrópole do Futuro", baseada em alguns indicadores socioeconômicos. Foram escolhidos dois casos de espaços públicos implantados nesse período e utilizados diferentes métodos tanto para levantar características físicas dos ambientes estudados, quanto para obter medidas de comportamento e satisfação dos usuários. Como resultado da pesquisa, espera-se entender como tem se dado a produção e o uso dos espaços públicos em Arapiraca, buscando elencar os fatores positivos e negativos que auxiliem na obtenção de diretrizes para a melhoria desses espaços e de espaços futuros semelhantes.

Palavras-chave: Arapiraca. Avaliação Pós-Ocupação (APO). Espaços Públicos. Psicologia Ambiental.

ABSTRACT

Public spaces are of great importance for the constitution of the city in many ways, including street beautification, the positive effects for the urban environment like breaking the monotony of the landscape, visual enhancement, etc., and the population like improving quality of life. The production of public space is directly linked to its manner of use by users, so it is essential to understand how they use and behaves in such spaces to enhance the projects of the same. The Post Occupancy Evaluation (POE) has been used in several studies and research as a method centered on user needs to improve the design process in order to identify the strengths and weaknesses of the environment under study to set recommendations, guidelines or proposals projects. In this research, the POE was used to analyze as it has the production and use of public spaces in the city of Arapiraca, Alagoas based the period 2000-2015, during which the city started to invest in the idea of "Metropolis of the Future" based on some socio-economic indicators. Were chosen two cases of built public spaces in this period and used different methods to raise both physical characteristics of the studied environments, as for measures of behavior and user satisfaction. As result of the research, is expected to understand how has given the production and use of public spaces in Arapiraca, seeking to list the positive and negative factors that help in obtaining guidelines for the improvement of these spaces and similar ones.

Keywords: Arapiraca. Post Occupancy Evaluation (POE). Public Spaces. Environmental Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Arapiraca no Estado de Alagoas.....	51
Figura 2 - Parque Municipal Ceci Cunha	55
Figura 3 - Bosque das Arapiracas	55
Figura 4 - Localização dos espaços estudados	56
Figura 5 - Os três setores do Parque Municipal Ceci Cunha	57
Figura 6 - Vias de acesso ao Parque Municipal Ceci Cunha.....	58
Figura 7 - Quadra poliesportiva.....	59
Figura 8 - Pista de skate.....	59
Figura 9 - Banheiros fechados	59
Figura 10 - Fonte sem funcionamento	59
Figura 11 - Espelho d'água sem funcionamento	59
Figura 12 - Ginásio de esportes	59
Figura 13 - Interior do Parque Ceci Cunha I	59
Figura 14 - Terminal rodoviário	60
Figura 15 - Caramanchão sem vegetação	60
Figura 16 - Lago com a ponte.....	60
Figura 17 - Escultura	60
Figura 18 - Playground.....	60
Figura 19 - Equipamentos para atividades físicas	60
Figura 20 - Quiosques	61
Figura 21- Pista de Cooper	61
Figura 22 - Ponto de táxi	61
Figura 23 - Placas de identificação danificadas	61
Figura 24 - Palco para apresentações	61
Figura 25 - Quiosques	61
Figura 26 - Equipamentos de jogos	61
Figura 27 - Banheiros	61
Figura 28 - Mapa comportamental e de usos do Parque Ceci Cunha I	62
Figura 29 - Mapa comportamental e de usos do Parque Ceci Cunha II	63
Figura 30 - Mapa comportamental e de usos do Mercado do Artesanato	64
Figura 31 - Vias de acesso ao Bosque das Arapiracas	65

Figura 32 - Caramanchões sem sombreamento	66
Figura 33 - Equipamentos esportivos para idosos	66
Figura 34 - Playground	66
Figura 35 - Equipamentos para atividades físicas	66
Figura 36 - Fonte	66
Figura 37 - Gazebo com mesa para jogos.....	66
Figura 38 - Quiosques em construção	67
Figura 39 - Estacionamento	67
Figura 40 - Mapa comportamental e de usos do Bosque das Arapiracas	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil do usuário (sexo)	71
Tabela 2 - Perfil do usuário (estado civil)	71
Tabela 3 - Perfil do usuário (escolaridade)	71
Tabela 4 - Frequência de utilização	71
Tabela 5 - Como vai ao espaço público.....	71
Tabela 6 - Horário que frequenta o espaço.....	72
Tabela 7 - Tempo de permanência	72
Tabela 8 - O que vai fazer	72
Tabela 9 - Quantidade de espaços públicos em Arapiraca	73
Tabela 10 - Qualidade dos espaços públicos em Arapiraca	73
Tabela 11 - Influência do shopping na frequência de uso dos espaços públicos.....	73
Tabela 12 - Preferência entre praça e shopping	73
Tabela 13 - Espaço público que prefere utilizar e por quê	74
Tabela 14 - Perfil do usuário (sexo)	76
Tabela 15 - Perfil do usuário (estado civil)	77
Tabela 16 - Perfil do usuário (escolaridade)	77
Tabela 17 - Como vai ao Parque Municipal Ceci Cunha	77
Tabela 18 - Horário que frequenta o Parque Municipal Ceci Cunha	78
Tabela 19 - O que vai fazer no Parque Municipal Ceci Cunha	78
Tabela 20 - Tempo gasto para chegar ao Parque Municipal Ceci Cunha.....	78
Tabela 21 - Frequência de utilização	78
Tabela 22 - Tempo de permanência	79
Tabela 23 - Importância do Parque Municipal Ceci Cunha para Arapiraca.....	79
Tabela 24 - Quantidade de espaços públicos em Arapiraca	79
Tabela 25 - Qualidade dos espaços públicos em Arapiraca	79
Tabela 26 - Ambiente utilizado além do Parque Municipal Ceci Cunha	80
Tabela 27 - Questões relacionadas com o ambiente construído e seus equipamentos	80
Tabela 28 - Perfil do usuário (sexo)	83
Tabela 29 - Perfil do usuário (estado civil)	83
Tabela 30 - Perfil do usuário (escolaridade)	84
Tabela 31 - Como vai ao Bosque das Arapiracas	84

Tabela 32 - Horário que frequenta o Bosque das Arapiracas	84
Tabela 33 - O que vai fazer no Bosque das Arapiracas	84
Tabela 34 - Tempo gasto para chegar ao Bosque das Arapiracas	85
Tabela 35 - Frequência de utilização	85
Tabela 36 - Tempo de permanência	85
Tabela 37 - Importância do Bosque das Arapiracas para Arapiraca	85
Tabela 38 - Quantidade de espaços públicos em Arapiraca	86
Tabela 39 - Qualidade dos espaços públicos de Arapiraca	86
Tabela 40 - Ambiente utilizado além do Bosque das Arapiracas	86
Tabela 41 - Questões relacionadas com o ambiente construído e seus equipamentos	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
1.2	ESTRUTURA DO TRABALHO	15
2	ESPAÇOS PÚBLICOS: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE	17
3	AVALIAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO: A IMPORTÂNCIA DO USUÁRIO NA QUALIDADE DO PROJETO	28
3.1	AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO PROJETO: A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO - APO.....	33
3.2	QUALIDADE DO PROJETO DO ESPAÇO PÚBLICO	37
3.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	42
4	METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	43
5	ESTUDO DE CASO: AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO	51
5.1	ANÁLISE DOS OBJETOS DE ESTUDO	56
5.1.1	Parque Municipal Ceci Cunha.....	56
5.1.2	Bosque das Arapiracas.....	64
5.1.3	Matriz Conceitual	68
5.2	AVALIAÇÃO DOS USUÁRIOS	70
5.2.1	Avaliação dos usuários do Parque Municipal Ceci Cunha.....	75
5.2.2	Avaliação dos usuários do Bosque das Arapiracas	81
5.3	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICES	106
	ANEXOS	119

1 INTRODUÇÃO

Os espaços públicos proporcionam um local para a socialização dos usuários a partir do lazer, práticas desportivas, encontro com o outro, etc. Existem vários espaços na cidade que proporcionam estas formas de se socializar, como as ruas, as praças e os parques. Assim, o espaço público está vinculado ao acesso de todos os indivíduos, moradores ou visitantes capazes de interagir, por meio do lazer, da atividade física ou da conversa, livremente na mesma base, independentemente de sua condição social.

Para Sun Alex (2008), praças, ruas, jardins e parques formam o conjunto de espaços abertos na cidade, que mesmo que não haja uma farta vegetação, respondem ao ideal de vida urbana em determinado momento histórico. Ainda segundo o autor, a localização de tais espaços na cidade, sua permeabilidade como acesso, a impressão que irradia e a atmosfera de seu interior, que convidam a adentrá-los, amplificam suas condições de espaços públicos. Outra característica refere-se à multiplicidade de usos urbanos que os parques e praças admitem, como o comércio, os serviços, o encontro, o lazer e o descanso.

Autores como Jacobs (2009), Gehl (2015), Reis (1994), Lay (1994), assim como o Project for Public Spaces (2012) colocam determinadas características que fortalecem a atração do usuário para usar o espaço público. São aspectos como a multiplicidade de usos, a segurança para que a população usufrua do espaço sem maiores preocupações, a boa iluminação, dentre outros. Além destes aspectos técnicos e construtivos, torna-se importante, para entender como o espaço está sendo usado, observar o próprio usuário, tanto por meio de questionamentos como pela própria observação *in loco*. Assim, tem-se a população que utiliza o ambiente em estudo como uma importante fonte de informação para a melhoria do mesmo (ORNSTEIN *et al.*, 1995).

Tendo estes dois aspectos em vista, a avaliação técnica e a dos usuários, optou-se, como metodologia, utilizar a Avaliação Pós-Ocupação (APO), que, segundo Ornstein (1992), é uma metodologia de avaliação de desempenho de ambientes construídos que prioriza os aspectos do uso, sendo necessário o apoio do usuário para análise deste aspecto, ainda sendo um mecanismo que serve para auxiliar no controle de qualidade. A APO contempla, com métodos e técnicas, ambos os aspectos: técnicos e comportamentais. Este trabalho tenta aprofundar o enfoque na participação do usuário como peça fundamental para a avaliação dos espaços públicos, por isso, também foi

realizado um estudo na área da psicologia ambiental como forma de aprofundar os conhecimentos sobre o comportamento humano e como este influencia e é influenciado pelo ambiente construído. Para esse estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica com autores base da psicologia ambiental como com autores contemporâneos, alguns deles foram Marcus (1995), Gifford (1996), Pinheiro (1997), Rivlin (2003) e Günther (2005).

Um critério bastante importante para a análise do ambiente construído a partir das pessoas que o utilizam é a satisfação do usuário. Em se tratando de ambiente urbano, são vários os fatores que afetam, direta ou indiretamente, a maioria dos habitantes. Entre os fatores, destacam-se: a pobreza, a criminalidade e a poluição, que estão relacionados com a fonte de insatisfação com o uso dos espaços urbanos; O vandalismo é uma das manifestações mais comuns de insatisfação: as condutas agressivas em relação a elementos físicos e arquitetônicos, geralmente públicos ou situados próximos a lugares públicos. Isso se dá, na grande maioria, nas classes sociais menos favorecidas que estão submetidas à baixa qualidade de vida, relacionada com a falta de saneamento básico, falta de equipamentos públicos em boas condições de uso assim como espaços de lazer.

Arapiraca é a segunda maior cidade do Estado de Alagoas e nos últimos 15 anos vem apresentando uma tendência em produzir espaços públicos padronizados, o que reflete também na forma de utilização dos mesmos. Outra constatação é o constante abandono de determinados espaços da cidade na medida em que outros são implantados. As praças, parques e áreas verdes da cidade recebem tratamentos diferenciados também de acordo com sua localização, tendo as praças centrais e as próximas a vizinhanças de alto poder aquisitivo, ou que reflita na especulação imobiliária, melhores cuidados, ao menos nos primeiros meses após a inauguração. Depois disso o espaço sofre por falta de uso e manutenção.

Segundo Souza (2009), é percebida no Brasil a falta do hábito na realização de investigações que façam uma avaliação do desempenho dos ambientes construídos, tantos os residenciais, comerciais ou de lazer, depois de um tempo de uso, geralmente ocasionando a repetição de erros em projetos semelhantes e a não identificação dos acertos necessários para a melhoria de novos ambientes. É necessário entender se os espaços públicos da cidade oferecem atrativos e segurança suficientes para a atração dos usuários e se esses espaços estão sendo planejados com elementos que contribuam para a qualidade de vida da população, o que inclui aqui uma variedade de equipamentos e constante manutenção, e qualidade ambiental da cidade, com a utilização de vegetação.

Uma das causas da baixa frequência e degradação dos parques e praças urbanos são ambientes deteriorados, sem manutenção e que são projetados sem o interesse nas reais necessidades dos usuários. O estado de conservação de um espaço público serve como reflexo da aceitação ou rejeição dele pelos usuários refletindo se o mesmo atende ou não os seus anseios.

Assim, tem-se necessidade de avaliar a qualidade e o desempenho do ambiente construído tanto numa visão quantitativa quanto na visão dos usuários buscando entender quais os pontos positivos e negativos desses espaços e como sanar os problemas encontrados.

Foram escolhidos dois parques urbanos da cidade de Arapiraca, o Parque Municipal Ceci Cunha e o Bosque das Arapiracas, para aplicação dos métodos e técnicas. Esses parques foram selecionados tendo como critério sua implantação no centro da cidade e por serem bastante utilizados.

Como procedimentos metodológicos e técnicas de pesquisa, foram utilizados registros fotográficos, observações comportamentais, análise dos aspectos técnicos com apoio de checklist, entrevistas e questionários. As entrevistas foram aplicadas aos usuários pessoalmente e serviram como base para a produção do questionário. Foram empregados dois tipos de questionários, um online, aberto a toda população para avaliar os espaços públicos (praças, parques e áreas verdes) da cidade e outro face-a-face com os usuários dos espaços estudados.

Espera-se, como este trabalho, entender como vem se dando a produção e o uso dos espaços públicos de Arapiraca a partir de seus aspectos físico-construtivos e pela percepção do usuário para, assim, refletir sobre alternativas que potencializem o uso dos mesmos.

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo geral

Identificar os fatores que têm levado a população ao uso/desuso dos espaços públicos (parques) na cidade de Arapiraca.

Objetivos específicos

- Verificar/Identificar os usos dos espaços públicos estudados.
- Identificar seus pontos positivos e negativos;
- Avaliar o nível de satisfação dos usuários com os espaços públicos estudados;
- Elaborar um conjunto de diretrizes para elaboração de projetos de espaços públicos.

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

Neste primeiro capítulo tem-se a introdução com uma revisão bibliográfica das variáveis abordadas na pesquisa. Seguindo-se com a apresentação do tema, a problemática, objetivos geral e específicos e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo traz uma explanação dos espaços públicos conceituando-os e explorando sua importância para a cidade, o que dá subsídios teóricos para a caracterização do objeto de estudo.

Os estudos sobre psicologia ambiental e a inter-relação entre o ambiente construído e o comportamento do usuário estão no terceiro capítulo. Neste capítulo há uma explanação e reflexão sobre a importância da participação do usuário no decorrer do processo do projeto. Seguindo com os critérios de avaliação e qualidade de projetos desses espaços. Trata-se ainda dos processos metodológicos da Avaliação Pós-Ocupação, sua importância e adequação ao presente trabalho pela união de avaliações tanto por parte dos especialistas quanto por considerar a opinião dos usuários como elemento de análise para o estudo de ambientes construídos. Também são analisados fatores de qualidade em projetos de espaços de uso público, as quais foram utilizadas na avaliação dos parques estudados.

Os métodos e técnicas utilizados na pesquisa são descritos no quarto capítulo, onde há a explanação de como os instrumentos analisados no capítulo anterior foram aplicados, assim como a caracterização da população-alvo.

O quinto capítulo trata do estudo de caso. Neste capítulo são analisados os dois objetos de estudo com base nas variáveis abordadas na pesquisa para o entendimento da produção e uso desses espaços na cidade de Arapiraca. Com este entendimento, espera-se uma compreensão de como vem se dando esta produção e o nível de satisfação da população com relação aos parques avaliados.

No sexto e último capítulo há as considerações finais com a reflexão e conclusões da pesquisa a partir dos capítulos anteriores.

2 ESPAÇOS PÚBLICOS: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE

Os espaços públicos fazem parte do processo da produção das cidades e são neles que as relações de vivência e coletividades de uma comunidade se desenvolvem. Como uma forma de massificar a ideia de conservação e preservação da biodiversidade, os parques e praças geralmente são concebidos como áreas que abrangem o uso da vegetação em seu interior (PINA; SANTOS, 2012 *apud* GOMES *et al*, 2012).

O espaço público é considerado o espaço que se encontra dentro do território urbano sendo de uso comum e posse coletiva. Porém, defini-lo como o oposto do espaço privado, referindo-se a seu uso e caráter jurídico, não é o bastante para conferir-lhe uma qualidade formal. Sendo assim, somente os espaços públicos que possuem as características qualitativas que supram as necessidades dos usuários (como acessibilidade, permeabilidade, estética, etc.) é que poderão se constituir como um lugar culturalmente significativo para a cidade (FERNANDES, 2009).

São nesses espaços onde as pessoas podem entrar em contato entre si, funcionando como um importante meio de socialização. Assim, os espaços públicos, além de proporcionarem benefícios para a sociedade, como o embelezamento da cidade, a quebra de monotonia e a melhoria do bioclima urbano; ainda exercem forte influência sobre o comércio, pois lugares agradáveis e seguros atraem as pessoas. Esses espaços são projetados para usos cotidianos, como passagem, lazer e permanência, sendo abertos e acessíveis para todas as pessoas na ampliação da ideia de liberdade e igualdade. São áreas de interação social onde pessoas de diferentes segmentos compartilham da co-presença para a prática da civilidade e do encontro (ALEX, 2008; GOMES, 2002).

Existe uma variedade de espaços, com usos específicos, dentro da cidade. O espaço urbano, segundo Corrêa (1993), está relacionado com o conjunto de determinados usos da terra. A partir destes usos, as áreas como o centro da cidade, o local de concentração de atividades comerciais, as áreas industriais, as áreas de lazer, dentre outras, são definidas pela gestão da cidade.

Dentro do espaço urbano encontram-se os demais espaços. Dentre eles: os espaços abertos, que “são locais que propiciam às pessoas o contato com a vegetação, a socialização e possibilidade de desenvolver atividade de lazer e esportes” (DORNELES *et al.*, 2013, p.56). Os espaços abertos são o conjunto de espaços ao ar livre e que são

destinados a usos que envolvem o passeio, a prática de esporte, o desporto e o lazer em horários de ócio. De acordo com Faria (2011), estes espaços têm relação direta com o cotidiano dos indivíduos e servem de lugares de contato com os elementos da natureza. Os espaços verdes, categoria que se insere dentro de um espaço aberto, são constituídos por áreas dentro da cidade que tenham como elemento principal a vegetação, corpos hídricos ou feições geológicas (LLANDENT, 1982, *apud* DALBEM, 2011).

Os espaços públicos podem ser caracterizados pela sua morfologia e pelas formas de usos que proporcionam. Desde as ruas, os largos, praças e parques, estes espaços possuem características que permitem certas distinções entre si.

A rua, estruturadora do traçado urbano, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, além de ligar os vários espaços e partes da cidade (LAMAS, s/d, *apud* MENDONÇA, 2007). Ela também é apontada como extensão para diversas comunidades, vista por meio de atividades cotidianas, como as brincadeiras infantis e encontros entre vizinhos, ou sazonais, como as festas (SANTOS; VOGEL, 1985). Como espaço público, a rua é o lugar relacionado com a formação e o crescimento da cidade.

Já os pátios públicos são espaços livres definidos a partir de uma igreja ou outro elemento arquitetônico expressivo além do casario antigo aos quais dá acesso, quase sempre pavimentados e exercendo a função de respiradouros, de propiciadores do encontro social e eventualmente destinados a atividades lúdicas temporárias (CARNEIRO; MESQUITA, 2000).

Os largos são espaços livres públicos definidos a partir de um equipamento geralmente comercial, com o fim de valorizar ou complementar alguma edificação como mercado público. Ainda segundo Carneiro e Mesquita (2000), pátios e largos são espaços consolidados a partir das necessidades surgidas durante o processo inicial de ocupação da cidade. Para ratificar ainda mais o caráter de apropriação, a definição formulada por Robba e Macedo (2002) afirma que os largos são espaços livres públicos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.

A praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana comunitária, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas (LAMAS, s/d). Para o mesmo autor, ainda, caracterizada a praça pela intencionalidade e resultante de um programa, a mesma é diferenciada de espaços como o largo e o terreiro, que são caracterizados como espaços acidentais que com o tempo foram apropriados e usados.

No sentido de combater os efeitos ambientais negativos, a praça, em seu contexto urbano da cidade, desempenha um papel importante no controle de temperatura, sombreamento, ventilação, aeração, amenização da poluição contribuindo para a qualidade ambiental e de vida da população (SOUZA, 2009).

Estes espaços teriam suas inserções definitivas na estrutura urbana a partir do renascimento, passando a fazer parte obrigatória do traçado urbano nos séculos XVIII e XIX. Para Carneiro e Mesquita (2000), praças são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública, com área equivalente a da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos, ainda figuram como representantes de espaços para manifestações culturais, sociais e políticas (SILVA *et al*, 2011)

A praça é uma construção e um vazio simultaneamente, não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Ela tem tanto importância histórica como de participação contínua na vida da cidade (ALEX, 2008).

Para Lamas (s/d), diferente da rua e da praça, o parque não possui conceitos específicos. Para ele, o grande parque encontra-se inserido no bojo dos ambientes caracterizados pelas estruturas verdes, referentes à vegetação que apresentam, como o canteiro e o jardim. Tais estruturas caracterizam a imagem da cidade, desempenham função como elementos de composição e do desenho urbano, servem para organizar, definir e conter espaços.

Já para Carneiro e Mesquita (2000), parques são espaços livres públicos com função predominante de recreação e que ocupam, na malha urbana, uma área superior a da quadra típica urbana em geral, apresentando componentes da paisagem natural – vegetação, topografia, elemento aquático – como também edificações destinadas a atividades recreativas.

Para Gomes *et al.*, (2012), os parques são caracterizados por constituírem áreas específicas nas cidades que remetem à conservação da natureza e ao lazer ativo e contemplativo. Estes espaços constituem potencial para a prática da educação ambiental que serve para iniciar um processo de sensibilização e conscientização a respeito de diferentes interpretações sobre o olhar ambiental.

Com o mesmo foco na definição do parque, Macedo e Sakata (2002, *apud* MENDONÇA, 2007) consideram-no um espaço livre público estruturado por vegetação e dedicado ao lazer da massa urbana.

Segundo Silva e Gomes (2010), a criação de parques nas cidades se relaciona com vários discursos que o justificam. Pode-se citar o exemplo do homem “moderno” que tem a necessidade de espaços que propiciem condições de lazer esportivo e contemplativo, e o discurso que permeia a preocupação com a problemática ambiental urbana. Ainda segundo os autores, com relação ao lazer, os parques são concebidos nas cidades como espaços com a capacidade de propiciar atividades lúdicas, educativas, de recreação e esportivas. Estes espaços também são importantes na promoção do bem estar social/psicológico e da qualidade de vida, além de ser um elemento dotado de intencionalidade no urbano, e não apenas um elemento neutro ou paisagem. Eles podem atuar, entre outros, como espaços de sociabilidade, do despertar para o respeito à natureza, de educação para o meio ambiente e de atividades físicas para uma vida mais saudável. Não devem ser considerados espaços neutros na cidade, mas serem analisados e empreendidos como equipamentos que se vinculam ao processo de produção do espaço urbano.

Dentre os espaços públicos, os parques atuam como elementos de grande importância no contexto do espaço urbano constituindo áreas específicas que tanto remetem a uma conscientização sobre a conservação da natureza quanto se destinam ao lazer ativo e contemplativo. Servem como instrumentos para a prática da educação ambiental e seus múltiplos desdobramentos (GOMES *et al*, 2012). Segundo Páramo (2010), esses espaços têm se caracterizado por serem cenários para a aprendizagem e exibição das práticas sociais correlacionando os grupos culturais. As praças urbanas ainda se constituem como elementos importantes para a preservação da identidade cultural das cidades e devem ser entendidas como estrutura que fez e ainda faz parte dos processos da sociedade local e não apenas pelas suas funções estéticas e de lazer (DE ANGELIS *apud* SILVA *et al*, 2011).

Esses espaços também se enquadram na categoria de espaços livres da cidade, Queiroga *et al* (2011) colocam três características importantes que justificam sua importância para a cidade, sendo eles fundamentais para a) desempenho da vida cotidiana; b) na constituição da paisagem urbana; e c) na constituição da esfera da vida pública e privada.

É relevante perceber como os espaços públicos interagem com a cidade. Kevin Lynch (1997) fez um estudo sobre as características dos espaços no tecido urbano e elaborou cinco elementos formais de tipos imagísticos, os quais podem ser analisados em conjunto com os espaços públicos para caracterizá-los dentro da cidade. Este estudo contribui para a análise da legibilidade do espaço público para a população, ou seja, como o espaço pode ser facilmente reconhecido e localizado por eles. Os elementos e as características definidos por Lynch (1997) podem ser vistos no Quadro 1:

Quadro 1 – Elementos imagísticos estudados por Kevin Lynch (continua)

Elemento	Características
<p style="text-align: center;">VIAS</p> 	<p>As vias são os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial. São as ruas, rodovias e alamedas pelas quais os habitantes circulam. Através delas outros elementos da cidade se organizam e se relacionam. A concentração de alguma atividade especial em uma rua pode torná-la importante aos olhos do observador, ajudando na fixação dela e de suas peculiaridades na imagem que formará para o habitante da cidade.</p>
<p style="text-align: center;">MARCOS</p> 	<p>Os pontos de referências considerados externos ao observador são denominados marcos, apenas elementos físicos cuja escala pode ser variável. São objetos físicos definidos de maneira simples, podem ser uma igreja, uma montanha ou um sinal. Uma vez que o uso de marcos implica a escolha de um elemento dentre um conjunto de possibilidades, a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto.</p>

Fonte: Lynch, 1997.

Quadro 1 – Elementos imagísticos estudados por Kevin Lynch (continuação)

Elemento	Características
<p style="text-align: center;">LIMITES</p> 	<p>Os limites são os elementos lineares não usados ou entendidos como vias pelo observador, como praias, lagos ou ferrovias. Podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que separam regiões de outras. Possuem importantes características organizacionais, pois possuem o papel de conferir unidade a áreas diferentes.</p>
<p style="text-align: center;">PONTOS NODAIS</p> 	<p>Os pontos nodais são lugares estratégicos de uma cidade através dos quais o observador pode entrar. São os focos intensivos para ou a partir dos quais ele se locomove. Podem ser junções, locais de interrupção de transportes, um cruzamento ou uma convergência de vias. Mas também pode ser apenas um lugar de encontros onde haja a concentração de pessoas e, que de lá se tenham vários outros caminhos para diferentes pontos da cidade.</p>
<p style="text-align: center;">BAIROS</p> 	<p>O último elemento imagístico é o bairro, são regiões médias ou grandes de uma cidade. O observador neles “penetra” mentalmente. Eles são reconhecíveis por características comuns que os identificam. Um exemplo são bairros conhecidos pela classe social que abrange. Classe alta, classe média, etc. Outra forma de reconhecimento é quando as edificações têm características similares, ajudando a pessoa que adentra no bairro a reconhecê-lo sem a necessidade de uma placa ou anúncios.</p>

Fonte: Lynch, 1997.

Como subsídio para a discussão das características que beneficiam os usuários com relação ao desenho urbano, destacando aqui os espaços públicos, também é de grande importância, ao lado de Kevin Lynch, os estudos de Ian Bentley, que realizou estudos em parceria com vários outros autores entre arquitetos, planejadores urbanos e paisagistas. Esses estudos buscam colaborar com a produção de espaços abertos urbanos responsivos

oferecendo assim uma maior variedade de escolhas e usos para uma grande diversidade de pessoas em momentos diferentes.

Ian Bentley coloca que o ambiente construído deve permitir aos seus usuários uma configuração essencialmente democrática, para isso ele identificou cinco fatores qualitativos do design urbano: permeabilidade, acessibilidade, legibilidade, variedade e flexibilidade (diversidade) e identidade e propriedade. Estes fatores são apropriados para o entendimento das necessidades dos usuários por conforto, relaxamento, descobertas e formas de interação (BARROS, 2012).

Esses estudos e fatores não são conclusivos, mas são peças fundamentais na produção de espaços democráticos. Para melhor utilização dos mesmos no processo do desenho urbano, eles precisam estar presentes desde o planejamento até a inclusão dos espaços públicos na cidade (PAOLI e PINA, s/d). A seguir, um quadro (Quadro 2) com a conceituação dos fatores estudados por Ian Bentley:

Quadro 2 – Conceituação dos fatores estudados por Ian Bentley (continua)

Fatores	Características
Permeabilidade	A permeabilidade está ligada à vitalidade do ambiente construído e é configurada pela capacidade que o espaço urbano possui em oferecer aos usuários escolhas de caminhos através deles para outros pontos da cidade. É uma característica que deve estar presente tanto fisicamente quanto visualmente.
Legibilidade	Outra característica visual importante é a legibilidade , que está associada com a facilidade de reconhecimento e organização da cidade em um padrão coerente para seus habitantes. Uma cidade legível é aquela em que todas as regiões são facilmente identificadas, agrupadas e compreendidas. Esta característica também é utilizada nos estudos de Kevin Lynch para a caracterização dos espaços da cidade.

Fonte: BARROS, 2012; PAOLI, LINA, s/d.

Quadro 2 – Conceituação dos fatores estudados por Ian Bentley (continuação)

Fatores	Características
Acessibilidade	A acessibilidade é classificada segundo elementos que dão acesso ao espaço e a quem este é permitido. Trata-se da capacidade de dar acesso a lugares, atividades, pessoas, informações, comércio e serviços.
Variedade e flexibilidade (diversidade)	Quanto à variedade e flexibilidade (diversidade) no espaço urbano, haverá mais atratividade para o ambiente construído quanto mais diversas forem as opções de experimentação do mesmo, portanto, a variedade de usos e flexibilidade destes para os diferentes tipos de pessoas são de fundamental importância para a qualidade dos espaços públicos. Jane Jacobs também aborda a variedade de usos que um espaço público precisa ter para atração de públicos diversos.
Identidade e propriedade	Já identidade e propriedade faz ligação de como as pessoas sentem que aquele espaço as pertence, tanto individual como coletivamente. O sentimento de “propriedade” é adquirido quando existe uma clara delimitação espacial dos espaços como públicos, semi-públicos e privados.

Fonte: BARROS, 2012; PAOLI, LINA, s/d.

É importante entender como as transformações ocorridas nos espaços públicos podem influenciar o comportamento dos usuários assim como nos usos disponíveis no ambiente. Tais mudanças se relacionam com a interação entre esse espaço e o tecido urbano da cidade, tornando importante uma verificação da qualidade para uma análise de como os usuários estão utilizando o local. Uma avaliação perceptiva dos usuários sobre o espaço público utilizado pode fornecer informações importantes sobre como o mesmo está caracterizado na imagem da cidade e sua importância para a comunidade.

Um aspecto muito importante nos parques é a vegetação. Esta fornece vários benefícios socioambientais e não deve ser concebida apenas como parte da decoração. É

necessário que a população valorize as vantagens que a vegetação urbana desempenha. Entre os benefícios, destacam-se o conforto térmico pela diminuição da temperatura, melhoria da qualidade do ar e melhoria das relações humanas psicossociais (SILVA, GOMES, 2010; GOMES, SOARES, 2003).

Na história, as áreas destinadas ao verde surgem ainda no século XVIII, alcançando números mais expressivos no decorrer do século seguinte enquanto o ambiente urbano foi sendo gradativamente modernizado. No século XIX essa modernização, incluindo melhorias na infraestrutura e uma reversão do impacto do processo que a industrialização acometia nas cidades, contribuiu para modificar certos hábitos sociais nas cidades europeias e logo após em várias outras cidades em âmbito internacional. As intervenções eram caracterizadas como melhoramentos e embelezamentos urbanos que qualificavam o ambiente com a inserção de praças, parques e *bulevares*. Com isto, houve uma gradual melhoria no ambiente urbano modificando o percurso do morador citadino favorecendo formas de apropriação do espaço urbano até então inéditas. A diminuição da jornada de trabalho, na época, deu vazão aos anseios dos trabalhadores relacionados ao tempo livre, o que permitiu ao longo do século XX, quando os parques e praças mais arborizados surgiram de modo significativo, a popularização dessas apropriações dos espaços públicos, conseqüentemente, a demanda por construção desses espaços vem sendo uma das reivindicações da população às administrações públicas. No Brasil, por volta de 1850, já existiam cidades que se destacavam pelo verde de seus espaços públicos (MENDONÇA, 2007; GOMES, SOARES, 2003).

O uso da vegetação é justificado por amenizar problemas ambientais que começaram a surgir como consequência do rápido crescimento das cidades. O verde utilizado também serve para mudar a minimizar a monotonia urbana. A arborização passou a ser vista como sendo um importante elemento natural na reestruturação do espaço urbano (GOMES, SOARES, 2003). No decorrer do tempo os usos e as funções dos espaços livres públicos foram se modificando de acordo com as necessidades da sociedade (SILVA *et al.*, 2011).

A vegetação urbana tem uma importância social para a cidade, pois diz respeito à melhoria nos aspectos físicos e psicológicos das pessoas. O convívio com a natureza dentro do ambiente urbano proporciona o bem-estar e diminui os níveis de estresse (MOSER *et al.*, s/d)

Os benefícios da vegetação urbana, que podem ser encontrados nos parques e praças dentre outros espaços públicos, são mostrados, de forma detalhada, no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Benefícios da vegetação urbana

Composição atmosférica
<ul style="list-style-type: none"> - Ação purificadora por fixação de poeiras e materiais residuais; - Ação purificadora por depuração bacteriana e por outros microrganismos; - Ação purificadora por reciclagem de gases através de mecanismos fotossintéticos; - Ação purificadora por ação de gases tóxicos.
Equilíbrio solo-clima-vegetação
<ul style="list-style-type: none"> - Luminosidade e temperatura: a vegetação ao filtrar a radiação solar suaviza as temperaturas externas; - Umidade e temperatura: a vegetação contribui para conservar a umidade do solo atenuando sua temperatura; - Redução na velocidade do vento; - Mantém as propriedades do solo: permeabilidade e fertilidade; - Abrigo à fauna existente; - Influencia no balanço hídrico.
Níveis de ruído
<ul style="list-style-type: none"> - Amortecimento dos ruídos de fundo sonoro contínuo e descontínuo de caráter estridente, ocorrentes nas grandes cidades.
Estético
<ul style="list-style-type: none"> - Quebra da monotonia da paisagem das cidades causada pelos grandes complexos de edificações; - Valorização visual e ornamental do espaço urbano; - Caracterização e sinalização de espaços, constituindo-se em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

Fonte: Lombardo (1990) *apud* Guzzo (1998, p. 07). Organização: Marcos Antônio Silvestre Gomes

Os espaços públicos vegetados dentro da cidade são importantes para a melhoria da qualidade de vida da população ligados a vários fins como a construção da paisagem urbana, o equilíbrio climático, a conservação ambiental ou o lazer. A vegetação possui um papel fundamental para o espaço urbano tanto em aspectos ecológicos quanto socioeconômicos.

Assim, percebe-se que o conjunto de parques e praças vegetados na cidade, muito mais do que o embelezamento que eles propiciam, tem uma importância para diversos aspectos da vida urbana e na qualidade do projeto. Um espaço público bem planejado e com um bom uso da vegetação colabora com a quebra da monotonia da paisagem através do uso de cores e formas.

Portanto, as praças e parques são importantes para a cidade de acordo com as formas de interação que proporcionam para os usuários, suas características físicas e ligação com os outros elementos da cidade, como as ruas e edificações, possibilitam uma legibilidade maior para que as pessoas reconheçam determinados lugares. A vegetação se mostra relevante, porque além de embelezar o ambiente funciona como meio de interação entre as atividades humanas com o meio ambiente.

Esses elementos, quando utilizados de forma planejada e visando o uso efetivo do espaço público, assim como o bem estar do usuário, conferem qualidade ao projeto do parque, por exemplo, e por isso sua avaliação se mostra importante para verificar como se dá a produção e uso destes espaços na cidade.

3 AVALIAÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO: A IMPORTÂNCIA DO USUÁRIO NA QUALIDADE DO PROJETO

Tendo os espaços públicos suas características qualitativas pertinentes para um bom projeto, a avaliação destes ambientes construídos se torna essencial para a retroalimentação do processo de projeto, potencializando os seus aspectos positivos assim como a indicação estratégias para minimização de seus aspectos negativos. Neste ponto, o usuário se torna um elemento fundamental para a caracterização da qualidade do espaço público. Quem utiliza o espaço pode fornecer informações ao pesquisador tanto a partir de observações comportamentais, aquelas onde são observadas as atitudes do usuário, a forma como usam o ambiente e as maneiras como interagem com o espaço construído e com as outras pessoas, como a partir da informação verbal, por entrevistas e questionários. Sendo assim, foi necessário um estudo sobre psicologia ambiental, campo de estudo surgido no final dos anos 1960 e fundamentado na abordagem dos psicólogos Barker e Wright que aborda as inter-relações entre ambiente e comportamento (ORNSTEIN *et al.*, 1995).

A psicologia ambiental enfatiza a dimensão física do ambiente e assim relaciona as percepções, atitudes e comportamentos do usuário com os aspectos físicos ambientais no entendimento de que estes estão imersos em sistemas mais amplos como os sistemas sociais, econômicos e políticos (CAMPOS-DE-CARVALHO *et al.*, 2011).

Para Bell *et al.* (1996), além de se preocupar com a construção de um conhecimento básico do comportamento humano e como este interage com o ambiente, a psicologia ambiental tem a premissa básica de que o sujeito e o ambiente afetam um ao outro de forma mútua. Também há uma ênfase a este estudo como uma unidade, ou seja, uma percepção holística. Sendo assim, o ambiente não pode ser estudado separado dos aspectos comportamentais do usuário sem a perda de informações importantes.

Segundo Günther e Rozestraten (2005), são seis os aspectos característicos da psicologia ambiental:

1. Gestalt – possui uma abordagem holística e tem foco no efeito que o ambiente provoca no organismo. Este efeito não é estudado de forma isolada do seu contexto e nem de maneira unidirecional;

2. Interrelação – baseia-se numa relação recíproca, ou seja, tanto o ambiente influencia no comportamento como o comportamento influencia o ambiente;
3. Psicologia social – aspecto citado por ter em comum vários temas com a psicologia ambiental, entre eles, o espaço pessoal, a superpopulação e os procedimentos metodológicos;
4. Interdisciplinaridade – a interface com outros profissionais que estudam o “mundo real” de seus respectivos pontos de vista é interessante e contribui para uma visão mais abrangente de determinados problemas. Para isso há uma necessidade de trabalho em conjunto com especialistas das demais áreas do conhecimento;
5. Multi-metodológica – a psicologia ambiental não utiliza uma abordagem metodológica única. Sendo assim, o problema que será analisado é que vai determinar a escolha da metodologia, sendo normalmente adotada uma pluralidade de métodos;
6. Pesquisa-ação – uma postura que o pesquisador procura contribuir, ao mesmo tempo, para a teoria e a prática de sua área.

O planejamento de ambientes construídos é um dos problemas visado pela psicologia ambiental, dentre outros como o tratamento de resíduos sólidos, relações de vizinhança, consequências de desastres naturais, etc. Quanto ao planejamento de ambientes construídos, este interesse está relacionado com o pós-guerra, momento no qual diversos países juntaram esforços para a reconstrução de espaços de habitação e convivência social e quando arquitetos e engenheiros buscaram ajuda de psicólogos para materializar esses projetos. Segundo Proshansky, responsável pela introdução e institucionalização da psicologia ambiental, essa área da psicologia tem uma preocupação com o planejamento de ambientes construídos com ênfase em compatibilizar características das edificações e os fins a que seriam destinadas, porém, as preocupações da psicologia ambiental ultrapassavam a produção de projetos arquitetônicos em uma busca para a produção da dignidade humana (FERREIRA, 2006).

Outras áreas do conhecimento além da psicologia ambiental estudam os temas que tratam das relações recíprocas entre as pessoas e o ambiente, como a arquitetura, o planejamento urbano, a geografia humana e social, a ergonomia e outras. Na psicologia, em se tratando dos problemas ambientais, os objetos de estudo variam entre planejamento

de edifícios e a percepção e avaliação ambientais. Segundo Günther (1991, *apud* FERREIRA, 2006), os interesses dos estudos em psicologia ambiental variam da percepção e cognição do ambiente, o efeito do ambiente no comportamento até as mudanças no planejamento e a preservação do meio ambiente.

Assim, os procedimentos metodológicos que envolvem a psicologia ambiental não são caracterizados por nenhum método particular de pesquisa. A recomendação seria de triangulação ou uma abordagem multimétodos pela vantagem de produzir resultados mais válidos (GÜNTHER, 2005).

A partir da psicologia ambiental deu-se origem a um subgrupo de estudos chamado Relações Ambiente-Comportamento (RACs), que são estudos interdisciplinares direcionados às relações biunívocas entre o ambiente construído e o comportamento do usuário numa abordagem voltada para o entendimento de como o ambiente afeta o comportamento do indivíduo e vice-versa (ORNSTEIN *et al.*, 1995)

A interdisciplinaridade tem relação com o estudo de um tema de forma conjunta a partir da perspectiva de duas ou mais disciplinas, o que pode culminar na criação de instrumentos de pesquisa específicos. E como um ponto muito importante dos estudos nas RACs, cabe ressaltar que, margeando cada área do conhecimento, estas possibilitam o estabelecimento de conexões que levam ao desenvolvimento de novos saberes e práticas, o que transforma esta relação entre áreas em uma produtiva resposta para as problematizações da atualidade (ELALI, PELUSO, 2011). Segundo Ornstein *et al* (1995), arquitetos de países desenvolvidos, há muito tempo, percebem a necessidade de estudos interdisciplinares para uma melhor apreensão do comportamento, necessidades e opinião dos usuários objetivando a concepção de projetos melhores e mais condizentes com a realidade de quem usa. A Avaliação Pós-Ocupação (APO) é uma importante ferramenta nesses estudos, pois possibilita a criação de diagnósticos, a partir de projetos existentes, e a criação de um banco de dados tanto da parte técnica e construtiva do ambiente quanto do comportamento, necessidades e níveis de satisfação do usuário.

Considera-se importante procurar entender como se dá a interação do usuário com o ambiente e como o primeiro percebe o segundo. Para isto o pesquisador pode procurar saber se o ambiente atende as necessidades das pessoas que utilizam determinado lugar e se o usuário se sente bem naquele ambiente. Para investigar tais interações serão analisados dois processos que juntos formam um entendimento do que se chama percepção ambiental: a percepção e a cognição.

Kuhnen (2011, p.250) coloca que a percepção “está relacionada ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno”. Reis e Lay (2006), baseados na literatura existente, colocam que a percepção é interação entre o espaço e o usuário exclusivamente através dos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar), sendo o mais utilizado a visão, com a qual o indivíduo terá o primeiro contato com o ambiente. Percebe-se então, que a percepção está ligada com a forma que um indivíduo se relaciona com o ambiente a partir de seus sentidos.

A importância do estudo da percepção - e do comportamento - ambiental se dá pela compreensão das inter-relações entre o homem e o ambiente construído em vários níveis, como nas expectativas, julgamentos e condutas. As ações humanas sobre o meio ambiente natural ou construído afetam a qualidade de vida e o bem-estar dos usuários. Esses estudos buscam aproximar o projeto do ambiente mais adequado ao ser humano (PANQUESTOR; RIGUETTI, 2008).

O outro conceito, de cognição, está relacionado com o processo de interação do usuário com o ambiente construído envolvendo os sentidos, como no primeiro conceito, mas também fatores registrados na nossa memória e personalidade. Higuchi *et al.* (2011, p. 105), utilizam o termo “cognição ambiental” como “um conceito genérico que diz respeito ao repertório de conhecimento construído pela pessoa acerca do ambiente e seus elementos constituintes, considerando as relações e inter-relações estabelecidas entre os mesmos”.

Segundo Reis e Lay (2006), entende-se a cognição como um processo de construção do sentido na mente formado através da experiência cotidiana, sendo complementar à percepção, quando esta é tratada exclusivamente como sensorial. A chamada cognição ambiental vai se relacionar com o aprendizado e a memória, através do armazenamento, organização, reconstrução e chamamento de imagens dos atributos ambientais que não estão disponíveis no ambiente físico num primeiro momento. Os indivíduos utilizam de seu conhecimento prévio e cultural para adaptação de suas atividades no lugar. A diferença entre a percepção, é que esta serve para explicar reações ao ambiente construído imediato baseadas, exclusivamente, nos sentidos, enquanto a cognição serve para explicar reações do indivíduo ao ambiente mais amplo baseada, além dos sentidos, no conhecimento prévio, valores e personalidade.

Correlacionando os dois conceitos com os aspectos do ambiente construído, podem-se destacar dois fatores: biofísicos, ligados à percepção, e psicossociais, ligados à

cognição. Os fatores biofísicos dizem respeito às características do ambiente, por exemplo, formas e tamanhos, cores, calor, contraste, etc. e estão relacionados com as propriedades presentes na paisagem. Já os fatores psicossociais estão relacionados com as experiências vividas pelo usuário em determinados momentos. Tais experiências se diversificam a partir de aspectos como valores culturais, diversidade étnica, ideologias políticas e socioeconômicas entre outras (HIGUCHI *et al.*, 2011)

O conhecimento da relação das pessoas com o ambiente construído, de como elas o percebem e o valoram, é uma informação crucial para que os que trabalham nessa área como gestores municipais, psicólogos, arquitetos, etc., possam planejar e atender às demandas sociais. É importante para o processo de projeto compreender que os aspectos físicos são parte de um espaço social e que junto com suas propriedades materiais produzem comportamentos específicos além de retratar aspectos culturais próprios das pessoas nele inseridas. Assim, um ambiente que possa ser legível para seus usuários reforça os potenciais da experiência humana tornando o espaço em um lugar (KUHNNEN, 2011).

Por uma questão de adequação de linguagem, para designar a interação entre o espaço construído e o usuário é utilizado apenas o termo relativo à percepção, como em percepção ambiental. Tendo em vista que os dois conceitos se complementam, observa-se que a análise e a avaliação do ambiente físico são realizadas por meio dos processos de percepção e cognição. Eles permitem estabelecer relações entre o indivíduo e o ambiente físico, baseadas em um conjunto de transações entre os estímulos sensoriais percebidos e as experiências prévias do usuário, como visto antes, as memórias, conhecimentos e personalidade. Assim, vê-se a importância de observar as atitudes dos usuários em relação a componentes ambientais específicos e também identificar como seu comportamento é influenciado pela percepção desses componentes, para assim ter uma boa análise de qualidade de projeto e do desempenho ambiental.

A percepção ambiental se mostra um tema interessante a ser estudado para complementar os métodos da APO voltados para a avaliação dos usuários para com a qualidade dos projetos dos espaços públicos. Esta avaliação, em conjunto com a avaliação técnica do ambiente construído, procura revelar os pontos positivos e negativos de determinado ambiente.

3.1 AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO PROJETO: A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO - APO

Como metodologia para a avaliação dos espaços selecionados para esta pesquisa serão utilizados métodos de Avaliação Pós-Ocupação (APO) pela sua abrangência em matéria de obtenção de dados tanto quantitativos quanto qualitativos e de sua devida importância para a avaliação do especialista e também do usuário.

Uma questão importante de se destacar para esta pesquisa é que ela visa abranger os estudos com utilização da APO em dois parques, visto que a maioria das bibliografias se refere a estudos desse tipo de avaliação em edificações, o que não diminui a utilização de tais métodos para espaços abertos, como poderá ser visto no decorrer do trabalho, porém, antes disso se faz necessário entender alguns conceitos a partir de diversos autores especialistas no tema assim como um breve histórico da utilização dessa metodologia no mundo e no Brasil.

A APO surgiu em paralelo aos estudos ligados com a relação entre ambiente e comportamento numa área do conhecimento chamada, entre outras terminologias, Psicologia Ambiental ou Percepção Ambiental, com os pesquisadores Roger Barker e Herbert Wright, da Universidade de Kansas nos Estados Unidos.

Em meados da década de 1960, procurando um caminho para adaptar o planejamento físico às necessidades humanas, tentando entender as relações entre o ambiente e o comportamento, surge a área de estudo chamada de Ambiente-Comportamento, também denominado por alguns autores como psicologia ambiental (CANTER, 1977), psicologia ecológica (BARKER, 1968) ou percepção ambiental (LYNCH, 1960). Essa área de estudo envolve várias outras disciplinas, como arquitetura, geografia, psicologia, sociologia, etc. Logo os autores dessas teorias propuseram que os ambientes fossem estudados a partir da percepção de seus usuários. Além de enfatizarem o caráter multidisciplinar, estudando como a cidade é percebida pelos seus habitantes e as relações entre o espaço construído e tipos de comportamento.

Segundo Del Rio (1996, *apud* SILVA, 2009) a avaliação do ambiente construído que leva em consideração a opinião do usuário teve início nos países desenvolvidos devido à insatisfação dos moradores de conjuntos habitacionais que eram construídos em larga escala no pós-guerra. Nos Estados Unidos surgiu o estudo analítico-científico que tinha o objetivo de determinar o desempenho das edificações e impôs um campo de pesquisa denominado Avaliação Pós-Ocupação. Em 1960 foram iniciados estudos em

conjuntos habitacionais com aspectos negativos onde foram observadas as necessidades dos usuários e suas opiniões para a melhoria da moradia. Como consequência, houve a demolição de determinados edifícios residenciais devido a total inadequação às necessidades de seus usuários. Dentre eles, o primeiro foi o Conjunto Pruitt-Igoe em St. Louis, Estados Unidos, construído em 1951 e demolido em 1972 a pedido dos moradores, um projeto, vencedor de concurso de arquitetura, do arquiteto Minoru Yamasaki. Outro exemplo foi o Conjunto habitacional Killingworth, situado no norte da Inglaterra e construído em 1972, devido a problemas projetuais que viabilizaram o aumento do vandalismo e outros problemas sociais, o conjunto foi demolido em 1988.

Com isto, vê-se a necessidade de entender o projeto não apenas pela visão técnica do projetista, mas também pela visão de quem realmente utiliza o ambiente projetado. A APO engloba essas duas visões para a retroalimentação do processo de projeto buscando criar diretrizes para uma concepção, construção e adequação de ambientes que possam atender as reais necessidades dos usuários.

Para melhor entendimento do que vem a ser a Avaliação Pós-Ocupação – APO, seguem alguns conceitos:

Segundo o *Federal Facilities Council* (2001):

“Avaliação Pós-Ocupação (APO) é um processo de avaliação sistemático do desempenho das edificações depois de construídas e ocupadas por um tempo. Ela difere de outros tipos de avaliações por focar na avaliação/opinião dos usuários sobre saúde, segurança, funcionalidade e eficiência, conforto psicológico, qualidade estética e satisfação” (2001, p. 01) [Tradução do autor]

Para Vischer (2001), uma Avaliação Pós-Ocupação significa toda abordagem que produza o interesse na aprendizagem do desempenho das edificações observando se as mesmas satisfazem seus usuários com o ambiente criado; considerando que bons espaços de vivência podem ser projetados a partir da opinião daqueles que os utilizam.

Ornstein (1992) considera a APO como sendo uma metodologia de avaliação de desempenho de ambientes construídos que prioriza os aspectos do uso, sendo necessário o apoio do usuário para análise deste aspecto, ainda sendo um mecanismo que serve para auxiliar no controle de qualidade.

Já o *Guide to Post Occupancy Evaluation* (2006) coloca que a Avaliação Pós-ocupação é uma forma de prover um *feedback* de um ambiente construído desde sua concepção inicial até a ocupação.

Reis e Lay (1994) explicam que a Avaliação Pós-Ocupação é um método utilizado por pesquisadores da área Ambiente e Comportamento na avaliação de desempenho de ambientes construídos. Este método é entendido “como um instrumental que tem a capacidade de aferir por realimentação os erros e acertos encontrados no objeto de estudo avaliado a partir do ponto de vista dos usuários [...]”. (p.28). Os autores ainda frisam que APO não é uma área do conhecimento, mas um método de avaliação de desempenho.

A APO refere-se tanto aos aspectos positivos quanto negativos para uma maior compreensão do ambiente e também de sua relação com os que frequentam o ambiente avaliado. Tais análises servem de base para novos estudos e a avaliação e criação de projetos futuros. Isto gera diretrizes que podem ser usadas de forma decisiva para novas criações que possam ter uma qualidade de projeto melhor e que não precisem de tantas modificações no futuro. E, principalmente, que visem o bem-estar do usuário, componente essencial para a avaliação do espaço construído, visto que o principal “utilizador” é que tem a melhor noção de uso do lugar.

Outro fator que torna importante a utilização da APO é que a produção de objetos arquitetônicos repetitivos sem a avaliação dos seus resultados limita a capacidade de elaboração de normas que são importantes para o desenvolvimento social e econômico esperado para um ambiente que alcance uma qualidade de projeto satisfatória. Ornstein (1992) ainda coloca que esta metodologia tem como base a avaliação de fatores tanto técnicos como comportamentais do ambiente em uso com a utilização da opinião de técnicos (especialistas) e também dos usuários para diagnosticar aspectos positivos e negativos. Para, a partir daí, propor recomendações que minimizem ou corrijam os problemas detectados e utilizar tais resultados para aperfeiçoar o desenvolvimento de projetos futuros.

As vantagens dos estudos de avaliação de modo geral, segundo a autora, são:

- Propor recomendações sobre problemas técnico-construtivos, funcionais e comportamentais para o objeto de estudo;
- Envolver projetistas, clientes e usuários no próprio processo de avaliação e de decisão, seja ela de caráter físico ou organizacional;
- Conscientizar os principais agentes (usuários-chave) envolvidos no uso, operação e manutenção do objeto de avaliação, no sentido da conservação e otimização do patrimônio imóvel, pois este fator está associado ao bem-estar e à produtividade dos ocupantes;

- Controlar a qualidade do ambiente construído no decorrer de seu uso, minimizando custos de manutenção e de intervenções físicas propostas;
- Desenvolver manuais de manutenção e operação para ambientes construídos em uso;
- Desenvolver plano diretor de ‘rearranjo’, flexibilização e/ou expansão dos espaços de ambientes construídos já em uso, para maior adequação destes a funções diferenciadas e a avanços tecnológicos na área de comunicação e de informática;
- Desenvolver manuais/diretrizes de projeto, critérios, padrões e normas para projetos futuros de ambientes construídos semelhantes.

A Avaliação Pós-Ocupação é composta por dois tipos de avaliação: a avaliação dos técnicos, que abrange ensaios em laboratórios ou *in loco*, isto é, com ou sem o controle das condições ambientais de exposição. E a avaliação a partir do ponto de vista dos usuários (comportamental), que se concentra nas expectativas psicocomportamentais dos usuários do ambiente construído. A APO busca uma união desses dois tipos de avaliação pretendendo se configurar em uma avaliação global do ambiente construído.

Preiser (1987, *apud* REIS, LAY, 2006) coloca que uma APO tem como característica peculiar o uso de várias técnicas de pesquisa para a avaliação do desempenho físico do ambiente construído a partir da opinião dos usuários.

Este tipo de avaliação se dá pelo somatório de diversos elementos de desempenho fazendo uma relação com o objetivo de propagar informações baseadas em seus resultados àqueles que usam os ambientes estudados. Há uma ênfase, durante o processo de avaliação, na melhoria da qualidade de vida da população envolvida através da otimização de desempenho ambiental. Para uma melhor operacionalização de uma APO, sugere-se a utilização simultânea de vários métodos e técnicas existentes, e a escolha destes depende do tipo específico do problema a ser investigado. A aplicação dessa variedade de métodos e técnicas sobre um mesmo fenômeno permite contrabalancear os desvios e tendências que existem em cada método escolhido, já que se pode assumir que as técnicas utilizadas com cada método apresentam diferentes desvios. Assim, o uso simultâneo de métodos diferentes serve para validar os resultados e afirmar a confiabilidade e qualidade da pesquisa (REIS, LAY, 2006).

3.2 QUALIDADE DO PROJETO DO ESPAÇO PÚBLICO

Segundo Reis e Lay (2006), existem alguns parâmetros que são utilizados para aferir a qualidade de um projeto, eles servem para avaliar o desempenho do espaço construído. São condições propostas que estão fundamentadas na natureza de tais aspectos físicos quanto à estética, ao uso e à estrutura do espaço construído em relação à malha urbana. Essas categorias remetem aos três aspectos de projeto tratados por Lynch e Hack (1984): o padrão da forma percebida (estética), o padrão de circulação (estrutura) e o padrão de atividades (uso). Tais características se mostram complementares na medida em que se verifica que uma aparência satisfatória não é tida como uma condição única para qualificar o espaço urbano.

A estética é a categoria que se encaixa nos elementos da morfologia urbana que estimulam os nossos sentidos, ela está ligada a atributos formais de setores e demais aspectos sensoriais associados, sendo dominantes as sensações visuais. O aspecto visual de um projeto é um dos fatores considerados na análise do impacto ambiental. A importância da estética no ambiente construído pode ser percebida no melhoramento da qualidade visual dos espaços urbanos, é preciso entender como os aspectos visuais desses espaços afetam os seus usuários direta ou indiretamente. Apesar da maior associação com a estética sensorial visual, esta categoria também diz respeito à estética simbólica, em que associações com a forma são estabelecidas através do processo de cognição. A atração ou repulsa dos indivíduos para determinado espaço dependerá do quão este lugar é atrativo a depender da percepção que o usuário tenha do mesmo (REIS; LAY. 2006).

Quanto à estrutura, fazem parte os elementos da morfologia urbana ligados a conexão visual e funcional entre as distintas edificações e espaços abertos. Ela forma uma imagem ambiental coerente dos distintos setores urbanos. É importante o acesso dos usuários a uma conexão de diferentes edificações e espaços urbanos numa estrutura coerente possibilitando a eles formar imagens do sistema urbano. A estrutura também é determinada pela permeabilidade ao lugar, característica físico-espacial que define onde as pessoas podem ir e onde não podem. Essa categoria também depende da legibilidade, quanto mais fácil de identificar características importantes de acessibilidade para o espaço, melhor. Para que o ambiente seja considerado legível, o mesmo precisa se apresentar para o usuário/observador de forma estruturada e com determinadas qualidades que despertem a apreciação (SOUZA, 2009). Outro fator importante é que o espaço não

deve privar os usuários que estão de fora da vista interior do lugar. Os usuários se sentem mais seguros de adentrar em certos espaços quando eles podem visualizar de fora o que os espera em seu interior. Os layouts que podem ser compreendidos facilmente possibilitam às pessoas formarem imagens claras e precisas da estrutura urbana. A estrutura ainda está ligada com a imageabilidade, importante característica da qualidade visual da imagem urbana que remete à capacidade de uma imagem ser forte o suficiente para se impor facilmente na memória do observador quando evocada (REIS, LAY, 2006).

Como terceira categoria, tem-se o uso, na qual estão inseridos os elementos da morfologia urbana que afetam o uso das edificações e dos espaços urbanos. Mesmo com uma estética agradável, o espaço necessita de um uso adequado. Ele é visto como um dos pré-requisitos para a avaliação de um espaço aberto satisfatório. Quanto mais usos o espaços tiver, mais atrativo ele será, o que é de grande importância, pois os usuários tendem a ser atraídos também por lugares movimentados e evitam espaços desertos. O uso dado a determinado espaço também tem o intuito de possibilitar associações e estimular os sentidos e, conseqüentemente, a experiência estética. A diversidade de atividades disponibilizadas aumenta a escolha, atraindo diferentes pessoas, em períodos diferentes, por razões variadas. O uso pode ser afetado pela flexibilidade e adequação dos espaços. A flexibilidade afeta o grau com que um determinado local pode ser utilizado para diferentes propósitos; lugares mais flexíveis oferecem mais escolha do que lugares cujos desenhos possibilitam um único tipo de uso (BENTLEY ET AL., 1987 *apud* REIS, LAY, 2006).

Segundo Jacobs (2009), há uma associação de fatores negativos que geram a incapacidade da vizinhança de vincular-se com paixão a um parque local. Os fatores são: diversidade de uso insuficiente e a diversidade e a vida que existem são dispersas e dissipadas entre muitos parques com características similares. Se as pessoas tiverem uma multiplicidade de motivos que as façam frequentar tais lugares, eles se tornarão muito usados. Mas se cada um de seus espaços for igual aos outros e transmitir a mesma sensação em cada lugar, não haverá motivos para frequentá-los várias vezes.

Os parques são diretamente afetados pela maneira como a vizinhança interfere neles. Tal interferência vai depender dos atrativos que o espaço oferece, como o prazer do lazer, com os outros e com a cidade. O entorno também é fator importante para a utilização do espaço público, a variedade de usos dos edifícios vizinhos propicia ao

parque uma variedade de usuários que nele entram e saem em horários diferentes, fazendo assim com que o ele tenha uma sucessão complexa de usos e usuários (JACOBS, 2009).

As características citadas formam um conjunto de fatores que determinam a qualidade do espaço público. Antes de seguir esta abordagem, torna-se importante a definição do que seria “qualidade” para possibilitar um entendimento mais abrangente de como as características citadas são relevantes para qualidade do projeto de um espaço público.

Segundo Elali (2010), há uma tendência de cada pessoa ter a própria definição de qualidade, porém, a Associação Norte-Americana da Qualidade (ASQ) se utiliza de dois significados para o uso técnico do termo quando usado para definir um produto ou serviço. O primeiro é que este tenha a capacidade de satisfazer as necessidades declaradas ou implícitas; e o segundo é que ele esteja livre de deficiências, o que implica em dois tipos de ações: a prevenção de defeitos (garantia de qualidade) e a detecção de defeitos (controle de qualidade). Para a ASQ, “qualidade é o grau até o qual um conjunto de características inerentes a um produto satisfaz as necessidades de seus usuários [...]”, e apesar de para se ter qualidade ter que investir e gerar custos, a ausência dela gera custo maior. Em relação aos espaços públicos, a falta de qualidade gera a falta de uso e abandono, conseqüentemente possibilitando práticas de vandalismo e o mau uso do espaço.

Para Voordt e Wegen (2005, *apud* FABRÍCIO et al.2010), o conceito de qualidade em projetos de edifícios ultrapassa o conceito inicial de qualidade apenas arquitetônica como a meta a ser alcançada pelo ambiente construído. Na qualidade do espaço a relação custo-benefício deve ser equilibrada em consideração a outros aspectos como a forma, a função e a técnica utilizada. Parte-se daí a importância de uma avaliação de desempenho continuada no processo de projeto, assim, neste processo, preza-se pelas necessidades do usuário desde as etapas iniciais do projeto, o que diminui os riscos nas etapas seguintes (construção, uso, operação e manutenção), que se tornam mais onerosas em se tratando de manutenção corretiva. Nota-se, a partir do mencionado, que tal conceito se aplica não somente ao projeto de edifícios, mas também ao espaço de uso público, como as praças e parques.

Existem determinadas características da qualidade dos espaços públicos – praças, parques e áreas verdes - que atraem os usuários segundo Macedo *et al* (2010 *apud* SILVA *et al*, 2011), que são: uma boa localização do espaço, os serviços oferecidos, a variedade

de atividades disponíveis, a paisagem, a abertura para conexão entre as pessoas e o entorno, a relação do espaço com o contexto social e cultural da cidade e a acessibilidade.

Para Souza (2009), Os fatores que contribuem, nesses espaços, para a qualidade de vida dos usuários são: o sentimento, por parte de quem usa, de proteção física, segurança, conforto e liberdade. E para que o ambiente seja considerado saudável, é necessário que o mesmo apresente elementos estéticos e biológicos que favoreçam a permanência do usuário assim como o convívio social da comunidade, o que inclui aqui, entre outras, uma preocupação com a acessibilidade do espaço.

É importante observar os equipamentos dos espaços públicos com relação à qualidade do lugar. O modo de conservação desses equipamentos serve como indicativos de uso e conseqüentemente para a mensuração das percepções, atitudes e comportamento dos usuários. Tais características físicas, como bancos e lixeiras quebrados, pichações e equipamentos quebrados, influenciam na ocorrência ou não de determinados tipos de comportamento (REIS, LAYS, 2006; PÁRAMO, 2010).

Ainda com relação aos equipamentos, a falta de banheiros/sanitários e lixeiras pode servir como justificativa para a diminuição da utilização de diversos espaços públicos, tornando-os pouco atrativos pela carência de infraestrutura diversificada e do bom estado de conservação, o que acarreta no uso indevido desses espaços, como com o uso de drogas (GOMES *et al* 2012).

A distribuição dos parques e praças pela cidade está relacionada com a qualidade dos mesmos, pois enquanto em certos bairros, geralmente ocupados por camadas de alto poder aquisitivo, há mais de uma praça ou área verde, outros são desprovidos desses espaços, o que ocorre em bairros de baixa renda. A distribuição mais igualitária dessas áreas é essencial para a promoção da cidadania dentro da comunidade. É visível e destacada por vários autores a associação dessas implantações com a especulação imobiliária, o que favorece a segregação social e a diminuição da diversidade social (GOMES, SOARES, 2003).

É perceptível a importância dos espaços públicos para o desenvolvimento das cidades e, principalmente, para manter a integração delas com seus habitantes. Tendo isto como base, os autores Jan Gehl, Lars Gemzøe e Sia Karnaes agruparam em 12 pontos as características que permitem caracterizar um lugar como bom espaço público ou não. A seguir, um resumo dos 12 critérios:

1. Proteção contra o tráfego: as cidades devem oferecer segurança aos pedestres para que os mesmos possam se locomover em segurança pelas ruas;
2. Segurança nos espaços públicos: é necessário que nestes espaços haja a circulação constante de pessoas tanto de dia quanto à noite, por isso a importância da boa iluminação;
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis: os lugares públicos precisam fornecer aos usuários áreas adequadas para a proteção contra a incidência direta da luz solar e o calor, da chuva, do vento. As áreas verdes amenizam as altas temperaturas, a poluição e o barulho;
4. Espaços para caminhar: as fachadas devem ser interessantes para possibilitar uma experiência agradável durante o caminhar. A ausência de obstáculos, assim como ter superfícies regulares e acessibilidade fornece conforto ao pedestre;
5. Espaços para permanência: os espaços públicos devem ser agradáveis para que as pessoas possam permanecer por grandes intervalos de tempo e apreciar as fachadas e paisagens que a cidade oferece;
6. Ter onde sentar: a quantidade de mobiliário urbano é importante para possibilitar a permanência das pessoas nos parques e praças de maior movimento, assim como destinar esses lugares de acordo com as características esperadas, como lugares para descanso, para lazer, leitura, etc.;
7. Possibilidade de observar: as vistas e paisagens devem estar a vista dos observadores;
8. Oportunidade de conversar: o mobiliário urbano deve ser convidativo e fomentador da interação entre pessoas. Estes lugares devem ser protegidos contra eventuais ruídos;
9. Locais para se exercitar: com o objetivo de incentivar um estilo de vida menos sedentário;
10. Escala humana: Prédios e espaços projetados para a escala humana. A cidade deve ser vista da perspectiva dos olhos das pessoas;
11. Possibilidade de aproveitar o clima: os espaços devem ser criados de forma que se relacionem com o clima e a topografia da cidade, potencializando assim as atividades desenvolvidas;

12. Boa experiência sensorial: As árvores, plantas e cursos d'água fornecem essa experiência transformando a permanência e passagem dos usuários numa experiência agradável.

Esses critérios podem ser utilizados para criar uma bateria de ideias e intervenções que podem ser implementadas em espaços públicos futuros ou executadas em lugares já existentes e que contam com certas deficiências (BARATTO, 2013).

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Com a conclusão deste capítulo fica claro que todas estas medidas analisadas, desde a utilização da APO como da Psicologia Ambiental, formam um conjunto que serve de guia para observar a qualidade do espaço público urbano. O fator mais importante para a investigação e caracterização da qualidade ou não do espaço estudado será o usuário. Este, a partir de sua vivência no lugar terá opiniões relevantes sobre o mesmo, visto que, mesmo quando um ambiente apresenta características físicas que o caracterizariam como um espaço de qualidade, na visão do usuário pode não ser. É considerável que haja uma união entre a boa qualidade dos aspectos físicos e técnicos do espaço público com a satisfação das pessoas que o utilizam, por isso a importância de uma avaliação da satisfação do usuário a partir de uma abordagem perceptiva e cognitiva.

A partir dos parâmetros estudados com relação à qualidade do espaço público e a importância de uma avaliação que englobe os aspectos técnicos e construtivos assim como a percepção do usuário foram escolhidos os métodos e técnicas utilizados para responder como vem acontecendo a produção e o uso dos parques estudados nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Tendo como base a metodologia usada por Sun Alex (2006) para a caracterização de praças, foram seguidas duas etapas de estudos. A primeira etapa se deu por uma análise feita dos espaços estudados de forma geral tendo como base a avaliação dos seguintes critérios:

- Contexto – Análise global do contexto em que o espaço se encontra atualmente;
- Tecido urbano – Avaliação do comportamento do ambiente construído na imagem da cidade;
- Entorno – Caracterização do entorno e a influência disto na utilização do parque.

A avaliação do segundo critério (tecido urbano) no qual o espaço se insere foi feita com base nos cinco tipos formais de elementos imagísticos citados por Kevin Lynch (1997), que são: vias, marcos, limites, pontos nodais e bairros. Logo, os parques escolhidos foram avaliados de forma que se tenham informações de como eles estão caracterizados no tecido urbano da cidade.

Na segunda etapa foram analisadas as características físicas e de uso a partir dos critérios abaixo descritos:

- Situação atual e de usos – análise de como o espaço se encontra e os tipos de usos que podem ser feitos no ambiente de acordo com o projeto;
- Não conformidades – análise de aspectos que não condizem com o ambiente em questão, como equipamentos quebrados, falta de acessibilidade, etc;

Nesta etapa houve a utilização de um checklist (ANEXO I) adaptado de Gomes *et al.* (2012) pelo autor deste trabalho para adequação à proposta estudada envolvendo os equipamentos dos espaços analisados.

Feitas estas considerações, os instrumentos utilizados no trabalho, a forma como foram utilizados assim como a sequência de uso foi a seguinte:

Os instrumentos que foram utilizados na pesquisa procuram avaliar os aspectos quantitativos e qualitativos dos objetos estudados assim como os aspectos comportamentais dos usuários. Para isto, optou-se pela utilização de métodos e técnicas que abordassem tanto as características físicas construtivas, como checklist e as observações dos equipamentos, e também as subjetivas, com mapeamento comportamental, as entrevistas e questionários. Como base para a criação dos

questionários, a Teoria das Facetas (TF) foi usada apenas para facilitar a criação de perguntas mais focadas no objetivo da pesquisa.

Segundo Canter e Kenny (1982, *apud* MONTEIRO, 1994), sem a compreensão do foco do ambiente físico no cotidiano das pessoas fica difícil o que medir e como discutir a significância das relações encontradas entre o ambiente e a ação humana. A TF trabalha na tentativa de responder não só as preocupações teóricas como também as metodológicas. Esta teoria, aplicada aos estudos de avaliação ambiental vem demonstrando ser de grande validade ao proporcionar uma descrição dos vários componentes do ambiente além de explorar as formas como estes são experienciados pelos usuários.

Para Bilsky (2003), A TF se trata de um procedimento de pesquisa que abrange três aspectos:

1. Oferece princípios para o delineamento de pesquisas de coleta sistemática de dados facilitando o desenvolvimento de teorias;
2. Fornece uma gama de métodos para a análise de dados com um mínimo de restrições estatísticas, apresentando a possibilidade de analisar tanto variáveis psicológicas como sociais;
3. Possibilita o relacionamento entre o delineamento da pesquisa, o registro de dados e a sua análise estatística, facilitando a expressão de suposições teóricas (hipóteses) de forma que se pode examinar empiricamente sua validade.

Esta forma de avaliação é definida como “uma medida sobre a extensão em que os atributos ou partes constituintes de um ambiente facilita ou dificulta as ações das pessoas visando alcançar determinados objetivos” (MONTEIRO, 1994, p.57). Para isso, é preciso um prévio conhecimento do objeto estudado, o que pode ser alcançado tanto por explorações *in loco* como por literatura sobre o assunto. A partir daí se estabelece hipótese na qual se avalia um grupo de elementos (facetas) considerados importantes para o estudo e suas relações com outros aspectos (outras facetas) também considerados importantes.

Existem três tipos básicos de facetas:

1. *Background*: a população, usuários ou fornecedores de descrição;
2. Domínio: uma descrição do objeto estudado;

3. Racional Comum: possíveis respostas da população sobre o objeto estudado, geralmente em uma escala de valores.

A partir de pesquisas anteriores, percebe-se a existência de três facetas básicas de avaliação ambiental, as quais representam cada uma um componente do lugar, são elas:

- a) Foco: considera a existência de elementos centrais na experiência de um lugar;
- b) Referente: apresenta os diferentes aspectos pelos quais as pessoas baseiam suas avaliações;
- c) Nível: analisa a existência de diferenças entre o uso dos espaços, por exemplo, de uma casa em comparação da cidade.

Com o auxílio dessas três facetas básicas, forma-se uma sentença estruturadora e, de maneira prática e racional, desenvolvem-se os instrumentos da pesquisa relacionando entre si os elementos de cada faceta. Isto é feito como em uma análise matemática de combinações. Assim, tem-se um guia que serve para orientação das observações a serem feitas ou dos itens a serem medidos e avaliados (APÊNDICE I). A TF proporciona uma forma de compreender a complexa relação entre o homem e o meio ambiente. Ela também promove a possibilidade de melhoras tanto na qualidade do ambiente construído como na qualidade de vida da população (MONTEIRO, 1994).

A Teoria das Facetas foi escolhida como base para a formação dos questionários por proporcionar uma visão geral de vários aspectos (facetas) físicos dos parques estudados, a partir desta visão foi possível elencar características teóricas e empíricas que auxiliaram na criação das perguntas e facilitaram a organização das mesmas no documento que foi aplicado. Ao mesmo tempo em que se estudava como seriam realizados os questionários também foi feita uma análise da população que os responderia e que seria entrevistada.

A população-alvo foi caracterizada durante as observações *in loco* a partir da visualização das pessoas que frequentam o local. Por se tratarem de espaços abertos, pessoas das mais variadas idades os utilizam, assim, a população-alvo foi dividida entre jovens e adultos, algumas outras características analisadas no instrumento para a caracterização desta população foram grau de escolaridade, estado civil, etc. De acordo com Elali (2010), quanto mais detalhada a caracterização desta população, mais fácil a probabilidade de entendimento de suas necessidades quanto ao projeto/ambiente

analisado além de contribuir na busca de métodos propícios para atender nas possíveis intervenções. Esta caracterização, no geral, faz uma avaliação minuciosa das características e práticas sociais dos usuários, o que possibilita a compreensão dos seguintes fatores:

- As diferentes modalidades de usos do local em função do tempo (manhã, tarde ou noite, dias da semana ou finais de semana, etc.);
- Condições de segurança existentes e desejadas;
- Condições socioculturais e econômicas das diversas categorias de usuários e o tempo que passam no local;
- Organizações sociais e culturais atuantes na área.

Além da TF para o auxílio na criação dos questionários e entrevistas, alguns métodos e técnicas são de grande utilidade para a realização de uma APO em espaço público.

As **Observações** são um método bastante utilizado em ciências sociais e na interação do usuário com o ambiente, principalmente em conjunto com outros métodos. As observações podem mostrar confirmações ou desajustes do ambiente construído em relação às conceituações tradicionais e o conhecimento literário, além de serem procedimentos importantes para a construção do conhecimento objetivado (ORNSTEIN *et al.* 1995).

Para Bell *et al.* (1996), a observação tem a vantagem de obter informações *in loco* observando o comportamento no momento em que o mesmo acontece. Para os autores, esta é uma das técnicas mais utilizadas na psicologia ambiental ficando atrás apenas dos questionários.

Em conjunto com as observações foram feitas anotações comportamentais (**mapas comportamentais**) dos usuários e de usos que os mesmos desempenham no ambiente estudado. Os mapas comportamentais são anotações sistemáticas do comportamento ativo ou passivo e devem descrever os aspectos das atividades coletivas e individuais, o tipo dessas atividades e o local onde elas são realizadas (ORNSTEIN, ONO, 2010).

O ato de observar é importante para a verificação dos aspectos físicos, da qualidade do projeto e do comportamento do usuário. Com a observação exploratória (**walkthrough**), analisa-se o desempenho físico. Já as observações de comportamento dos usuários servem como auxílio na compreensão das dinâmicas das RACs e fornecem

informações para a elaboração dos questionários e entrevistas (ORNSTEIN *et al.* 1995). O walkthrough é uma técnica de inspeção que pode ser realizada com o auxílio do checklist para investigação do ambiente e suas características físicas. Nesta etapa são feitas anotações e também um registro fotográfico para análises posteriores sobre aspectos que, por ventura, tenham passado despercebido no momento da inspeção (ORNSTEIN, ONO, 2010).

As observações foram realizadas em dias e horários variados, porém, que cobrissem manhã, tarde e noite e no período de uma semana em cada espaço estudado. Foi utilizado um caderno de anotações como diário para anotações técnicas de desempenho físico, como problemas no piso, nos bancos, etc. Durante as observações, foram cobertos e anotados tanto os aspectos físicos como os comportamentais, nos quais foram analisadas todas as ações realizadas pelos usuários individuais ou em grupo dentro do parque.

O **Checklist** de acordo com Ornstein e Ono (2010) é um guia detalhado preparado para a avaliação dos aspectos construtivos do ambiente. Este instrumento é importante para avaliar a qualidade do espaço como patologias construtivas, conforto ambiental dentre outros aspectos que comprometem a percepção dos usuários (ORNSTEIN; MORAES; SARMENTO, 2011).

O checklist foi realizado posteriormente às observações. O mesmo buscou avaliar os equipamentos existentes, a quantidade desses equipamentos, sua distribuição e conservação, o mesmo critério se aplicando para a vegetação.

Entrevistas segundo Bell *et al.* (1996), são a maneira mais direta de medir as atitudes, comportamentos e o humor dos usuários é perguntando como eles se sentem e o que acham de determinado assunto. As entrevistas individuais são meios úteis de conseguir informações específicas e detalhadas, além de um profundo entendimento de problemas particulares. Elas propiciam uma exploração mais detalhada dos problemas vivenciados pelos usuários (GUIDE TO POST OCCUPANCY EVALUATION, 2007).

Para Rheingantz *et al.* (2011), a grande questão da entrevista é a conversa gerada entre as duas pessoas – pesquisador e respondente – em torno das respostas dadas pelas questões formuladas, nestes casos, o pesquisado pode se valer da comunicação não-verbal que também transmite informações importantes. Os autores ainda colocam que existem três tipos básicos de entrevista: a estruturada, quando o entrevistador segue um roteiro prévio e impresso em formulário que se assemelha ao questionário com a diferença apenas

no procedimento de resposta. A semi-estruturada, onde o entrevistador prepara um esquema básico ou um conjunto de perguntas que não precisam ser aplicadas numa ordem sequencial. E a não-estruturada, na qual o respondente é apenas solicitado a expressar seus sentimentos e opiniões a respeito de determinado tema sem sugestões diretivas ou questões e roteiros previamente preparados.

Os questionários e as entrevistas complementam o método das observações. Eles são muito utilizados porque fornecem uma análise entre os registros e documentações oficiais e a versão dos usuários sobre as condições do ambiente construído. São ajustáveis a vários tipos de pesquisas (ORNSTEIN *et al.* 1995).

Foram realizadas 20 entrevistas semi-estruturadas com os usuários, 10 com os usuários do Parque Municipal Ceci Cunha e 10 com os usuários do Bosque das Arapiracas. Houve certa flexibilidade na formulação das questões e a utilização de um roteiro como guia. Assim, as entrevistas foram importantes para a captação de aspectos subjetivos e qualitativos tanto dos usuários quanto dos espaços estudados. A partir delas também houve um melhor embasamento para a formulação de perguntas objetivas para os questionários.

Sobre os **Questionários**, na APO, a sua aplicação para pesquisa exploratória verifica, em relação aos usuários entrevistados, os seguintes tópicos: Atributos (o que as pessoas são, como – sexo, idade, classe social, nível de instrução), Atitudes (preferências e sentimentos das pessoas em relação a alguma coisa), Comportamento (hábitos, o que as pessoas rotineiramente fazem ou pretendem fazer) e Crenças (o que as pessoas consideram verdadeiro ou falso em relação a um determinado assunto). Para Rheingantz *et al.* (2009, p.79), o questionário é “um instrumento de pesquisa que contém uma série ordenada de perguntas relacionadas com um determinado assunto ou problema, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do pesquisador”. Porém, quando os questionários são respondidos com a presença do pesquisador, são chamados de entrevistas estruturadas. No geral, os questionários possuem um caráter impessoal e garantem a não identificação do respondente, o que favorece a liberdade de resposta e o anonimato (BELL *et al.*, 1996; RHEINGANTZ *et al.*, 2009), como desvantagens, estão: a impossibilidade de aplicação com crianças e analfabetos e as baixas taxas de retorno. Eles também podem ser enviados por correio, e-mail e disponibilizado na internet.

Para Kaplan (2002), a internet pode ajudar na criação de questionários com uma aparência atrativa que chame a atenção do respondente além de ser uma maneira fácil de oferecer um feedback para os próprios respondentes na criação de um banco de dados aberto ao público na rede, além de ser uma alternativa ao tornar o trabalho mais barato e eficaz. O questionário online também é vantajoso por atingir pessoas que não se encontram no local objeto de estudo, mas que têm uma opinião sobre o mesmo. A desvantagem é que o instrumento fica na rede, onde o respondente pode esquecer-se de responder, o que também acontece quando os questionários são entregues para serem recebidos posteriormente.

Segundo o *Guide to Post Occupancy Evaluation* (2007), o questionário é um meio de conseguir informações de um grande número de pessoas. É possível conseguir informações quantitativas dos usuários finais e permite fazer comparações entre as partes do ambiente avaliadas.

Os questionários, antes de serem aplicados na população amostral representativa de usuários do ambiente, foram testados em um pequeno número de pessoas, visando garantir a confiabilidade dos resultados. O **pré-teste** é a base do questionário definitivo e é construído a partir dos objetivos da APO, entrevistas com pessoas chave e as observações do avaliador no decorrer das visitas exploratórias (ORSTEIN, 1992).

A partir do pré-teste, o questionário final foi aperfeiçoado com a criação de novas perguntas ou o melhoramento de perguntas já existentes com o intuito de eliminar as dúvidas que surgiram nas mesmas por parte dos usuários. Foi aplicado um questionário virtual com 48 pessoas, este na intenção de obter informações sobre os espaços públicos abertos da cidade como um todo visando colher dados sobre as formas de uso desses espaços. A partir dele, ficou estabelecida a importância de focar a pesquisa nos dois principais parques citados pelos usuários e observados na cidade, os quais são os objetos de estudo do presente trabalho.

Uma das limitações com relação a utilização das entrevistas e questionários face a face se deu por conta da recusa de pessoas em participar da pesquisa. Levando em consideração as dificuldades de levantamento das informações com os usuários, bem como a literatura sobre amostragem (BARBETTA, 2006 MORETIN, BUSSAB, 2010), foi estabelecido a aplicação de 25 questionários e 10 entrevistas em cada área, totalizando 50 questionários e 20 entrevistas. Também foi constatado uma maior participação, em menor tempo, de pessoas para com os questionários online.

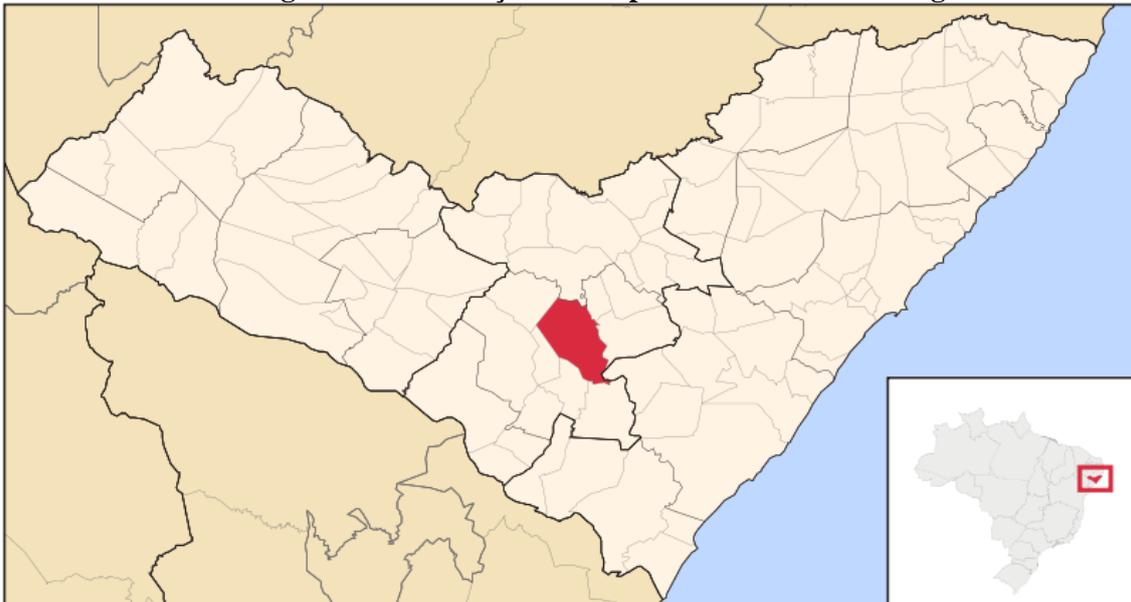
Com o levantamento dos dados realizado, partiu-se para a tabulação e análise dos mesmos. Com os resultados das observações foram criados mapas de uso dos parques estudados, as análises foram feitas a partir da maneira que as pessoas utilizavam a várias partes dos parques. Já os resultados dos checklists foram quantificados em uma tabela de checagem para, em seguida, gerar uma listagem quantitativa dos equipamentos presentes assim como suas condições de uso. Já as entrevistas foram tabuladas a partir da interpretação textual das respostas dos respondentes e utilizadas para uma avaliação da satisfação dos usuários, com isto foi possível entender como as pessoas que utilizam os parques estudados os compreendem, suas opiniões sobre os aspectos físicos dos ambientes utilizados e os pontos positivos e negativos para a população.

Quanto aos questionários, estes foram tabulados e, como resultado, criadas tabelas para a avaliação, por parte dos usuários, quantitativa dos aspectos físicos dos objetos de estudos e também para uma análise da satisfação das pessoas que utilizam esses ambientes.

5 ESTUDO DE CASO: AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM ARAPIRACA

Localizada no Agreste alagoano, Arapiraca apresenta população estimada de 229.329 habitantes (IBGE, 2014), ocupa 352,000 Km² e constitui o município de maior importância econômica e demográfica do interior do Estado de Alagoas. Situada a 264m de altitude, está a 136 km de Maceió, a capital do Estado (Figura 1).

Figura 1 - Localização de Arapiraca no Estado de Alagoas



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/> Acessado em outubro de 2015

A cidade funciona como um centro que polariza as cidades circunvizinhas. Ela oferece serviços, como empresas de advocacia, instituições de ensino superior, etc., que favorecem os moradores das pequenas cidades evitando que eles precisem se deslocar até a capital. O movimento pendular é visível, pois centenas de pessoas estudam e trabalham em Arapiraca durante o dia e voltam para suas cidades à noite. A oferta de lazer e cultura também se torna um atrativo para visitantes, as praças e parques da cidade fornecem opções para a prática do esporte, lazer e contemplação. Com a implantação do shopping, que teve sua inauguração no dia 25 de setembro de 2013, pretendeu-se que a cidade consiga atrair ainda mais pessoas, aumentando seu valor comercial.

Como um exemplo de sucesso econômico para o estado, a região de Arapiraca vem crescendo de maneira estável e com uma vasta lista de conquistas sociais expressivas. Sua estrutura produtiva vem sendo baseada na pequena produção, diferente das áreas vizinhas, o que permitiu a ela ser, durante meio século, um polo descentralizador

de um Estado cuja população e as suas atividades produtivas estão concentradas, principalmente, em torno da capital Maceió (SOUZA, MARISCO; 2009).

A agricultura e a indústria conservam seus problemas próprios mesmo quando a realidade urbana os modifica. O ciclo fumageiro é o principal marco para a caracterização de Arapiraca como “a capital do fumo”. O ciclo se iniciou no final do século XIX e em 1945 a produção aumentou, ocasionando um avanço da extensão do plantio, o que reduziu drasticamente a vegetação nativa. A partir daí a dinâmica da cidade mudou para se adaptar a essa modalidade econômica. Com isto, houve uma mudança na produção da cidade com a multiplicação das residências e a oferta de vários dos confortos modernos em um novo comércio mais variado. O ciclo do fumo gerou riquezas nos aspectos econômicos e sociais, contribuindo para a expansão da cidade, porém, não resultou numa distribuição de recursos igualitária para o benefício dos diversos setores, tanto da cidade quanto do meio rural. A partir da década de 90 uma crise colocou fim no ciclo fumageiro, contribuindo, de certo modo, para compor um modelo de crescimento diversificado para Arapiraca, com a entrada de empresas especializadas, a fruticultura e a agroindústria, o que tem um papel fundamental para o entendimento da economia e identidade local. (ARAPIRACA, 2012)

Com relação à produção do espaço público, percebe-se que os parques e áreas verdes são implantados segundo interesses políticos, colocando em segundo plano as necessidades da comunidade. Esses espaços variam em função das características do bairro e perfil socioeconômico da população sendo geralmente visível a falta de atrativos quando estão situados em áreas carentes (SILVA, GOMES, 2010).

Em Arapiraca isso se torna uma constante, pois as praças e parques melhores equipados e arborizados são encontrados nas áreas centrais ou nas proximidades de bairros onde a população é caracterizada pelo seu alto poder aquisitivo. Em bairros periféricos e de população geralmente mais carente, as praças são precárias, com falta de equipamentos básicos, de lazer e tratamento paisagístico. A cidade ainda apresenta uma desigualdade de distribuição desses espaços e o uso da vegetação serve como indicativo para essa diferenciação urbana. Essas considerações comprovam a melhor assistência, por parte do poder público, para parcelas do espaço urbano habitadas por classes sociais com padrões de vida médio ou alto. Os espaços públicos revelam a diferença socioespacial urbana quando os problemas projetuais e paisagísticos aparecem suavizados em determinados bairros por sua implantação estratégica segundo interesses públicos na

criação de símbolos da gestão, assim muitos deles se destacam pela localização no centro da cidade e pelas funções diversificadas que assumem. São questões que agravam o problema em Arapiraca, pois esta é marcada por uma população com traços culturais que privilegiam o espaço da rua, da praça e do parque como sendo um lugar de comércio, comemorações, cultos religiosos, conversas informais, esporte e lazer (GOMES *et al*, 2012).

A implantação do Parque Municipal Ceci Cunha começou a partir da década de 90 e para a sua viabilização a prefeitura transferiu os moradores que viviam no local para um conjunto habitacional por meio de doação de novas casas.

Até a década de 60 o local era constituído de um espaço vazio e alagadiço onde existia a lagoa das Olarias, uma área de várzea do riacho Piauí. O lugar era desvalorizado e pouco atrativo. A prefeitura então decidiu dotá-lo de infraestrutura e transformá-lo em um lugar mais coeso à área central. Assim, houve o aterramento da área da lagoa, canalização e ocultação das águas poluídas do riacho para a construção do parque. Isso gerou várias alterações sociais e físicas nas imediações, uma delas é a crescente especulação imobiliária (GOMES, 2008).

Já o Bosque das Arapiracas foi implantado em 2011, com o objetivo de recuperar e preservar as nascentes do rio Riacho Seco, ao mesmo tempo dotando a cidade de um pulmão verde e recompondo a vegetação das margens da antiga Lagoa das Olarias (AGENDA 21, 2008), havendo o mesmo processo de alterações sociais no entorno e especulação imobiliária.

Percebe-se, então, que o discurso de mesclagem social e residencialização não estão isolados ao estudo do melhoramento de bairros, mas participam de um modelo mais amplo de invisibilidade da classe mais desfavorecida na esfera pública (WACQUANT, 2010).

Para Luís Mendes (2011, p. 473), a gentrificação age como um “processo específico de recentralização socialmente seletiva nas áreas centrais da cidade e tem contribuído para a fragmentação social e residencial do espaço urbano contemporâneo”. Para o mesmo autor, este processo está inserido na reestruturação urbana e contribui para a produção de uma cidade volátil, segmentada e heterogênea com relação às práticas socioculturais, na organização espacial e na gestão de como o território é afetado no cumprimento de uma diversidade funcional cada vez maior.

As classes inferiores, afastadas de seu antigo local de moradia, são deslocadas, de forma voluntária ou forçada, para a periferia da cidade. Além do deslocamento há outras consequências percebidas, entre elas: o aumento do preço das propriedades nas proximidades do novo investimento público, a redução das taxas de ocupação das moradias e da densidade da população, a transformação progressiva da modalidade de ocupação por aluguéis e a transformação da estrutura física e econômica das áreas possuídas por grupos de rendas superiores (BATTLER, 2012).

De acordo com o mencionado, percebe-se que houve o processo de gentrificação para a implantação dos parques estudados. Para finalizar esta discussão, Savage e Wade (1993, apud MENDES, 2011), estabelecem quatro processos que devem acontecer para se constatar a gentrificação:

Primeiro há uma reorganização da geografia social da cidade levando à substituição, principalmente nas áreas centrais da cidade, de um grupo social por outro de estatuto mais elevado. A partir daí há um reagrupamento espacial de indivíduos com estilos de vida e características culturais similares. Em seguida, acontece a transformação do ambiente construído e da paisagem urbana, criando-se novos serviços e uma requalificação residencial. Por fim, uma mudança na ordem fundiária determinando, na maioria das vezes, a elevação dos valores imobiliários.

Para Silva e Gomes (2010), faz-se necessária a elaboração e aplicação de leis que dificultem a especulação imobiliária no entorno dos parques e praças, uma justa distribuição dos mesmos no tecido urbano e ainda um incentivo para a participação popular nas decisões que envolvem a implantação desses investimentos.

O estudo teve um recorte temporal e espacial. Os dois espaços escolhidos foram implantados ou revitalizados nos últimos quinze anos, já que em 2001, o código do meio ambiente do município em seu artigo 67 coloca que “considerando a importância das áreas verdes e dos espaços públicos para o lazer ativo e/ou contemplativo da população e a manutenção da beleza paisagística de Arapiraca, ficam definidos nesta seção o uso e a conservação dessas áreas”.

Eles foram escolhidos por estarem situados na parte central da cidade, visto que são as que se encontram em melhores estados de conservação. Ambos possuem aproximadamente 11 mil metros quadrados de extensão.

O Parque Municipal Ceci Cunha (Figura 2), implantado em 2000 com o objetivo de criar um espaço urbano para as famílias arapiraquenses na parte central da cidade; e o

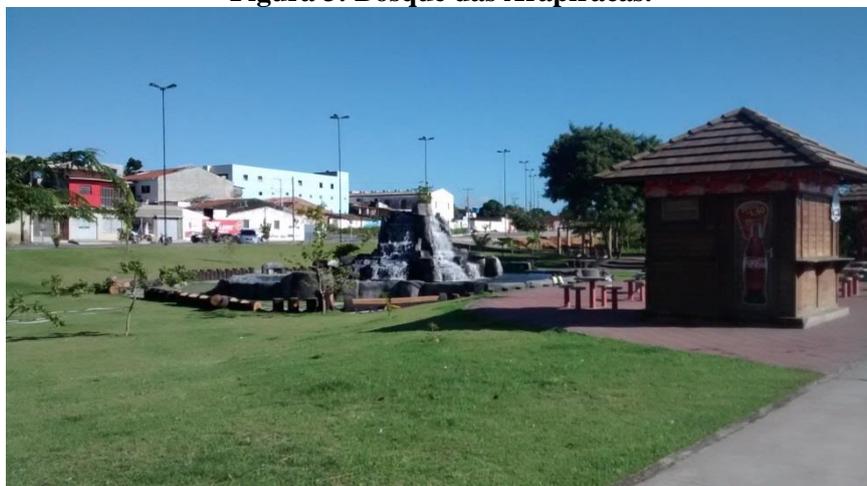
Bosque das Arapiracas (Figura 3), implantado em 2011 no Bairro Senador Teotônio Vilela ao lado do Parque Municipal Ceci Cunha. Ao longo dos anos e a partir de observações, percebe-se que os espaços com implantação mais recentes são mais utilizados, ocorrendo um abandono dos outros que sofrem pela falta de uso e de manutenção.

Figura 2: Parque Municipal Ceci Cunha.



Fonte: Autor, 2016.

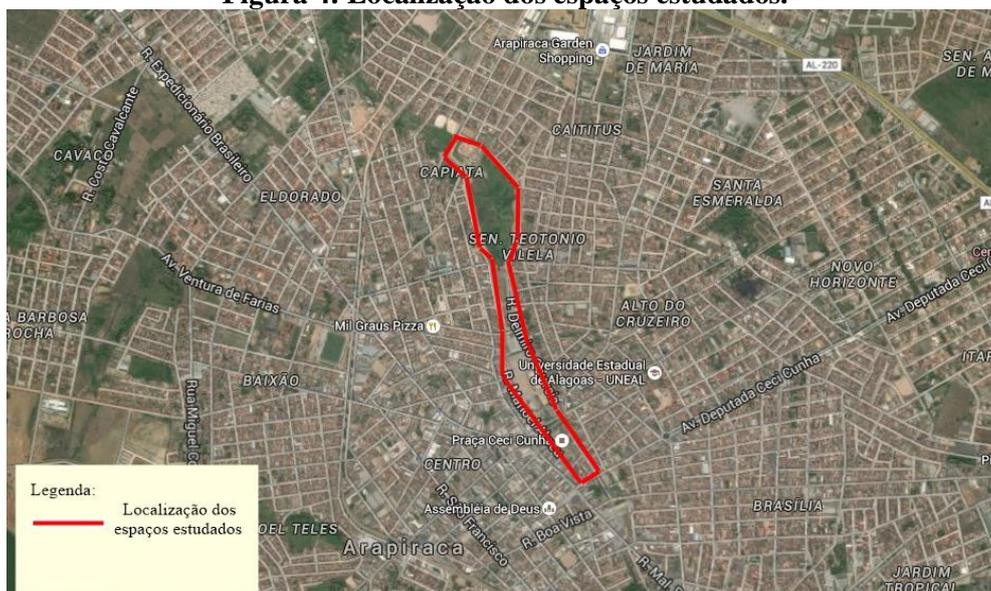
Figura 3: Bosque das Arapiracas.



Fonte: Autor, 2015.

A localização dos espaços a serem analisados pode ser vista na Figura 4.

Figura 4: Localização dos espaços estudados.



Fonte: www.googlemap.com, acessado em jun/2016.

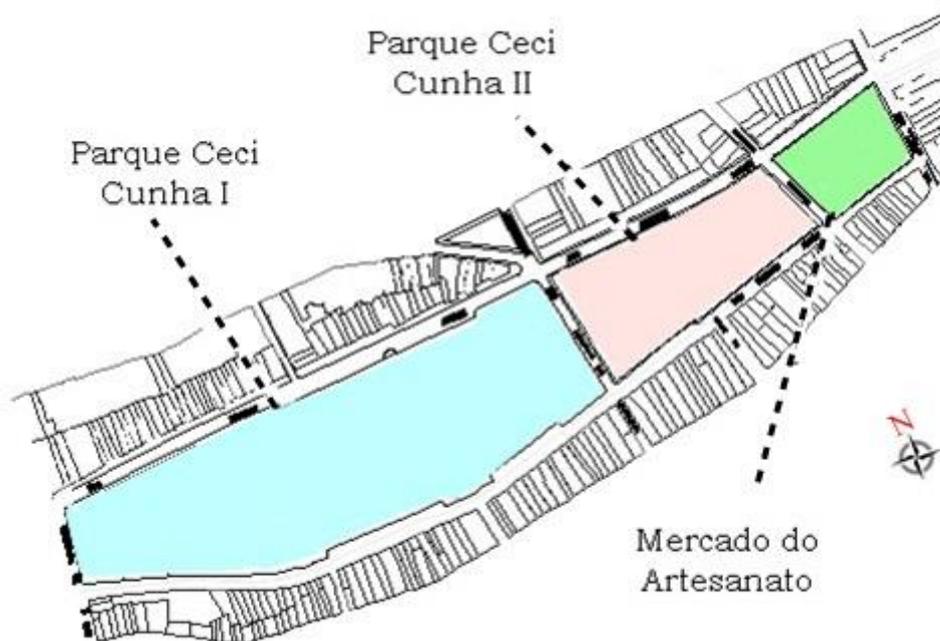
5.1 ANÁLISE DOS OBJETOS DE ESTUDO

Segue-se uma análise individual dos espaços estudados correlacionando-os com seu contexto atual, sua caracterização no tecido urbano da cidade e as características do entorno. Salienta-se, no entanto, que quanto aos aspectos de caracterização desses espaços no tecido urbano, ambos funcionam de forma semelhante quanto a ser marcos na cidade. São pontos nodais, pois servem como ponto de convergência e divergência de pessoas, principalmente quando se trata de encontros. São vistos como limites na medida em que causa certa “parada” e diferenciação do percurso do usuário, sendo perceptível a mudança, por exemplo, de quando se está andando por uma rua residencial e em seguida se entra em uma praça arborizada. Porém, as vias serão analisadas individualmente para a avaliação da quantidade de acessos.

5.1.1 Parque Municipal Ceci Cunha

O contexto atual do Parque Municipal Ceci Cunha consta na sua localização na parte central da cidade, o mesmo é dividido em três setores (Figura 5) e, devido ao terminal rodoviário municipal de ônibus urbanos implantado no Parque Ceci Cunha II, há um alcance, para a atração de usuários e visitantes, bem maior do que os limites do bairro e até da cidade, conseguindo atingir pessoas das cidades vizinhas.

Figura 5: Os três setores do Parque Municipal Ceci Cunha (sem escala).



Fonte: Autor, 2016.

Existem muitas vias que dão acesso ao Parque Municipal Ceci Cunha, o que o torna visível para a população e com vários caminhos possíveis para se chegar até ele, no total de 15 acessos através dos bairros: Brasília, Alto do Cruzeiro, Senador Teotônio Vilela e Centro conforme Figura 6.

Figura 6: Vias de acesso ao Parque Municipal Ceci Cunha (sem escala).



Fonte: Autor, 2016.

O entorno é marcado pelo uso misto das edificações. Este uso é, em sua maior parte, comercial nos arredores do Mercado do Artesanato e do Parque Ceci Cunha II, já o entorno do Parque Ceci Cunha I é marcado pela maior presença de residências e edifícios de até três pavimentos, assim como bares e pontos comerciais de alimentação.

Situação atual e de uso:

Em todo o parque foram encontrados 66 bancos em boas condições de uso e com uma boa distribuição, excetuando-se o interior do Parque Ceci Cunha I, onde não há muitos lugares para sentar a não ser nas bordas de um espelho d'água sem uso e um único ponto de permanência. Também foram contabilizadas 39 lixeiras em condições regulares.

O Parque Municipal Ceci Cunha possui uma distinção entre o setor I e os outros dois. O Parque Ceci Cunha I é visivelmente desprovido de manutenção em sua maior parte. Possui duas quadras de areia e duas poliesportivas (Figura 7) que são bem utilizadas apesar da falta de manutenção, existe uma pista de skate pouco utilizada (Figura 8), um banheiro que permanece fechado (Figura 9), uma fonte (Figura 10) e um espelho d'água (Figura 11), ambos sem funcionamento e pouca iluminação artificial. O ginásio de esportes João Paulo II (Figura 12) fica na extremidade do Parque e possui iluminação, guardas municipais e um bom paisagismo. O interior é desprovido de árvores e lugares para sentar (Figura 13).

Figura 7 – Quadra poliesportiva



Fonte: Autor, 2016

Figura 8 – Pista de Skate



Fonte: Autor, 2016

Figura 9 – Banheiro fechado



Fonte: Autor, 2016

Figura 10 – Fonte sem funcionamento



Fonte: Autor, 2016

Figura 11 – Espelho d'água sem funcionamento

Fonte: Autor, 2016

Figura 12 – Ginásio de esportes

Fonte: Autor, 2016

Figura 13 – Interior do Parque Ceci Cunha I

Fonte: Autor, 2016

Chamado de Parque Ceci Cunha II, o segundo setor é bastante utilizado tanto durante o dia quanto à noite. Ele possui um terminal rodoviário intermunicipal (Figura 14), muitos bancos e árvores, porém, vários destes bancos não são protegidos do sol por conta da falta de vegetação em seus caramanchões (Figura 15). Há um lago com uma ponte (Figura 16), local que visa produzir um efeito agradável no Parque. Uma escultura central (Figura 17), um playground (Figura 18) e equipamentos para atividade física, estes não se encontram em perfeito estado de conservação (Figura 19). Iluminação adequada, quiosques com o comércio de alimentos (Figura 20) e pista de *cooper* (Figura 21), além de um ponto de táxi (Figura 22). Há duas placas de identificação, porém estão totalmente danificadas (Figura 23). Nos últimos anos percebeu-se uma pequena diminuição do uso deste setor por conta da implantação do Bosque das Arapiracas, que se encontra nas proximidades e para onde vários dos usuários migraram para a prática de atividades físicas principalmente a caminhada e a corrida.

Figura 14 – Terminal rodoviário

Fonte: Autor, 2016

Figura 15 – Caramanchões sem vegetação

Fonte: Autor, 2016

Figura 16 – Lago com a ponte

Fonte: Autor, 2016

Figura 17 – Escultura

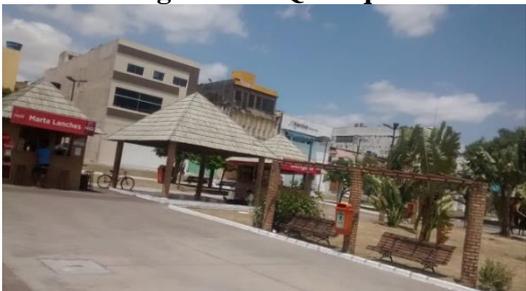
Fonte: Autor, 2016

Figura 18 – Playground

Fonte: Autor, 2016

Figura 19 – Equipamentos de atividades

Fonte: Autor, 2016

Figura 20 – Quiosques

Fonte: Autor, 2016

Figura 21 – Pista de Cooper

Fonte: Autor, 2016

Figura 22 – Ponto de táxi

Fonte: Autor, 2016

Figura 23 – Placas de identificação danificadas

Fonte: Autor, 2016

O terceiro setor é chamado de Praça do Artesanato e também é bem frequentado tanto de dia quanto à noite. Há um palco para apresentações artísticas e culturais (Figura 24), lanchonetes e quiosques (Figura 25) para a venda de produtos artesanais. Os bancos são protegidos contra o sol pela vegetação. Também há equipamentos de jogos para idosos (Figura 26) e banheiros (Figura 27), Possui boa iluminação artificial e lixeiros.

Figura 24 – Palco para apresentações

Fonte: Autor, 2016

Figura 25 – Quiosques

Fonte: Autor, 2016

Figura 26 – Equipamento de jogos

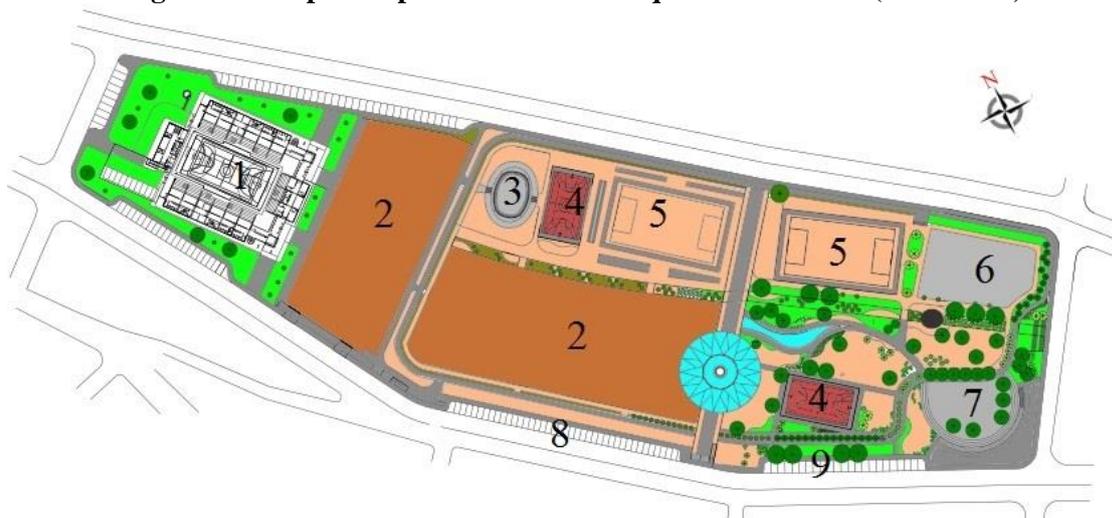
Fonte: Autor, 2016

Figura 27 – Banheiros

Fonte: Autor, 2016

O mapa comportamental do Parque Municipal Ceci Cunha pode ser visto nas figuras 28, 29 e 30 abaixo:

Figura 28: Mapa comportamental do Parque Ceci Cunha I (sem escala).



Fonte: Autor, 2016.

1. O Ginásio de Esportes João Paulo II é localizado na extremidade esquerda do Parque Ceci Cunha I e é bastante utilizado para a realização de eventos esportivos realizados pela prefeitura;
2. Espaços abertos que servem como estacionamento para o Ginásio e para os ônibus do terminal rodoviário. Também é o local por onde as pessoas criam caminhos para atravessar o Parque;
3. Os usuários costumam utilizar essa área de skate para permanência e, poucas vezes, para o uso que foi proposto, ou seja, a prática de esportes com patins e skate;
4. As quadras poliesportivas são utilizadas em momentos variados por jogadores de futsal ou basquete;
5. As quadras de areia são mais utilizadas pela manhã, final de tarde e noite para treinamentos funcionais ou esportivos;
6. Os usuários utilizavam este local para a prática de atividades físicas, atualmente é utilizado como parte da passagem;
7. Algumas pessoas utilizam este local para a permanência durante horários sombreados, ainda sim é pouco utilizado;
8. Estacionamento utilizado por carros de frete para mudanças e trabalhos similares;
9. Estacionamento utilizado principalmente por carros de pessoas que trabalham nas adjacências do Parque Ceci Cunha I.

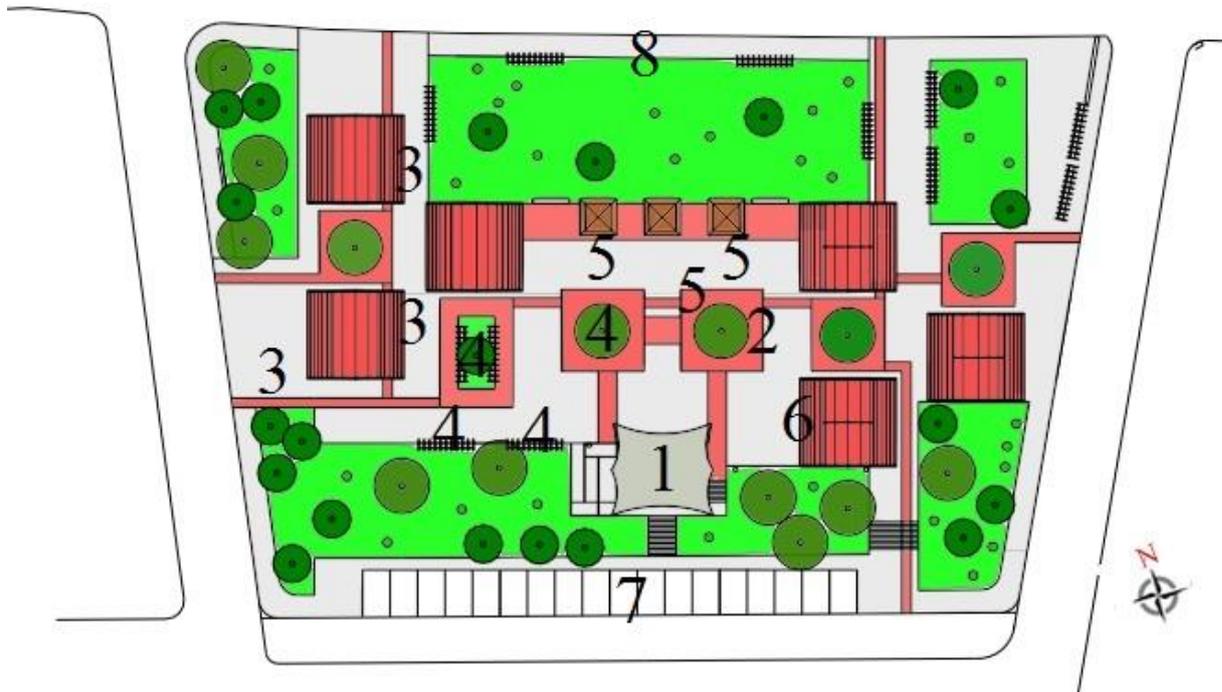
Figura 29: Mapa comportamental do Parque Ceci Cunha II (sem escala).



Fonte: Autor, 2016.

1. Jovens costumam utilizar esses espaços gramados para descansar e se proteger da incidência solar. Algumas vezes para tocar violão ou algum instrumento musical;
2. O quiosque é mais utilizado por jovens que andam de skate, assim como a parte da pista de cooper, onde jovens se encontram e montam equipamentos para andar de patins e skate;
3. Os usuários utilizam a ponte para apreciar a paisagem e, muitas vezes, para tirar fotos;
4. Utilizada mais pela manhã, fim de tarde e noite, a academia ao ar livre é usada tanto para a prática da própria atividade física como local de permanência para as pessoas conversarem;
5. O playground é utilizado pelas crianças, mas também para a proteção contra a incidência solar na parte da tarde por adultos;
6. Terminal rodoviário, local muito frequentado por pessoas da cidade e cidades vizinhas;
7. Ponto de táxi. Como é um local sombreado devido as árvores, os taxistas ficam sentados em bancos improvisados a espera de clientes;
8. Este local é comumente utilizado aos sábados e domingos para que as crianças circulem com carrinhos elétricos;
9. Local com carrinhos de cachorro-quente e outros alimentos para venda;
10. Quiosques de alimentação;
11. Estes são os bancos que dificilmente são utilizados no horário da tarde por falta de sombreamento.

Figura 30: Mapa comportamental do Mercado do Artesanato (sem escala).



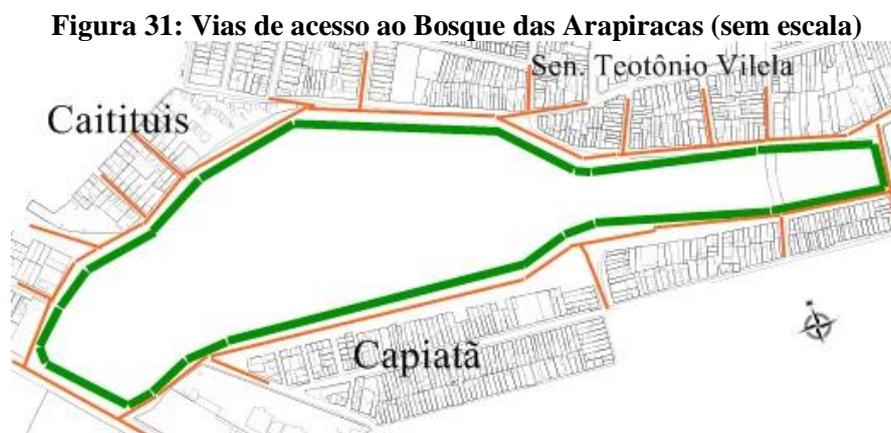
Fonte: Autor, 2016.

1. A tenda acústica é muito utilizada por jovens durante a semana para convivência. Alguns levam instrumentos musicais ou jogos de tabuleiro;
2. Bancos de jogos mais utilizados por idosos que jogam dama.
3. São os locais mais utilizados pelas artesãs, tanto para o trabalho artesanal como para as conversas entre elas;
4. Bancos mais utilizados;
5. Quando as lanchonetes estão abertas, na parte da tarde e noite, este é o local onde são colocadas as mesas;
6. Banheiros, usados constantemente durante o dia e a noite;
7. Estacionamento;
8. Algumas vezes, neste local, são colocados sacos de lixo, o que atrapalha a passagem dos transeuntes.

5.1.2 Bosque das Arapiracas

Localizado no bairro Senador Teotônio Vilela, o Bosque das Arapiracas foi implantado para fornecer um local agradável para a prática de atividades físicas e o lazer da população. Ainda com o plantio de várias árvores em seu interior, várias delas sendo árvores de Arapiraca, a árvore que deu o nome da cidade e, conseqüentemente, o nome do bosque. O Bosque das Arapiracas é o espaço público de convivência mais utilizado pela população que vai em busca da prática de atividades físicas como a caminhada, corrida e o ciclismo.

São dezenove vias de acesso para o Bosque, o que facilita para a população o acesso a ele (Figura 31).



Fonte: Autor, 2016

O entorno é, em sua maior parte, constituído por residências térreas e alguns pontos comerciais como bares, academias e igrejas.

Situação atual e de uso:

Foram contabilizados 57 bancos em toda a extensão do parque, sendo três danificados e 49 lixeiras, três quebradas.

O Bosque das Arapiracas possui uma grande extensão de pista de Cooper e ciclovia o que atrai muitos usuários para a prática desportiva tanto pela manhã quanto pela noite. Apesar disso, durante o final da manhã e pela tarde, este espaço é utilizado principalmente para passagem, já que as árvores plantadas ainda se encontram em seu estágio inicial e não fornecem sombras, assim como os caramanchões, onde ainda não há a presença de vegetação para sombreamento (Figura 32). Possui guardas municipais e boa iluminação artificial. Existem três conjuntos de equipamentos esportivos para idosos (Figura 33), alguns quebrados, playgrounds (Figura 34) e equipamentos para atividades físicas (Figura 35). Um ponto forte deste espaço é a fonte (Figura 36) que possui uma iluminação cênica à noite e atrai muitos usuários pela sua beleza, e dois gazebos com mesas para jogos (Figura 37). Existem quatro quiosques, dois em construção (Figura 38) e quatro estacionamentos (Figura 39).

Figura 32 – Caramanchões sem sombreamento

Fonte: Autor, 2016.

Figura 33 – Equipamentos esportivos

Fonte: Autor, 2016.

Figura 34 – Playground

Fonte: Autor, 2016.

Figura 35 – Equipamentos para atividades físicas

Fonte: Autor, 2016.

Figura 36 – Fonte

Fonte: Autor, 2016.

Figura 37 – Gazebo com mesa para jogos

Fonte: Autor, 2015.

5. A fonte é o marco do Bosque das Arapiracas e é bastante utilizada para permanência à noite quando a iluminação cênica é acionada e também como local para encontro de amigos e para tirar fotos.
6. Circo onde são realizados cursos oferecidos pela prefeitura, ainda em construção;
7. Árvores em crescimento. Este local está reservado para a criação de trilhas educativas e equipamentos diversos, como lagos e locais de convivência.

5.1.3 Matriz Conceitual

Como meio de avaliar os objetos de estudo com relação ao atendimento dos 12 critérios de qualidade do projeto do espaço público colocados por Jan Ghel e ainda com o atendimento aos elementos do desenho urbano estudados por Ian Bentley, houve a criação de uma matriz conceitual. Esta matriz possibilita realizar uma avaliação dos elementos do desenho urbano dos espaços estudados. Para cada critério foi associada uma das três classificações para qualidade (Bom, Regular ou Ruim) a partir dos processos metodológicos usados nesta pesquisa. As avaliações seguiram os seguintes parâmetros: Bom – quando o elemento analisado supre de maneira positiva e completa a característica estudada; Regular – quando o elemento supre de maneira parcial a característica tendo ainda pontos negativos que devem ser melhorados; e Ruim – quando o elemento não está de acordo com o elemento estudado com muitos pontos negativos.

Matriz conceitual – Atendimento aos elementos do desenho urbano					
CRITÉRIOS	Permeabilidade	Legibilidade	Acessibilidade	Variedade e flexibilidade	Identidade e propriedade
Parque Ceci Cunha I	Bom	Bom	Bom	Bom	Regular
Parque Ceci Cunha II	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom
Mercado do Artesanato	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom
Bosque das Arapiracas	Regular	Bom	Bom	Bom	Bom

Fonte: Autor, 2016.

A partir desta matriz, percebe-se que os objetos estudados estão quase totalmente em atendimento com os elementos do desenho urbano. Pela proximidade entre os parques e a localização de ambos na parte central da cidade, foi permitida uma análise contínua de tais critérios. Em se tratando de permeabilidade, apenas o Bosque das Arapiracas é qualificado como regular com relação às escolhas de caminhos através dele para outros

pontos da cidade, isso porque só existem dois caminhos pelo interior do Bosque das Arapiracas que permitem transpassa-lo, pelo menos enquanto as obras internas não são concluídas. Os dois parques funcionam com legibilidade, pois são facilmente reconhecidos pela população e também de fácil caracterização no tecido urbano em um padrão coerente para os habitantes. Possuem boa acessibilidade na medida em que são de fácil acesso para atividades, pessoas e comércio. Quanto à variedade e flexibilidade, são atendidos, visto que permitem uma diversidade de usos, desde para prática de atividades físicas, o encontro entre amigos, o comércio, serviços, etc. Por fim, a identidade e propriedade são colocadas como regulares apenas para o Parque Ceci Cunha I, pois este não é tão associado com o pertencimento dos usuários devido a falta de uso, que se dá pelo sentimento de insegurança e pouca frequência de pessoas em seu interior.

Matriz conceitual – Atendimento aos 12 critérios de qualidade				
CRITÉRIOS	Parque Ceci Cunha I	Parque Ceci Cunha II	Mercado do Artesanato	Bosque das Arapiracas
Proteção contra o tráfego	Regular	Bom	Bom	Bom
Segurança	Ruim	Regular	Bom	Regular
Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis	Ruim	Regular	Bom	Regular
Espaços para caminhar	Bom	Bom	—	Bom
Espaços para permanência	Ruim	Bom	Bom	Bom
Ter onde sentar	Ruim	Bom	Bom	Bom
Possibilidade de observar	Ruim	Bom	Bom	Bom
Oportunidade de conversar	Ruim	Bom	Bom	Regular
Locais para se exercitar	Bom	Bom	—	Bom
Escala humana	Bom	Bom	Bom	Bom
Possibilidade de aproveitar o clima	Ruim	Regular	Bom	Regular
Boa experiência sensorial	Ruim	Bom	Bom	Bom

Fonte: Autor, 2016.

Na matriz conceitual acima, percebe-se que o Parque Ceci Cunha I é o que mais possui pontos negativos com relação ao atendimento dos critérios elencados. A proteção contra o tráfego no Parque Ceci Cunha I é prejudicada pelo tráfego de ônibus em seu interior, local que serve de estacionamento durante o dia. A segurança só é suficiente no Mercado do Artesanato, o menor em extensão e, por isso, com guardas suficientes para um bom policiamento. O Mercado do Artesanato também é o único com uma boa proteção contra experiências sensoriais negativas, é o mais arborizado, também devido a sua menor extensão. Exceto o Mercado do Artesanato, o qual não foi criado com o intuito de fornecer espaços para atividades físicas, o restante dos setores possuem bons espaços para caminhar. O Parque Ceci Cunha I é o único com espaços para permanência considerado como ruim, isto pela falta de arborização em sua maior parte e pelos poucos locais propícios para a permanência de pessoas, este mesmo setor possui apenas 4 bancos e alguns poucos canteiros onde o usuário pode se sentar, o que reflete na impossibilidade de observar a vida ao redor e de conversar entre si. Todos oferecem locais para se exercitar e possuem um entorno sem prédios extremamente grandes, o que permite a perspectiva vista dos olhos das pessoas. A possibilidade de aproveitar o clima só pode ser realmente constatada, na maioria dos horários, no Mercado do Artesanato. Os outros espaços, em maior ou menor grau, pecam pela falta de arborização nas proximidades dos locais de permanência, tanto pela falta de árvores, como no Parque Ceci Cunha I, como pela presença de árvores ainda pequenas, como no Bosque das Arapiracas. A boa experiência sensorial é colocada como ruim no Parque Ceci Cunha I por vários fatores: a falta de vegetação abundante, falta de bancos para sentar e locais de permanência, esses fatores impossibilitam a permanência e passagem dos usuários numa experiência agradável.

5.2 AVALIAÇÃO DOS USUÁRIOS

Foram aplicados 48 questionários virtuais que abordam a opinião e satisfação da população de Arapiraca sobre a qualidade dos espaços públicos (parques, praças e áreas verdes). Para a caracterização dos usuários, foram considerados itens como o sexo, idade, estado civil e escolaridade. O perfil dos respondentes foi definido por pessoas entre 11 e 37 anos dos quais 56% é do sexo feminino, a maioria é solteira, totalizando 60%, e possui o superior incompleto, com 50% (Tabelas de 1 a 3).

Tabela 1 – Perfil do usuário (sexo) – Questionário online – Arapiraca/AL

Sexo	Frequência	Frequência Relativa (%)
Masculino	21	44%
Feminino	27	56%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 2 – Perfil do usuário (estado civil) – Questionário online – Arapiraca/AL

Estado Civil	Frequência	Frequência Relativa (%)
Solteiro (a)	29	60%
Casado (a)	8	17%
Divorciado (a)	-	-
Namorando	10	21%
Outro	1	2%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 3 – Perfil do usuário (escolaridade) – Questionário online – Arapiraca/AL

Escolaridade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ensino Fundamental Incompleto	-	-
Ensino Fundamental Completo	1	2%
Ensino Médio Incompleto	1	2%
Ensino Médio Completo	4	8%
Ensino Superior Incompleto	24	50%
Ensino Superior Completo	18	38%

Fonte: Autor, 2016.

Já a frequência de utilização (Tabela 4), 29% dos respondentes costuma ir a alguma praça duas vezes por semana, considera-se aqui, ainda, a possibilidade de ir a algum espaço público apenas para passagem. Sendo que 44% deles vai à pé (Tabela 5).

Tabela 4 – Frequência de utilização – Questionário online – Arapiraca/AL

Frequência de utilização	Frequência	Frequência Relativa (%)
Todos os dias	8	17%
Uma vez por semana	13	27%
Duas vezes por semana	14	29%
Aos fins de semana	13	27%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 5 – Como vai ao espaço público – Questionário online – Arapiraca/AL

Transporte	Frequência	Frequência Relativa (%)
Carro	18	38%
Moto	8	16%
Ônibus	1	2%
À pé	21	44%
Outro	-	-

Fonte: Autor, 2016.

33% dos respondentes prefere ir pela noite enquanto 31% vai em horários variados (Tabela 6), quando perguntados sobre quanto tempo costumam permanecer no local, 52% respondeu entre uma e duas horas (Tabela 7), sendo que a maioria, 52%, vai para passear e 25% para praticar algum tipo de atividade física (Tabela 8). Esses dados também podem ter sido colocados assim pela falta de sombreamento nos locais de permanência em algumas praças e parques da cidade, assim, as pessoas optam por ir em momentos que não esteja havendo forte incidência solar e até mesmo apenas pela noite.

Tabela 6 – Horário que frequenta o espaço– Questionário *online* – Arapiraca/AL

Horário	Frequência	Frequência Relativa (%)
Manhã	6	13%
Tarde	11	23%
Noite	16	33%
Varia o horário	15	31%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 7 – Tempo de permanência– Questionário *online* – Arapiraca/AL

Tempo de Permanência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Até uma hora	19	40%
De uma a duas horas	25	52%
De duas a três horas	4	8%
Mais de três horas	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 8 – O que vai fazer– Questionário *online* – Arapiraca/AL

O que vai fazer	Frequência	Frequência Relativa (%)
Atividade física	12	25%
Encontrar com amigos	6	13%
Passear/distrair-se	28	58%
Namorar/paquerar	1	2%
Contato com a natureza	1	2%

Fonte: Autor, 2016.

Quando perguntados sobre a quantidade de espaços públicos (praças, parques e áreas verdes) na cidade, 44% acredita que esteja adequada e 42% que têm poucos (Tabela 9), já quanto a qualidade desses espaços, 56% acredita que esteja regular (Tabela 10). Retira-se dessas informações que os usuários constataam a falta de manutenção em grande parte dos espaços públicos de Arapiraca havendo ainda um balanço entre a quantidade de pessoas que acreditam que há poucos parques e praças na cidade com pessoas que acreditam que a quantidade desses espaços está adequada.

Tabela 9 – Quantidade de espaços públicos – Questionário online – Arapiraca/AL

Quantidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Tem muitos	7	14%
Está adequado	21	44%
Tem poucos	20	42%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 10 – Qualidade dos espaços públicos – Questionário online – Arapiraca/AL

Qualidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ótimo	-	-
Bom	4	8%
Regular	27	56%
Ruim	13	28%
Péssimo	4	8%

Fonte: Autor, 2016.

Foi acrescentado um item ao questionário abordando a interferência ou não do shopping na utilização dos parques e praças da cidade. 60% dos respondentes concorda que a chegada do shopping em Arapiraca influenciou na diminuição do uso desses espaços públicos (Tabela 11). Dentre os usuários que responderam ao questionário, 54% prefere ir a uma praça enquanto 46% prefere ir ao shopping (Tabela 12).

Tabela 11 – Influência do shopping na frequência de uso dos espaços públicos– Questionário online – Arapiraca/AL

Opinião	Frequência	Frequência Relativa (%)
Sim	29	60%
Não	19	40%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 12 – Preferência entre praça e shopping– Questionário online – Arapiraca/AL

Preferência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Praça	26	54%
Shopping	22	46%

Fonte: Autor, 2016.

Dentre os espaços mais citados quando perguntados sobre qual praça ou parque eles mais utilizam, O Parque Municipal Ceci Cunha foi citado 23 vezes e o Bosque das Arapiracas 14 vezes. Os outros citados ficaram com menos de cinco citações por parte da população, em seguida os respondentes justificaram o porquê de utilizarem tal espaço (Tabela 13).

Tabela 13 – Espaço público que prefere utilizar e por quê – Questionário online – Arapiraca/AL

Espaço	Citações	Justificativa
Parque Municipal Ceci Cunha	23	Fornece vários tipos de usos, bem movimentada, boa iluminação, tem brinquedos para as crianças, tem um terminal rodoviário e atrações musicais
Bosque das Arapiracas	14	Atividades físicas, muita movimentação, espaço agradável
Praça Marques da Silva	4	Fica no centro da cidade e possui lojas ao redor
Praça Luiz Pereira Lima	3	Bom paisagismo, muitas árvores, fica no centro da cidade e oferece atrações artísticas
Praça da Rodoviária	1	Proximidade com a residência do respondente
Área Verde Dom Constantino Leurs	1	Permite o contato com a natureza
Praça Lions	1	Proximidade com a residência do respondente

Fonte: Autor, 2016.

Percebe-se na tabela acima que quanto mais variados os tipos de usos, mais citado é o espaço, o que aconteceu com a maioria das citações para o Parque Ceci Cunha, que foi o mais citado por, pela opinião dos próprios usuários, por permitir uma maior quantidade de usos diferentes. Apesar de ter sido o mais citado pelos respondentes, o Parque Ceci Cunha, em comparação ao Bosque das Arapiracas, é mais usado para passagem. Isso, aparentemente, por permitir uma maior quantidade e facilidade de caminhos e percursos em seu interior que dão acesso para outros pontos da cidade.

Por fim, foi requisitado que o respondente expusesse sua opinião sobre as praças, parques e áreas verdes da cidade citando os pontos positivos e negativos de forma geral. Como pontos positivos foram citadas as seguintes características: a importância desses espaços para a socialização da comunidade, o contato com a natureza (este contato é tido pelos respondentes como a possibilidade de ficar próximos de árvores, flores e pássaros enquanto permanecem em determinados espaços públicos, seja passeando, sentados em bancos ou brincando com as crianças), a melhoria da paisagem urbana, a organização da

cidade, o fornecimento de entretenimento para a população e a melhoria da qualidade de vida. Já os pontos negativos citados foram os seguintes: a falta de manutenção com as praças da periferia, a falta de uma boa iluminação artificial, falta de acessibilidade e segurança, falta de manutenção e atrações culturais frequentes, a padronização das praças da cidade, falta de banheiros e brinquedos para crianças.

Como avaliação dos objetos de estudo, foram aplicados entrevistas e questionários específicos para cada espaço com a finalidade de estudá-los de forma individual com uma avaliação física do ambiente construído.

5.2.1 Avaliação dos Usuários do Parque Municipal Ceci Cunha

Foram realizadas dez entrevistas com os usuários do Parque Municipal Ceci Cunha, sendo cinco entrevistados homens e cinco mulheres.

Os respondentes usam o Parque Ceci Cunha principalmente para passagem e permanência, os que têm filhos costumam levá-los para brincar no playground. Alguns ainda praticam atividades físicas como corrida ou o uso da academia ao ar livre, mas frisaram que quando podem, preferem o Bosque das Arapiracas para esta finalidade. Os pontos positivos citados estão relacionados com a arborização, o visual do Parque, exceto o Parque Ceci Cunha I, Já o Parque Ceci Cunha II e o Mercado do Artesanato são tidos como locais agradáveis e para onde as crianças gostam de ir. Além do terminal rodoviário intermunicipal que é bastante utilizado.

Os pontos negativos se relacionam com a pouca segurança, principalmente no Parque Ceci Cunha I, e a falta de manutenção dos aparelhos de atividades físicas e do playground, assim como alguns lixeiros quebrados.

Os entrevistados costumam utilizar o Parque Ceci Cunha entre duas a três vezes por semana, permanecem no local por até uma hora e geralmente aos fins de semana, ou todos os dias quando precisam passar por ele para seguir seu destino. Quando perguntados sobre qual o espaço público que eles utilizam além do Ceci Cunha, a grande maioria relatou o Bosque como primeira opção pela infraestrutura e por ser um local mais movimentado e com constante manutenção. Outra praça citada foi a Praça Manoel André ou o Calçadão, justamente por estarem localizadas no centro e servirem como pontos de encontro.

Dos dez entrevistados, quando perguntados sobre qual setor do Parque Ceci Cunha eles preferem utilizar, nenhum respondeu o Parque Ceci Cunha I, mas variaram entre o Parque Ceci Cunha II e o Mercado do Artesanato.

Sobre o que eles sentem quando estão no Parque, as respostas variavam entre a tranquilidade e o conforto, principalmente no fim da tarde, mas também abordaram a falta de segurança e colocaram que antes do Bosque das Arapiracas o local era mais movimentado, que atraía mais pessoas para o seu interior, depois do Bosque, as pessoas preferem ir para lá e o Parque Ceci Cunha II ficou mais vulnerável.

A pergunta seguinte pedia para que eles citassem os usos que poderiam ser feitos no Parque Ceci Cunha: a prática de esportes, passeio e lazer para as crianças. A parte cultural que é disseminada no Mercado do Artesanato, o comércio de alimentação, já que existem vários locais para a venda de lanches, exceto no Parque Ceci Cunha I, onde não há nenhuma lanchonete nem quiosque.

Os usuários sentem falta de mais segurança e de um maior cuidado, por parte da gestão municipal e dos próprios usuários com a manutenção. Segundo eles, é necessário algo que chame a atenção da população para que ele possa voltar a ser utilizado.

Quanto a importância do Parque, os entrevistados colocaram que sua implantação foi um marco para a cidade com relação a prover um local para o encontro das pessoas e a prática de esportes. É um lugar bonito no centro da cidade e divulga a cultura local com shows e eventos culturais, muito importantes para manter as raízes históricas de Arapiraca. Também é considerado um local onde as pessoas podem descansar e observar a natureza, as árvores, pássaros e o lago, apesar de tanto trânsito ao redor.

Em comparação com outras praças e parques da cidade, os entrevistados colocam que este espaço é o mais bonito, mas precisa ser melhor cuidado. Os eventos culturais poderiam ser mais enaltecidos e isso talvez atraísse mais pessoas, como acontece quando há algum show regional no Mercado do Artesanato.

Com relação aos questionários, dentre os respondentes, 56% são do sexo masculino e têm idades entre 19 e 44 anos. A maioria, 72%, é solteira, como pode ser visto nas tabelas 14 e 15.

Tabela 14 – Perfil do usuário (sexo) – Questionário face-a-face Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Sexo	Frequência	Frequência Relativa (%)
Masculino	14	56%
Feminino	11	44%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 15 – Perfil do usuário – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Estado Civil	Frequência	Frequência Relativa (%)
Solteiro (a)	18	72%
Casado (a)	7	28%
Divorciado (a)	-	-
Outro	-	-

Fonte: Autor, 2016.

A maioria, 64%, tem o ensino superior incompleto (Tabela 16). 32% utiliza o carro como meio de transporte para se deslocar até o Parque (Tabela 17). O horário de maior frequência é à noite ou então em momentos variados, com 40% (Tabela 18). 40% dos respondentes utiliza o Parque para passear ou se distrair (Tabela 19). Possivelmente o horário de maior frequência seja a noite porque pela manhã e tarde há poucos bancos protegidos contra os raios solares, o que leva a diminuição do uso para permanência nesses horários. Percebe-se também um maior uso do ônibus como meio de transporte para se chegar até o local, provavelmente por ter o terminal rodoviário inserido no Parque Ceci Cunha II.

Tabela 16 – Perfil do usuário (escolaridade) – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Escolaridade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ensino Fundamental Incompleto	-	-
Ensino Fundamental Completo	-	-
Ensino Médio Incompleto	-	-
Ensino Médio Completo	1	4%
Ensino Superior Incompleto	16	64%
Ensino Superior Completo	8	32%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 17 – Como vai ao Parque – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Transporte	Frequência	Frequência Relativa (%)
Carro	8	32%
Moto	4	16%
Ônibus	6	24%
À pé	7	28%
Outro	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 18 – Horário que frequenta – Questionário face-a-face -Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Horário	Frequência	Frequência Relativa (%)
Manhã	2	8%
Tarde	3	12%
Noite	10	40%
Varia o horário	10	40%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 19 – O que vai fazer – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

O que vai fazer	Frequência	Frequência Relativa (%)
Atividade física	6	24%
Conversar/encontrar com amigos	2	8%
Passear/distrair-se	10	40%
Namorar	-	-
Entrar em contato com a natureza	-	-
Apenas para passagem	7	28%

Fonte: Autor, 2016.

A maioria dos respondentes gasta até 30 minutos para chegar ao Parque Municipal Ceci Cunha (Tabela 20). 44% das respostas mostra a preferência pela utilização aos fins de semana (Tabela 21). Quando perguntados sobre o tempo de permanência, 60% deles permanecem até uma hora (Tabela 22). 96% acredita que o Parque Municipal Ceci Cunha tem importância para a cidade (Tabela 23). Como visto nas entrevistas, as pessoas preferem ir aos fins de semana e a maioria permanece até uma hora no local, segundo eles é o tempo necessário para encontrar com amigos ou para fazer uma atividade física.

Tabela 20 –Tempo gasto para chegar-Questionário face-a-face - Parque Ceci Cunha–Arapiraca/AL

Tempo	Frequência	Frequência Relativa (%)
Até 30 minutos	20	80%
Entre 30 minutos e uma hora	2	8%
Entre uma hora e duas horas	3	12%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 21 – Frequência de utilização –Questionário face-a-face–Parque Ceci Cunha –Arapiraca/AL

Frequência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Todos os dias	6	24%
Uma vez por semana	4	16%
Duas a três vezes por semana	4	16%
Aos fins de semana	11	44%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 22 – Tempo de permanência – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Tempo de permanência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Até uma hora	15	60%
De uma a duas horas	8	32%
De duas a três horas	2	8%
Mais de três horas	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 23 – Importância para a cidade – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Importância	Frequência	Frequência Relativa (%)
Importante	24	96%
Não faz diferença	1	4%
Pouco importante	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Foram perguntadas questões acerca da quantidade e qualidade dos espaços públicos (parques, praças e áreas verdes) de Arapiraca para analisar a opinião dos usuários do Parque Municipal Ceci Cunha sobre os outros parques e praças da cidade. 52% deles concorda que existem poucas praças (Tabela 24). 56% acredita que a qualidade dessas praças é regular não havendo nenhuma resposta ‘ótimo’ (Tabela 25). E, das opções dadas quando perguntados sobre o outro espaço público que utiliza além do Ceci Cunha, o Bosque das Arapiracas foi citado 20 vezes (Tabela 26).

Tabela 24 – Quantidade de espaços públicos – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Quantidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Adequada	9	36%
Muita	3	12%
Pouca	13	52%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 25 – Qualidade dos espaços públicos – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Qualidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ótimo	-	-
Bom	4	16%
Regular	14	56%
Ruim	5	20%
Péssimo	2	8%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 26 – Ambiente utilizado – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Ambiente	Citações
Área Verde Dom Constantino Leurs	2
Bosque das Arapiracas	20
Praça Luiz Pereira Lima	8
Lago da Perucaba	3
Outro	1

Fonte: Autor, 2016.

As perguntas relacionadas ao ambiente construído, a quantidade e qualidade dos equipamentos existentes, assim como fatores associados à percepção e satisfação dos usuários foram agrupadas na tabela 27 abaixo.

Tabela 27 – Questões relacionadas com o ambiente construído e seus equipamentos – Questionário face-a-face – Parque Ceci Cunha – Arapiraca/AL

Questões	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Localização	56%	40%	4%	-	-
Segurança	-	20%	40%	24%	16%
Qualidade da pista de Cooper	8%	48%	28%	8%	8%
Quantidade de aparelhos para atividades físicas	-	16%	36%	32%	16%
Qualidade dos aparelhos para atividades físicas	-	20%	40%	16%	24%
Quantidade de bancos	-	40%	16%	28%	16%
Qualidade dos bancos	-	32%	24%	32%	12%
Acessibilidade	-	36%	24%	32%	8%
Sinalização (no piso, placas indicativas, etc.)	-	16%	36%	36%	12%
Iluminação artificial	4%	36%	36%	24%	-
Sensação térmica durante o dia	4%	8%	24%	36%	28%
Conforto acústico	-	28%	24%	32%	16%
Quantidade de árvores	4%	8%	48%	36%	4%
Sombreamento nos locais de permanência	4%	8%	32%	36%	20%
Paisagem do entorno	8%	20%	36%	24%	12%
O Lago e a Ponte (quanto a sua beleza)	24%	20%	32%	12%	12%
Limpeza	8%	48%	20%	16%	8%
Aparência do Parque	16%	52%	20%	8%	4%
Organização do Bosque como um todo	4%	24%	52%	12%	8%
Distância entre as partes do Parque	-	48%	40%	4%	8%

Fonte: Autor, 2016.

A localização é colocada como “ótimo”, o que pode ser refletido pela localização do Parque Municipal Ceci Cunha na parte central da cidade. A segurança do local é regular, principalmente quando os respondentes colocam o Parque Ceci Cunha I, o qual não possui guardas municipais em seu interior. A qualidade da pista de Cooper é “boa”, esta pista só existe no Parque Ceci Cunha II, mas ainda é utilizada. A quantidade e qualidade dos aparelhos para atividades físicas, também presentes apenas no Parque Ceci Cunha II, estão colocados como “regular”, isto se deve a falta de barras e má conservação dos equipamentos. A quantidade de bancos está “boa”, porém, sua qualidade fica entre “bom” e “ruim” devido a alguns bancos quebrados. Para os respondentes, a acessibilidade está “boa”, apesar da falta de rampas em determinados locais. Quanto a iluminação artificial, as respostas estão mais associadas com “bom” e “regular”, provavelmente quando colocado o Parque Ceci Cunha I, o qual não possui boa iluminação em seu interior. A sensação térmica durante o dia foi colocada como “ruim”, assim como o conforto acústico no interior do Parque, essas duas variáveis tem relação com a quantidade de árvores, que foi colocada como “regular”, que também influencia no sombreamento nos locais de permanência, tida como “ruim”. A paisagem do entorno e o Lago com a Ponte, quanto sua beleza, foram colocadas como “regular”. Os respondentes acreditam que a limpeza do Parque assim como sua aparência são “boas”. A organização do Parque foi colocada como “regular”, já as distâncias entre suas partes estão “boas” para os que responderam o questionário.

5.2.2 Avaliação dos Usuários do Bosque das Arapiracas

Foram realizadas dez entrevistas com cinco homens e cinco mulheres, todos eles sendo frequentadores do Bosque das Arapiracas.

De acordo com os respondentes, a utilização do Bosque se dá para a prática de atividades físicas, como corrida, bicicleta, patins e skate. Isso porque o espaço fornece um ambiente agradável e boa infraestrutura. Os pontos positivos citados estão relacionados com a arborização, que apesar de ainda está em crescimento, proporciona uma sensação agradável para os usuários, a grande quantidade de pessoas que utiliza o lugar favorece o sentimento de segurança, além de ser um ambiente democrático que atende a todas as classes sociais.

Os pontos negativos se relacionam com a pouca segurança, já que a extensão do Bosque é grande e a quantidade de guardas (seis) não compreende todo o espaço. Houve reclamações sobre a falta de respeito com a pista de cooper e ciclovias quando alguns ambulantes congestionam a passagem. Outro fator negativo citado foi a demora de algumas obras inacabadas, dois novos quiosques e algumas manutenções de bancos e passeios, que também interferem na passagem dos usuários para a prática de atividades físicas.

Os entrevistados costumam utilizar o Bosque das Arapiraca entre duas a quatro vezes por semana, permanecem no local de uma a duas horas e sempre a partir do final da tarde. A falta de sombreamento nos períodos da manhã e tarde influenciam a escolha da noite para a prática das atividades. Quando perguntados sobre qual o espaço público que eles utilizavam antes da implantação do Bosque, enquanto uns não utilizavam nenhum outro espaço semelhante ou iam apenas para a academia, os outros costumavam correr na Avenida Deputada Ceci Cunha, antiga Avenida do Futuro, mas não vão mais porque esta não oferece a infraestrutura adequada para a prática desportiva além da falta de segurança; ou praticavam as atividades no Parque Ceci Cunha I e II, porém, estes também não são mais utilizados pelos respondentes, segundo eles, porque o Bosque das Arapiracas é mais completo.

Foi interessante notar que, quando perguntados sobre como eles se sentem quando estão no Bosque, os homens responderam que se sentem seguros, apesar dos perigos com a parte inacabada das obras, já as mulheres abordaram a falta de segurança, principalmente nos horários mais avançados, a partir de 20h00min.

A pergunta seguinte pedia para que eles citassem os usos que poderiam ser feitos no Bosque das Arapiracas: a prática de atividades físicas, encontro com amigos, lazer para crianças e família, prazer visual com a fonte e local para comércio de alimentação.

Os usuários sentem falta da continuidade das obras e de um dia em que as vias sejam fechadas para que as pessoas possam utilizar também estas para a prática de atividades físicas ou lazer das crianças sem a preocupação com os carros.

Quanto a importância do Bosque, os entrevistados colocaram a importância ambiental, um local democrático e que fornece um espaço agradável e gratuito para toda a população e, devido a localização central na cidade, possibilita grande visibilidade e atração de usuários, os quais podem praticar atividades físicas, ajudando assim na saúde da população. Também foi abordada a questão de que muitas praças antigas sofrem com

o abandono e falta de manutenção por parte da gestão municipal, alguns respondentes colocam o abandono destas devido a criação de novos espaços, os quais são mais frequentados por serem mais atrativos e possuírem manutenção constante.

Em comparação com outras praças e parques da cidade, o entrevistados colocam que este espaço possui uma estrutura convidativa e fornece várias formas de uso de forma democrática, a grande extensão é um fator que contribui para abarcar uma grande quantidade de pessoas. Segundo eles, o Bosque “veio para ficar” porque é um local grande e bonito e que tem a manutenção constante, apesar de faltar terminar algumas partes das obras, ele “é superior a qualquer outro parque da cidade”. Ainda foi citado que algumas outras praças são boas (não citaram nomes), mas que são afastadas do centro.

De acordo com os 25 questionários respondidos, os respondentes foram 52% do sexo feminino e têm idades entre 19 e 44 anos. Destes, 60% são solteiros, como pode ser visto nas tabelas 28 e 29.

Tabela 28 – Perfil do usuário (sexo) – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Sexo	Frequência	Frequência Relativa (%)
Masculino	12	48%
Feminino	13	52%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 29 – Perfil do usuário (estado civil) – Questionário face-a-face Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Estado Civil	Frequência	Frequência Relativa (%)
Solteiro (a)	15	60%
Casado (a)	10	40%
Divorciado (a)	-	-
Outro	-	-

Fonte: Autor, 2016.

A maioria, 60%, tem o ensino superior incompleto (Tabela 30), o que foi uma característica interessante para mostrar, o nível de escolaridade dos usuários que frequentam esse ambiente. 75% utiliza o carro como meio de transporte para se deslocar até o Parque (Tabela 31), outro fator importante no estudo e que se complementa com a observação dos estacionamentos do Bosque sendo muito utilizados durante a noite, horário em que 55% dos respondentes prefere ir. Dos que responderam, nenhum prefere ir pela manhã (Tabela 32). O final da tarde e a noite são os horários em que 45% utiliza o Bosque para a prática de atividades físicas (Tabela 33), objetivo mais escolhido dentre

os demais. Estes aspectos mostram a importância de espaços públicos vegetados para permitir o uso efetivo em todos os horários proporcionando locais sombreados tanto para as atividades físicas como para a permanência e convivência.

Tabela 30 – Perfil do usuário (escolaridade) – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Escolaridade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ensino Fundamental Incompleto	-	-
Ensino Fundamental Completo	-	-
Ensino Médio Incompleto	-	-
Ensino Médio Completo	1	4%
Ensino Superior Incompleto	15	60%
Ensino Superior Completo	9	36%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 31 – Como vai ao Bosque – Questionário face-a-face Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Transporte	Frequência	Frequência Relativa (%)
Carro	18	72%
Moto	3	12%
Ônibus	-	-
À pé	4	16%
Outro	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 32 – Horário que frequenta – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Horário	Frequência	Frequência Relativa (%)
Manhã	1	4%
Tarde	4	16%
Noite	14	56%
Varia o horário	6	24%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 33 – O que vai fazer – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

O que vai fazer	Frequência	Frequência Relativa (%)
Atividade física	11	44%
Conversar/encontrar com amigos	1	4%
Passear/distrair-se	6	20%
Namorar	-	-
Entrar em contato com a natureza	1	4%
Apenas para passagem	7	28%

Fonte: Autor, 2016.

A maioria dos respondentes gasta até 30 minutos para chegar ao Bosque das Arapiracas, apenas 5% gasta entre uma e duas horas por morar em outra cidade (Tabela 34). Já 45% das respostas mostra a preferência por utilizar o espaço referido mais aos fins de semana (Tabela 35), provavelmente por haver atrativos a mais como bandas musicais, piqueniques e aulas de zumba fornecidos pela prefeitura da cidade. Quando perguntados sobre o tempo de permanência, 65% deles permanecem até uma hora (Tabela 36). E 90% acredita que o Bosque é importante para a cidade (Tabela 37). Essa constatação se deve por eles acreditarem que o Bosque é um grande incentivador para que as pessoas possam criar hábitos mais saudáveis de forma gratuita através da prática de atividades físicas.

Tabela 34 – Tempo gasto para chegar – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Tempo	Frequência	Frequência Relativa (%)
Até 30 minutos	23	92%
Entre 30 minutos e uma hora	-	-
Entre uma hora e duas horas	2	8%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 35 – Frequência de utilização– Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Frequência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Todos os dias	2	8%
Uma vez por semana	6	24%
Duas a três vezes por semana	6	24%
Aos fins de semana	11	44%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 36 – Tempo de permanência – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Tempo de permanência	Frequência	Frequência Relativa (%)
Até uma hora	17	68%
De uma a duas horas	8	32%
De duas a três horas	-	-
Mais de três horas	-	-

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 37 – Importância para a cidade– Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Importância	Frequência	Frequência Relativa (%)
Importante	23	92%
Não faz diferença	1	4%
Pouco importante	1	4%

Fonte: Autor, 2016.

Foram feitas perguntas acerca da quantidade e qualidade dos espaços públicos (parques, praças e áreas verdes) de Arapiraca para analisar a opinião dos usuários do Bosque sobre os outros parques e praças da cidade. 55% deles concorda que existem poucas praças na cidade (Tabela 38). 40% acredita que a qualidade dessas praças é regular não havendo nenhuma resposta ‘ótimo’ (Tabela 39). E, das opções dadas quando perguntados sobre o outro espaço público que utiliza além do Bosque, o Parque Municipal Ceci Cunha foi escolhido 16 vezes (Tabela 40).

Tabela 38 – Quantidade de espaços – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Quantidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Adequada	9	36%
Muita	2	8%
Pouca	14	56%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 39 – Qualidade dos espaços – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Qualidade	Frequência	Frequência Relativa (%)
Ótimo	-	-
Bom	5	20%
Regular	10	40%
Ruim	6	24%
Péssimo	4	16%

Fonte: Autor, 2016.

Tabela 40 – Ambiente utilizado – Questionário face-a-face– Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Ambiente	Citações
Área Verde Dom Constantino Leurs	3
Parque Municipal Ceci Cunha	19
Praça Luiz Pereira Lima	1
Lago da Perucaba	5
Outro	1

Fonte: Autor, 2016.

As perguntas relacionadas ao ambiente construído, a quantidade e qualidade dos equipamentos existentes, assim como fatores associados à percepção e satisfação dos usuários foram agrupadas na tabela 41.

Tabela 41 – Questões relacionadas com o ambiente construído e seus equipamentos – Questionário face-a-face – Bosque das Arapiracas – Arapiraca/AL

Questões	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Localização	40%	52%	8%	-	-
Segurança	4%	24%	36%	24%	12%
Qualidade da pista de Cooper	16%	48%	28%	8%	-
Quantidade de aparelhos para atividades físicas	16%	48%	28%	8%	-
Qualidade dos aparelhos para atividades físicas	4%	44%	32%	20%	-
Quantidade de bancos	-	24%	64%	4%	8%
Qualidade dos bancos	-	40%	48%	8%	4%
Acessibilidade	8%	32%	32%	24%	4%
Sinalização (no piso, placas indicativas, etc.)	8%	24%	36%	24%	8%
Iluminação artificial	-	36%	28%	28%	8%
Sensação térmica durante o dia	-	24%	28%	12%	36%
Conforto acústico	4%	28%	24%	20%	24%
Quantidade de árvores	-	10%	20%	35%	35%
Sombreamento nos locais de permanência	-	16%	8%	32%	44%
Paisagem do entorno	4%	12%	40%	28%	16%
A fonte (quanto a sua beleza)	24%	32%	8%	4%	32%
Limpeza	4%	56%	32%	8%	-
Aparência do Bosque	16%	44%	24%	8%	8%
Organização do Bosque como um todo	-	40%	48%	4%	8%
Distância entre as partes do Bosque	4%	48%	28%	16%	4%

Fonte: Autor, 2016.

A tabela anterior mostra o nível de satisfação dos 25 respondentes do Bosque das Arapiracas em um aspecto geral. Dela, pode-se concluir que a localização do Bosque na cidade é ‘boa’, já que fica centralizada na cidade. A segurança é ‘regular’, alguns usuários reclamam da presença de “marginais” praticando furtos nas redondezas. A qualidade da pista de *Cooper* é tida como ‘boa’, o que atrai usuários, por exemplo, de outros espaços nos quais o passeio não fornece segurança para a prática de caminhada e corrida, como é o caso da Avenida Deputada Ceci Cunha. A quantidade de aparelhos para atividade física é ‘boa’, porém, sua qualidade foi colocada como ‘ruim’. Tanto a quantidade de bancos como a qualidade deles recebeu a qualificação de ‘regular’. Isto se deve pela distância entre eles e alguns estarem quebrados. A acessibilidade foi considerada ‘regular’, pois

várias das rampas para cadeirantes que dão acesso ao Bosque estão deterioradas. As sinalizações, como desenhos indicativos no piso ou placas, foram tidas como ‘regular’. A iluminação artificial é ‘boa’, pois permite que os usuários façam suas atividades à noite sem contratempos. Já a sensação térmica durante o dia está, segundo os respondentes, ‘péssima’. Isto é devido às árvores plantadas ainda estarem novas e baixas de mais para fornecerem sombra, assim como a vegetação dos caramanchões dos bancos, o que dificulta o uso do Bosque durante o horário da manhã e da tarde. Por isso o quesito “quantidade de árvores” ficou com classificação empatada entre ‘ruim’ e ‘péssimo’, e o quesito “sombreamento nos locais de permanência” com classificação ‘péssimo’. O conforto acústico quanto aos ruídos externos é tido como ‘bom’. Quando perguntados sobre a paisagem do entorno, quase metade dos respondentes (45%) a colocaram como “regular”. Segundo eles, as residências no entorno têm uma aparência feia e desvaloriza o local. A fonte quanto a beleza ficou dividida com classificação ‘boa’ e ‘regular’ com 30% dos respondentes em cada. A limpeza é considerada ‘boa’, assim como a aparência do Bosque. A organização do Bosque como um todo é considerada ‘regular’, isto se deve, para alguns, pelos espaços abertos que se encontram no centro do mesmo, o que poderia ser resolvido com a permissão das pessoas andarem pela grama, o que só é visto acontecer aos fins de semana quando ocorrem os piqueniques. Já a questão “distâncias entre as partes do Bosque”, como os equipamentos de atividades físicas, os quiosques e os equipamentos para idosos, é considerada ‘boa’.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Ambos os parques seguem a mesma forma de inserção dentro da cidade: foram inseridos com o objetivo de oferecer um local agradável, de convivência e que valorizasse o bem estar e a saúde da população. Também passaram por um processo de gentrificação quando retiraram parte dos moradores da região para a implantação do empreendimento. Os dados levantados permitiram uma visão do que vem acontecendo nos parques e praças da cidade com relação a sua produção e as formas de uso.

Os resultados mostram que os dois parques são bem similares quanto a forma de produção, pois as características construtivas de ambos são iguais, os bancos, a forma dos quiosques, a paginação do piso e a vegetação; e também pela diversidade de usos, como a prática de esportes, local para alimentação e convivência. Por serem vizinhos, os dois

parques, às vezes, ainda são confundidos. Alguns respondentes ficaram em dúvida na identificação dos dois espaços públicos.

A diferença se encontra quando o Parque Ceci Cunha torna-se mais voltado para a permanência e encontro com amigos enquanto o Bosque é predominantemente voltado para a prática de atividades físicas, o que não impede de forma alguma o uso para permanência e passeio.

Com a análise dos dois parques, pode-se perceber que a gestão pública vem produzindo espaços similares no centro, principalmente no centro da cidade, e com isso há uma padronização também nas formas de uso dos mesmos, o que não deve acontecer e, pelo contrário, deve permitir uma flexibilidade na forma de usar inclusive fornecendo formas de usos variados em cada um deles para a atração de mais pessoas. Além de procurar promover uma maior segurança nos espaços públicos da cidade em todos os horários de uso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da produção dos espaços públicos tem uma importância tanto para a morfologia da cidade quanto para a melhoria de qualidade de vida da população, isso porque esse exame contribui para o entendimento de como tais espaços estão sendo produzidos, utilizados e mantidos, ainda gerando uma reflexão da importância desses espaços na vida da população. Arapiraca passa por um processo de crescimento econômico e de verticalização, a qual pode ser percebida com o aumento de prédios tanto comercial como residencial. Isto aumenta a relevância de espaços abertos de uso público para a utilização dos indivíduos em atividades desportivas, locais para a convivência, contato com a natureza e tantas outras formas de usos já citadas.

Para a pesquisa, os estudos de Lynch (1997) para a caracterização destes espaços no tecido urbano auxiliaram no entendimento da legibilidade que tais lugares representam para a população. Alguns dos respondentes ainda confundem o Parque Ceci Cunha com o Bosque das Arapiracas, isto se deve, provavelmente, pela proximidade de ambos e também pela similaridade construtiva, como bancos, paginação de piso, etc. O grande diferencial que serve como marco entre um e outro é a fonte do Bosque das Arapiracas.

Os fatores qualitativos do design urbano foram analisados como base para entender se os espaços estudados foram produzidos como locais abertos e responsivos para atender o usuário. A análise de permeabilidade, acessibilidade, legibilidade, diversidade e identidade e propriedade são colocados como indicadores de qualidade urbana. Esses fatores mostraram que os dois espaços atendem à demanda de qualidade indicada, porém, o Bosque das Arapiracas erra em se tratando da permeabilidade, isso porque as obras no interior do Parque ainda continuam; assim, só existem dois acessos que permitem a passagem do usuário pelo interior do ambiente. Já o Parque Municipal Ceci Cunha, por estar dividido em três setores, perde parte da identidade no primeiro setor, o Parque Ceci Cunha I, pois este é o que menos possui aspectos positivos, assim, há a pouca frequência de pessoas e a diminuição do uso.

A vegetação é uma característica importante dos espaços públicos, pois propicia inúmeros benefícios, entre eles, na composição atmosférica, reduzindo a insolação direta dos raios solares e favorece um clima mais ameno durante o dia, colabora para a redução dos níveis de ruído externo, com o equilíbrio solo-clima-vegetação e ainda favorece o

embelezamento da cidade. Para os parques estudados, as árvores são entendidas como pontos de grande importância para a composição deles, os usuários preferem locais sombreados por árvores e vegetação, constatando, desta maneira, que um dos pontos negativos citados foram os bancos sem sombreamento, principalmente na parte da tarde.

Com relação aos aspectos do projeto do espaço público, as três categorias de importância foram o padrão da forma percebida (estética), o padrão de circulação (estrutura) e o padrão de atividades (uso). De forma geral, são os aspectos que merecem ser pensados no processo de concepção de um projeto do espaço público. A forma percebida remete ao aspecto do parque, por exemplo, um local atrativo que possibilite ao usuário que, mesmo de fora, sinta-se convidado a entrar e usufruir o que ele oferece. A estrutura tem relação com a permeabilidade, ou seja, um local de fácil entrada e saída, que permita uma liberdade de movimentação para o usuário. Já o uso está ligado à flexibilidade das formas de utilização do local. Um espaço público será mais frequentado quanto mais usos as pessoas possam fazer dele.

Para a avaliação de qualidade dos espaços estudados foram analisados também os 12 critérios citados por Jan Gehl, os quais são colocados como pontos que qualificam um bom espaço público. Com base nisso, obteve-se como resultado que o Parque Ceci Cunha I é o que menos abrange os critérios citados, o que reforça a necessidade de uma intervenção no local para que ele possa ser efetivamente utilizado pela população. E o Mercado do Artesanato foi o único que obteve todos os critérios atingidos.

A Avaliação Pós-Ocupação mostrou-se eficiente como metodologia para o alcance dos resultados esperados. Este tipo de avaliação propiciou uma análise abrangente tanto dos aspectos físico-constructivos dos parques quanto dos aspectos comportamentais dos usuários. Assim, pôde-se avaliar como se deu a produção do Parque Municipal Ceci Cunha e do Bosque das Arapiracas, ambos utilizando bancos, paginação de piso, lixeiras e vegetação semelhantes, o que colabora para a confusão na distinção entre um e outro. Em se tratando de análise comportamental, a metodologia foi importante juntamente com os estudos de psicologia ambiental, a qual permitiu um entendimento mais profundo com relação ao comportamento do usuário. Os estudos sobre comportamento, percepção e cognição foram importantes para a criação dos questionários e entrevistas, assim como para melhorar as técnicas usadas nas observações *in loco*.

Enquanto a Teoria das Facetas foi escolhida como auxiliadora na criação dos questionários por possibilitar uma visão concisa do objeto de estudo já que instiga o

pesquisador a enxergar a maior quantidade de facetas possíveis. Essa teoria abrange vários outros métodos, porém, bastou para este trabalho apenas um breve estudo e a criação das combinações para as questões do questionário.

Uma das limitações com relação a utilização das entrevistas e questionários face a face se deu por conta da recusa de um determinado número de pessoas em participar da pesquisa. O número de instrumentos aplicados ficou estabelecido em 50 questionários e 20 entrevistas devido a esta dificuldade na obtenção das informações com os usuários. Também foi constatado uma maior participação, em menor tempo, de pessoas para com os questionários online, os quais se mostraram eficientes e com um bom retorno.

A avaliação dos usuários teve como intenção saber quais os usos eram feitos nos espaços estudados e avaliar o nível de satisfação das pessoas sobre o Parque Municipal Ceci Cunha e o Bosque das Arapiracas. Os usos, mostrados nos mapas comportamentais, são variados, a maior parte deles envolvendo as atividades físicas, o que mostra uma população preocupada com a qualidade de vida e a saúde.

Os usuários percebem que há uma migração das praças e parques de bairro para os parques e praças centrais. Interessante perceber nas entrevistas a constatação de que, em Arapiraca, quando se é inaugurado um parque ou praça há uma preocupação na divulgação deste por parte da gestão municipal. Os entrevistados citavam as migrações que ocorreram da antiga Avenida do Futuro, atual Avenida Deputada Ceci Cunha, para o Parque Ceci Cunha II para a prática de atividades físicas. Depois houve a migração para O Lago da Perucaba e Área Verde, mesmo ainda ocorrendo o uso do Parque Ceci Cunha para tais atividades, em 2011, possivelmente, com a implantação do Bosque das Arapiracas, houve uma forte diminuição do uso do Lago da Perucaba e da Área Verde.

Constata-se assim que há uma junção de problemas para o desuso das praças e parques de Arapiraca: na medida em que as pessoas deixam de usar um desses ambientes para outro mais recente, há também a falta de manutenção por parte da gestão pública. O que diminui ainda mais a frequência de pessoas e propicia um depredado, maltratado e sem uso, tanto pela falta de segurança quanto pela falta de manutenção de seus equipamentos.

A produção dos espaços públicos em Arapiraca vem se dando de forma padronizada, o material construtivo, a paginação de piso, a vegetação e os modelos de bancos e lixeiras, e principalmente como forma de marco político e marketing urbano passando por processos de gentrificação. Além disso, a padronização construtiva leva a

uma padronização de usos, reduzindo assim um fator tão importante de qualidade e atração de pessoas, a flexibilidade de usos do espaço público.

Um parque para ser efetivamente utilizado precisa ser flexível quanto aos seus usos, manter um espaço aberto para todos sem distinção possibilitando assim a interação social, a prática desportiva e o lazer. A segurança é um ponto importante, pois as pessoas tendem a frequentar lugares onde se encontrem seguras atraindo assim mais pessoas. O parque também deve fornecer condições para o seu uso em todos os horários, por isso a importância do sombreamento pela vegetação na parte da tarde. Caramanchões cobertos por vegetações, quiosques, coretos e árvores de médio e grande porte fornecem essa sombra e permitem que os usuários possam utilizar o parque para permanência em qualquer horário. Bancas de revista e quiosques para alimentação também são locais interessantes para que as pessoas possam permanecer no espaço, assim como tendas acústicas para shows e apresentações culturais. Intervenções urbanas são comuns em praças e parques e dinamizam o lugar, como pinturas nas bocas de lobo, amarelinhas no chão, etc.

São considerações que devem ser estudadas para um planejamento urbano mais eficiente, que procure analisar as necessidades dos usuários antes de implantar determinado parque que, futuramente, pode sofrer pela falta de uso e manutenção por não fornecer um espaço com uma estética e funcionalidade expressiva para a população.

As recomendações sugeridas para os parques estudados visam a melhoria dos aspectos físicos e de uso, como uma constante manutenção nos bancos e lixeiras, dos passeios, já que são bastante utilizados para a prática de caminhada e corrida, assim como dos equipamentos de atividades físicas e academias ao ar livre. Propiciar locais de permanência sombreados e banheiros acessíveis. A segurança é um fator bastante importante que influencia diretamente na quantidade de pessoas que utilizam o espaço e também propiciando o maior uso em vários horários. Já as recomendações importantes para futuros espaços públicos são a criação de espaços que forneçam uma grande variedade de usos para a população, como espaços de permanência, passagem, pontos comerciais de alimentação, bancas de revista, playgrounds para crianças e equipamentos de atividades físicas em condições de uso. É perceptível que quanto mais abrangente as formas de uso de um espaço, mais pessoas serão atraídas para ele.

A pesquisa mostrou que essa variedade é encontrada de forma mais abrangente no Parque Municipal Ceci Cunha e mais singela no Bosque das Arapiracas, porém, com as

reformas que estão acontecendo, este, possivelmente, passará a oferecer novas formas de uso.

Como resultado dos estudos feitos para esta pesquisa, segue um quadro (Quadro 4) com as características e fatores utilizados para a avaliação dos parques estudados. Espera-se, com isto, uma contribuição para futuras pesquisas envolvendo a produção e uso de espaços públicos:

Quadro 4 – Características e fatores para avaliação de espaços públicos

Fase do trabalho	Atribuições
Caracterização do espaço público no tecido urbano	Caracterizar o espaço público no tecido urbano tendo como base os cinco elementos formais citados por Kevin Lynch, que são: Vias, Marcos, Limites, Pontos Nodais e Bairro.
Avaliação dos fatores qualitativos do design urbano	Avaliar se tais fatores fazem parte do projeto do espaço público visando colaborar com a produção de espaços abertos responsivos com base nos estudos de Ian Bentley. Os fatores são: permeabilidade, acessibilidade, legibilidade, variedade e flexibilidade (diversidade) e identidade e propriedade.
Verificação dos benefícios da vegetação urbana	Verificar o papel da vegetação no espaço público para a criação de espaços verdes na busca de promover um clima ameno no interior e arredores do espaço, propiciar um embelezamento da cidade e baixar os níveis de ruído no interior dos parques e praças urbanos.
Analisar os aspectos do projeto	Fazer uma análise dos aspectos do projeto tendo como base os 3 aspectos tratados por Lynch e Hack, que são: o padrão da forma percebida (estética), o padrão de circulação (estrutura) e o padrão de atividades (uso).
Avaliar os 12 critérios qualitativos de um espaço público	Fazer uma avaliação se o espaço público estudado abrange os 12 pontos citados por Jan Gehl, os quais são colocados como pontos positivos para um espaço público de qualidade.

Fonte: Autor, 2016.

Já como diretrizes para a concepção de espaços públicos para projetos similares, propõe-se aqui que os mesmos sejam pensados com a participação dos usuários, assim como a utilização de estudos de projetos anteriores, avaliações pós-ocupação e estudos comportamentais para o auxílio na escolha das características físicas do projeto que irão beneficiar a população que irá utilizar o local fornecendo as condições necessárias para um uso efetivo. Assim, seguem as diretrizes propostas:

- A realização de diagnóstico amplo sobre o espaço público a ser criado, visando a participação dos futuros usuários, desde a concepção até a construção;
- O estímulo à variedade de usos para os espaços públicos como forma de atração de pessoas e a possibilidade de um uso diversificado;
- A definição de um projeto de manutenção periódica para os equipamentos existentes;
- A melhor distribuição dos equipamentos dentro do espaço a ser criado;
- Um estudo que vise a redução dos pontos vulneráveis relacionados à segurança dos usuários.

A partir desta pesquisa, percebe-se a importância dos estudos relacionados com os espaços públicos da cidade de Arapiraca visto seu crescente desenvolvimento. Entender como as praças e parques estão sendo produzidos tanto pela avaliação dos seus aspectos técnico-construtivos quanto pela avaliação dos usuários possibilita uma análise constante dos seus pontos positivos e negativos e assim a melhoria e manutenção dos aspectos que não estão atendendo às necessidades dos usuários para a produção de espaços públicos efetivamente utilizados.

Ainda, mostra-se importante para aumentar o acervo de informações sobre a cidade e, principalmente, dos espaços públicos, os quais fazem parte da vida da população. Houve grandes dificuldades na obtenção de informações dos espaços estudados – Parque Municipal Ceci Cunha e Bosque das Arapiracas – pelo pouco acervo de informações disponibilizados tanto na biblioteca pública da cidade como por meios digitais, como a internet.

Como recomendações para trabalhos futuros envolvendo a temática desta pesquisa, há várias possibilidades de expandir os estudos relacionados com os espaços públicos e a participação do usuário no processo de projeto visando a produção e o uso efetivo do espaço, alguns temas que são importantes a serem desenvolvidos e que não foram possíveis de serem abordados aqui devido sua extensão seguem abaixo:

- As novas formas de uso do espaço público na era digital;
- A influência política na produção dos espaços públicos;
- O processo de gentrificação na implantação de espaços abertos;
- A importância da opinião do usuário e o planejamento participativo;

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Sergio Luiz. **“Espaço público, do urbano ao político”**. São Paulo: Amablume; Fapesp, 2008.
- ALEX, Sun. **Projeto da Praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- ALVES, Maria Cherubina de Lima; BASSANI, Marlise Aparecida. **A psicologia ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa-ambiente**. s/d.
- AMOLE, Dolapo. Residential satisfaction in students’ housing. **Journal of Environmental Psychology**, 1-10, 2008.
- ARAPIRACA. Prefeitura Municipal de Arapiraca. **Plano decenal de Arapiraca: desenvolvimento territorial sustentável no agreste alagoano**. Maceió: Manguaba, 2012.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 5. Ed. Ver. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005
- BARATTO, Romullo. "12 critérios para determinar um bom espaço público" 22 May 2013. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>. Acesso em: 20 de maio 2015.
- BARROS, Paula. Ian Bentley. Entrevista, São Paulo, year 13, n 050.01, Vitruvius, apr. 2012. Disponível em: www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/13.050/4287 acesso em março de 2016
- BATALLER, Maria Alba Sargatal. O estudo da gentrificação. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 1, n.1, 2012.
- BELL, Paul A.; GREENE, Thomas C.; FISHER, Jeffrey D.; BAUM, Andrew. The why, what and how of Environmental Psychology. In. **Environmental Psychology**. Harcourt Brace College Publishers, 1996.
- BENTLEY, Ian; ALCOCK, Alan; MURRAIN, Paul; MCGLYN, Sue; SMITH, Graham. **Responsive Environments: a manual for designers**. Architectural Press, Oxford, 1985.
- BILSKY, Wolfgang. A teoria das facetas: noções básicas. **Estudos de psicologia**, v.8, n. 3, pp. 357-365. 2003.
- BRILL, Michael. **“Transformation, Nostalgia and Illusion in public life and public space”** in ALTMAN, I. & ZUBE, E. (eds.). **Public Places**. New York: Olenum, 1989, pp. 7-29.

CAMPOS-DE-CARVALHO, Maria Ignez; CAVALCANTE, Sylvia. **Ambiente**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): *Temas Básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CARLOS, Ana Fani. Novas contradições do espaço. In: DANIANI; CARLOS; SEABRA (Orgs.), **O espaço no fim do século: a nova raridade**, Contexto, São Paulo, 2001, pp.62-74.

CASTELLO BRANCO, M. L. Cidades Médias no Brasil. In: **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão popular, 2006.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): **Temas Básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPÓSITO, Maria da Encarnação. **Cidades médias: espaços em transição**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano: notas teórico-metodológicas. **GEOSUL**, n.15, Ano VIII, 1º semestre de 1993.

DARODA, Raquel Ferreira. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. 2012. 122 f, Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

DORNELES, Vanessa Goulart; AFONSO, Sonia; ELY, Vera Helena Moro Bins. O desenho universal em espaços abertos: uma reflexão sobre o processo de projeto. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Paulo, v.8, n.1, pp. 55-67, jan-jun. 2013.

DUARTE, Rovenir Bertola; GONÇALVES, Aurora Aparecida Fernandes. Psicologia e arquitetura: uma integração acadêmica pela construção perceptiva do ambiente. **Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina, 2005.

ELALI, Gleice Azambuja. Processo projetual e estresse ambiental: explorando aspectos que podem influenciar a relação usuário – ambiente. In: FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Orgs.). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

ELALI, Gleice Azambuja; PELUSO, Marília Luiza. **Interdisciplinaridade**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): *Temas Básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Orgs.). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe; MELHADO, Silvio Burrattino. Conceitos de qualidade no projeto. In: FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Orgs.). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

FARIA, Geraldo Majela Gaudêncio. Notas sobre as determinações dos espaços livres urbanos e a configuração da esfera pública. In: CAMPOS, A. C; *et al.* (Org.). (2011): **Sistemas de espaços livres. Conceitos, conflitos e paisagens**. São Paulo: Fau/USP, 2011, pp. 11-21.

FEDERAL FACILITIES COUNCIL TECHNICAL REPORT No. 145. **Learning from our buildings**: a state-of-the-practise sumamary of post-occupancy evaluation. National Academy Press, Washington, D.C. 2002.

FERNANDES, Ludmila Dias. **O espaço público aberto: sua vitalidade e lógica espacial**. In. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – Anpur, 13., Florianópolis, 2009. **Anais...** Florianópolis, 2009.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FERREIRA, Marcos Ribeiro. Problemas ambientais como desafio para a psicologia. In. GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo (Orgs.): **Psicologia ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

GALENDER, Fany Cutcher. A ideia de sistema de espaços livres públicos na ação de paisagistas pioneiros na américa latina. **Paisagem em Debate** – revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU.USP, n.3, nov. 2005

GIFFORD, Robert. Environmental perception and cognition. In. **Environmental psychology**: principles and practices. Allyn & Bacon, United States of America, 1996.

GIFFORD, Robert. The Nature and scope of environmental psychology. In. **Environmental psychology**: principles and practices. Allyn & Bacon, United States of America, 1996.

GOMES JÚNIOR, José de Souza; SILVA, Jaciel Guilherme da; NEVES, Rafael Rust. **A revitalização dos espaços públicos em Arapiraca/AL**: Padronização e marketing urbano. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS., João Pessoa, 2013. **Anais...** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2013.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SILVA, Rosineide Nascimento; SILVA, José Carlos dos Santos; SILVA, Thiago Gilney Ferreira. Caracterização e análise dos espaços públicos da cidade de Arapiraca – AL – Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiás, v.6, n.4, pp. 137 – 157, 2012.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. A vegetação nos centros urbanos: Considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v.1, n.1, p. 19-29, 2003.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de ecopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUIDE TO POST OCCUPANCY EVALUATION. University of Westminster: HEFCE, 2006.

GÜNTHER, Hartmut. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. **Psicologia USP**, v.16, n.1/2, p.179-183, 2005.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice A.; PINHEIRO, José Q. **A abordagem multimétodos em estudos Pessoa-Ambiente**: características, definições e implicações. Série: Textos de Psicologia Ambiental, Nº 23. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2004.

GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo (Orgs.). **Psicologia ambiental**: entendendo as relações do homem com seu ambiente. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

GÜNTHER, Hartmut; ROZESTRATEN, Reiner J. A. A psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. **Laboratório de psicologia ambiental**, série: textos de psicologia ambiental, n.10, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. 2005.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHLEN, Ariane; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Cognição ambiental. In. CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): **Temas Básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HERSHBERGER, Robert. Behavior – based architectural programming. In BECHTEL, Robert B.; CHURCHMAN, Arza. (Eds.) **Handbook of Environmental Psychology**. New York: John Wiley & Sons, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: setembro de 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KAPLAN, Audrey. **The hole of technology for building performance assessments.** In. Learning from our buildings: a state-of-the-practise sumamary of post-occupancy evaluation. National Academy Press, Washington, D.C. 2002.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.; PRATA, Alessandra R.; PINA, Silva A. Mikami G.; CAMARGO, Renata Faccin. **Ambiente construído e comportamento humano:** necessidade de uma metodologia. s/d.

KUHNEN, Ariane. **Percepção ambiental.** In. CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): Temas Básicos em psicologia ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

LENCIONI, Sandra. uma nova determinação do urbano: um desenvolvimento do processo de metropolização do espaço. In: CARLOS, A. F.; LEMOS, A. I. G. **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade,** Contexto, São Paulo, 35-44, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo. Martins Fontes, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. In: **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUS, Clare Cooper; BARNES, Marni. **Gardens in healthcare facilities:** uses, therapeutic benefits, and design recommendations. The Center for health design, 1995.

MARICATO, Ermínia. Na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. In: MARICATO (Org.), **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana,** Vozes, Petrópolis, 2001, pp. 99-169.

MCCALL, Rod; O'NEIL, Shalep; CARROLL, Fiona; BENYON, David; SMYTH, Michael. Responsive environments, place and presence. **PsychNology journal,** v. 3, n. 1, pp. 35-73, 2005.

MENDES, Luís. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. **Cad. Metrop.,** São Paulo, v.13, n.26, pp. 473-495, jul/dez. 2011.

MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e pesquisas em psicologia,** UERJ, Rio de Janeiro, ANO 7, n.2, 2007.

MONTEIRO, Circe Maria Gama. Métodos e técnicas para levantamento de campo e análise de dados: avaliação de lugares – o enfoque da teoria das facetas. In: WORKSHOP AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO. **Anais....** São Paulo: FAUUSP, 1994, pp. 53-74.

MORAES, Odair Barbosa de Moraes. **Método de dados para avaliação de áreas urbanas recuperadas – uma abordagem utilizando a Lógica Fuzzy**. 2008. 304f, Tese (Doutorado) Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Departamento de Engenharia de Construção Civil, São Paulo, SP, 2008.

MORAES, O.B.; ABIKO, A. K. Dweller perception using fuzzy logic for slum upgrading. **Municipal Engineer** **161**, 151-161, September, 2008.

MORAES, Odair Barbosa. Lógica *Fuzzy* e suas aplicações na avaliação do ambiente construído. In: FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Orgs.). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Estatística básica**. 6. ed., rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2010.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental e estudos pessoas-ambiente: que tipo de colaboração multidisciplinar? **Psicologia USP**, v.16, n1/2, pp. 131-140, 2005.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Identidade social urbana**. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (Orgs.): **Temas Básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Marcinéia Vaz Moraes; ROSIN, Jeane Aparecida Rombi de Godoy. Arborização dos espaços públicos: uma contribuição à sustentabilidade urbana. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v.1, n.3, pp. 01-14, 2013.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Arquitetura, urbanismo e psicologia ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. **Psicologia USP**, v.16, n.1/2, pp. 155-165, 2005.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; ONO, Rosaria. **Post-Occupancy Evaluation and Design Quality in Brazil: Concepts, Approaches and an Example of Application**. *Architectural Engineering and Design Management*. V.6, pp.48-67, 2010.

ORNSTEIN, Sheila. MORAES, Odair. SARMENTO, Taisa. **Avaliação Pós-ocupação da UFAL – Campus Arapiraca**: uma experiência didática. Maceió: EDUFAL, 2011, 159p.

ORNSTEIN, Sheila; BRUNA, Gilda; ROMÉRO, Marcelo. **Ambiente construído e comportamento**: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental. São Paulo: Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1995.

ORNSTEIN, Sheila; ROMÉRO, Marcelo (colaborador). **Avaliação Pós-Ocupação (APO) do ambiente construído**. São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, 1992.

PAOLI, Dina; PINA, Silva A. Mikami G. **Desenho urbano nas áreas habitacionais**: uma metodologia de análise conceitual. Uma metodologia de análise dos conceitos de desenho urbano em propostas de projeto e intervenção no ambiente construído. s/d.

PAQUENSTOR, Evandro Klen; RIGUETTI, Norma Kelen. **Percepção ambiental, descaso e conservação**: uso da geoinformação no estudo de áreas verdes públicas em Carangola – MG. IV ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, Brasília, 2008.

PÁRAMO, P. (2010). Aprendizaje situado: Creación y modificación de prácticas sociales em el espacio público urbano. **Psicologia & Sociedade**, v.22, n.1, pp. 130-138, 2009.

PEREIRA, Elson Manoel. **Urbanidade e sustentabilidade de espaços públicos**. In. X ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, Belo Horizonte, 2003.

PINHEIRO, José Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**, v.2, n.2, pp. 377-398, 1997.

POLLI, Gislei Mocelin; Ariane Kuhnen. Possibilidades de uso das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, v.16, n.1, pp. 57-64, jan./abr., 2011.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES, Inc. **Placemaking and the future of cities**. New York. 2012.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate**, v.19, n.21, pp. 25-35, jan./jun. 2011.

QUEIROGA, Eugenio; *et al.* Notas gerais sobre os sistemas de espaços livres da cidade brasileira. In: CAMPOS, A. C.; QUEIROGA, E. F.; GALENDER, F.; DEGREAS, H. N.; AKAMINE, R.; MACEDO, S. S.; CUSTÓDIO, V. (Org.). (2011): **Sistemas de espaços livres. Conceitos, conflitos e paisagens**. São Paulo: Fau/USP, 2011, pp. 11-31.

REIS, Antonio Tarcisio; LAY, Maria Cristina Dias. Métodos e técnicas para levantamento de campo e análise de dados: Questões gerais. In: WORKSHOP AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO. **Anais....** São Paulo: FAUUSP, p. 53-74, 1994.

REIS-ALVES, Luiz Augusto. O conceito de lugar. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n.087.10, Vitruvius, ago. 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225> acesso em março de 2016.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ALCANTARA, Denise; DEL RIO, Vicente. A influência do projeto na qualidade do lugar – percepção da qualidade em áreas residenciais no Rio de Janeiro, Brasil. **Sociedade e Território – revista de estudos urbanos e regionais**. n.39, 2005.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Gisele Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós graduação em Arquitetura, 2009.

RIVLIN, G. Leanne. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, v.8, n.2, pp.215-220, 2003.

SALGADO, Mônica Santos. Arquitetura centrada no usuário ou no cliente? Uma reflexão sobre a qualidade do projeto. In: FABRÍCIO, Márcio Minto; ORNSTEIN, Sheila Walbe (Orgs.). **Qualidade no projeto de edifícios**. São Carlos: RiMa Editora, ANTAC, 2010.

SARMENTO, Maria Emília de Gusmão Couto. **A imagem do lugar: da veiculação à experimentação dos *fronts* turísticos em Maceió – Alagoas**. 2002. 261 f, Tese (Doutorado) Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Recife, PE, 2002.

SÁNCHEZ, Euclides. A psicologia ambiental e suas possibilidades de interdisciplinaridade. **Psicologia USP**, v.16, n.3, pp. 195-206. 2005.

SILVA, Guilhermina Castro; LOPES, Wilza Gomes Reis; LOPES, João Batista. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.11, n.3, pp.197-212, jul./set, 2011.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira; TÂNGARI, Vera Regina. **Sustentabilidade: um conceito ou uma ideia imposta?** In. 10^º ENEPEA – Encontro Nacional de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. FAU/PUCRS, Porto Alegre – RS, 2010.

SILVA, Regina de Held. **A praça – identidade e apropriação pública**. Avaliação pós-ocupação da praça Arthur Thomas no município de Umurama - Paraná, 2009. 235 f, Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Universidade Estadual de Maringá, Paraná. 2009.

SILVA, Rosineide Nascimento da; GOMES, Marcos Antônio Silvestre. Parques urbanos em Alagoas: Caracterização e análise no âmbito da produção do espaço. **Revista Percursos – NEMO**, Maringá, v.2, n.1, pp. 107-133, 2010.

SOBARZO, Oscar. In: SPÓSITO, M. E. **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SOUZA, Adslane Pereira de. **Análise da qualidade ambiental urbana em praças públicas através da percepção dos seus usuários: o caso da Praça Dois de Julho – Campo Grande – Salvador – Bahia**, 2009. 143 f, Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana) – Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2009.

SOUZA, Júlio César Oliveira; MARISCO, Luciane Maranha de Oliveira. A reestruturação urbana e a dinâmica socioeconômica em cidades médias: o caso de Arapiraca, Alagoas. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº31, vol.1, pp.55 a 75. 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPÓSITO, Maria da Encarnação. **Cidades médias: espaços em transição** – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. “Na vida das ruas. Escrevendo muito depois de Heidegger”. Janeiro de 2005
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.056/513>. Acesso em: 10 set. 2015

VILLAÇA, Flávio: A recente urbanização brasileira. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.), **Urbanização brasileira, redescobertas**, Editora C/Arte, Belo Horizonte, pp.28-41, 2003.

VISCHER, Jacqueline. Post-Occupancy Evaluation: a multifaceted tool for building improvement. In. **Learning from our buildings**: a state-of-the-practise sumamary of post-occupancy evaluation. National Academy Press, Washington, D.C. 2002.

WACQUANT, Loïc. Ressituando a gentrificação: a classe popular, a ciência e o Estado na pesquisa urbana recente. **Caderno CRH**, Salvador, v.23, n.58, pp.51-58, jan/abr. 2010.

ZIMRING, Craig. Postoccupancy Evaluation: Issues and implementation. In: BECHTEL, Robert B.; CHURCHMAN, Arza. (Eds.) **Handbook of Environmental Psychology**. New York: John Wiley & Sons, 2002.

APÊNDICE A

TEORIA DAS FACETAS PARA A GERAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A – FOCO

- 1 – Geral
- 2 – Particular

B – NÍVEL DE EXPERIÊNCIA

- 1 – Bosque das Arapiracas
- 2 – Arapiraca

C – REFERENCIAL DE EXPERIÊNCIA

- 1 – Dimensão
- 2 – Localização (entorno, forma de chegar)
- 3 – Serviços/Comércio (quiosques, bancas de revista)
- 4 – Usos/Equipamentos (bancos, fontes, iluminação)
- 5 – Manutenção/Qualidade

D – OBJETIVOS

- 1 – Esportes (corrida, musculação, bicicleta, estruturas esportivas)
- 2 – Socializar (conversar, encontrar amigos)
- 3 – Lazer (brinquedos, atividades culturais)
- 4 – Passagem
- 5 – Namorar/Paquerar
- 6 – Paisagem

COMBINAÇÕES

- A2B1C1D1 – Como você avalia o Bosque com relação à segurança?
- A2B1C1 – Como você avalia a quantidade de equipamentos do Bosque?
- A2B1C1D1 – Como você avalia a pista de cooper/bike do Bosque?
- A2B1C2 – Como você avalia a localização do Bosque na cidade?
- A2B1C2 – Como você avalia a quantidade de equipamentos públicos do entorno?
- A2B1C2 – Como você avalia as vias de acesso ao Bosque?
- A2B1C3 – Como você avalia o comércio de alimentação do Bosque?
- A2B1C3 – Como você avalia os serviços do entorno do Bosque?
- A2B1C4D1 – Como você avalia os aparelhos de atividades físicas do Bosque?
- A2B1C4D2 – Como você avalia a quantidade de bancos do Bosque?
- A2B1C4D2 – Como você avalia a qualidade dos bancos do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia a acessibilidade do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia a sinalização do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia o conforto térmico do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia o conforto acústico do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia a iluminação artificial do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia a quantidade de árvores do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia o sombreamento nos locais de permanência do Bosque?
- A2B1C5 – Como você avalia a sensação térmica do Bosque?
- A1B1C1 – Como você avalia a importância do Bosque para Arapiraca?
- A1B2 – Como você avalia a quantidade de praças em Arapiraca?
- A1B2C1 – Como você avalia a qualidade das praças de Arapiraca?
- A1B2C4 – Qual outra praça você mais utiliza?
- A2B1C4D6 – Como você avalia a paisagem do entorno do Bosque?
- A2B1C4D6 – Como você avalia a fonte quanto a sua beleza?
- A2B1C3 – Como você avalia a limpeza do Bosque?

APÊNDICE B

Questionário para a avaliação da percepção ambiental/ satisfação dos usuários do Bosque das Arapiracas

Questionário que busca avaliar os aspectos quantitativos e qualitativos do Bosque das Arapiracas a partir da opinião dos próprios usuários. Como resultado, busca-se compreender como está se dando a produção e apropriação dos espaços públicos de Arapiraca.

USUÁRIO	
1. Sexo	7. Quanto tempo você gasta para chegar ao Bosque?
(<input type="checkbox"/>) Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino	(<input type="checkbox"/>) até 30 minutos
	(<input type="checkbox"/>) entre 30 minutos e 1 hora
2. Idade: _____	(<input type="checkbox"/>) entre 1 hora e duas horas
3. Qual o bairro onde você mora?	8. Com que frequência costuma ir ao Bosque?
	(<input type="checkbox"/>) Todos os dias
	(<input type="checkbox"/>) 1 vez por semana
4. Estado civil	(<input type="checkbox"/>) 2 a 3 vezes por semana
(<input type="checkbox"/>) Casado	(<input type="checkbox"/>) Aos fins de semana
(<input type="checkbox"/>) Solteiro	
(<input type="checkbox"/>) Divorciado	9. Qual horário costuma ir ao Bosque?
(<input type="checkbox"/>) Outro	(<input type="checkbox"/>) Manhã
	(<input type="checkbox"/>) Tarde
5. Escolaridade	(<input type="checkbox"/>) Noite
(<input type="checkbox"/>) Ensino fundamental (1º grau) incompleto	(<input type="checkbox"/>) Varia o horário
(<input type="checkbox"/>) Ensino fundamental (1º grau) completo	
(<input type="checkbox"/>) Ensino médio (2º grau) incompleto	10. Utiliza o Bosque com mais frequência para:
(<input type="checkbox"/>) Ensino médio (2º grau) completo	(<input type="checkbox"/>) Passear/distrair-se
(<input type="checkbox"/>) Superior incompleto	(<input type="checkbox"/>) Conversar/encontrar amigos
(<input type="checkbox"/>) Superior completo	(<input type="checkbox"/>) Namorar
	(<input type="checkbox"/>) Entrar em contato com a natureza
6. Transporte que utiliza para chegar ao Bosque	(<input type="checkbox"/>) Apenas para passagem
(<input type="checkbox"/>) Carro	(<input type="checkbox"/>) Atividades físicas
(<input type="checkbox"/>) Moto	(<input type="checkbox"/>) Outro:
(<input type="checkbox"/>) Ônibus	
(<input type="checkbox"/>) A pé	

ARAPIRACA	
11. Para você, a quantidade de praças em Arapiraca está:	12. Para você, qual a importância do Bosque pra cidade?
(<input type="checkbox"/>) Adequada	(<input type="checkbox"/>) Pouco importante
(<input type="checkbox"/>) Muita	(<input type="checkbox"/>) Não faz diferença
(<input type="checkbox"/>) Pouca	(<input type="checkbox"/>) Importante

13. Para você, a qualidade das praças de Arapiraca é:	14. Qual das seguintes ambientes você costuma utilizar além do Bosque?
<input type="checkbox"/> Péssimo	
<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Área Verde Dom Constantino Leurs
<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Parque Ceci Cunha
<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Lago da Perucaba
<input type="checkbox"/> Ótimo	<input type="checkbox"/> Praça Luiz Pereira Lima
	<input type="checkbox"/> Outro:
15. Quanto tempo costuma permanecer no Bosque?	
<input type="checkbox"/> Até uma hora	
<input type="checkbox"/> De uma a duas horas	
<input type="checkbox"/> De duas a três horas	
<input type="checkbox"/> De três a quatro horas	
<input type="checkbox"/> Mais de quatro horas	

Responda as perguntas da questão **16**, avaliando-as de acordo com os indicadores e com o seu nível de satisfação sendo o “péssimo” como algo que precisa melhorar muito e o “ótimo” como algo que está totalmente do seu agrado.

BOSQUE DAS ARAPIRACAS					
16. De modo geral, como você avalia:					
Descrição	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
A localização do Bosque na cidade					
A segurança					
A qualidade da pista de cooper					
A quantidade de aparelhos para atividade física					
A qualidade dos aparelhos para atividade física					
A quantidade de bancos					
A qualidade dos bancos					
A acessibilidade					
A sinalização (no piso, placas indicativas, etc.)					
A iluminação artificial					
A sensação térmica durante o dia					
O conforto acústico quanto aos ruídos externos					
A quantidade de árvores					
O sombreamento nos locais de permanência					
A paisagem do entorno					
A fonte (quanto a sua beleza)					
A limpeza					
A aparência do Bosque					
A organização do Bosque como um todo					
As distâncias entre as partes do Bosque					

APÊNDICE C

Questionário para a avaliação da percepção ambiental/ satisfação dos usuários do Parque Municipal Ceci Cunha

Questionário que busca avaliar os aspectos quantitativos e qualitativos do Bosque das Arapiracas a partir da opinião dos próprios usuários. Como resultado, busca-se compreender como está se dando a produção e apropriação dos espaços públicos de Arapiraca.

USUÁRIO	
1. Sexo	7. Quanto tempo você gasta para chegar ao Parque?
() Masculino () Feminino	() até 30 minutos
	() entre 30 minutos e 1 hora
2. Idade: _____	() entre 1 hora e duas horas
3. Qual o bairro onde você mora?	8. Com que frequência costuma ir ao Parque?
	() Todos os dias
	() 1 vez por semana
4. Estado civil	() 2 a 3 vezes por semana
() Casado	() Aos fins de semana
() Solteiro	
() Divorciado	9. Qual horário costuma ir ao Parque?
() Outro	() Manhã
	() Tarde
5. Escolaridade	() Noite
() Ensino fundamental (1º grau) incompleto	() Varia o horário
() Ensino fundamental (1º grau) completo	
() Ensino médio (2º grau) incompleto	10. Utiliza o Parque com mais frequência para:
() Ensino médio (2º grau) completo	() Passear/distrair-se
() Superior incompleto	() Conversar/encontrar amigos
() Superior completo	() Namorar
	() Entrar em contato com a natureza
6. Transporte que utiliza para chegar ao Parque	() Apenas para passagem
() Carro	() Atividades físicas
() Moto	() Outro:
() Ônibus	
() A pé	

ARAPIRACA	
11. Para você, a quantidade de praças em Arapiraca está:	12. Para você, qual a importância do Parque pra cidade?
() Adequada	() Pouco importante
() Muita	() Não faz diferença
() Pouca	() Importante

13. Para você, a qualidade das praças de Arapiraca é:	14. Qual das seguintes ambientes você costuma utilizar além do Parque?
<input type="checkbox"/> Péssimo	
<input type="checkbox"/> Ruim	<input type="checkbox"/> Área Verde Dom Constantino Leurs
<input type="checkbox"/> Regular	<input type="checkbox"/> Bosque das Arapiracas
<input type="checkbox"/> Bom	<input type="checkbox"/> Lago da Perucaba
<input type="checkbox"/> Ótimo	<input type="checkbox"/> Praça Luiz Pereira Lima
	<input type="checkbox"/> Outro:
15. Quanto tempo costuma permanecer no Parque?	
<input type="checkbox"/> Até uma hora	
<input type="checkbox"/> De uma a duas horas	
<input type="checkbox"/> De duas a três horas	
<input type="checkbox"/> De três a quatro horas	
<input type="checkbox"/> Mais de quatro horas	

Responda as perguntas da questão **16**, avaliando-as de acordo com os indicadores e com o seu nível de satisfação sendo o “péssimo” como algo que precisa melhorar muito e o “ótimo” como algo que está totalmente do seu agrado.

PARQUE MUNICIPAL CECI CUNHA					
16. De modo geral, como você avalia:					
Descrição	Péssimo	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
A localização do Parque na cidade					
A segurança					
A qualidade da pista de cooper					
A quantidade de aparelhos para atividade física					
A qualidade dos aparelhos para atividade física					
A quantidade de bancos					
A qualidade dos bancos					
A acessibilidade					
A sinalização (no piso, placas indicativas, etc.)					
A iluminação artificial					
A sensação térmica durante o dia					
O conforto acústico quanto aos ruídos externos					
A quantidade de árvores					
O sombreamento nos locais de permanência					
A paisagem do entorno					
O Lago (quanto a sua beleza)					
A limpeza					
A aparência do Parque					
A organização do Parque como um todo					
As distâncias entre as partes do Parque					

APÊNDICE D

GUIA PARA A ENTREVISTA COM OS USUÁRIOS

Data: __/__/____

Ambiente: _____

USUÁRIO	
1. Sexo	5. Escolaridade
() Masculino () Feminino	
2. Idade	6. Transporte que utiliza para chegar ao Bosque
3. Qual o bairro onde você mora?	7. Quanto tempo você gasta para chegar ao Bosque?
4. Estado civil	8. Com que frequência costuma ir ao Bosque?

1. Por que você usa o Bosque das Arapiracas/ Parque Ceci Cunha? Para quê?
2. O que você mais gosta no Bosque/ Parque Ceci Cunha?
3. O que você menos gosta no Bosque/ Parque Ceci Cunha?
4. Com que frequência você usa o Bosque/ Parque Ceci Cunha (quais dias e por quanto tempo)?
5. Qual espaço público você costumava utilizar antes do Bosque das Arapiracas? Ainda o utiliza? Por quê?
6. Qual setor do Parque Ceci Cunha você mais utiliza? Por quê?
7. Como você se sente quando está no Bosque/ Parque Ceci Cunha?
8. Quais os usos que podem ser feito no Bosque/ Parque Ceci Cunha, em sua opinião?
9. Sente falta de algo no Bosque das Arapiracas/ Parque Ceci Cunha?
10. Qual a importância do Bosque/ Parque Ceci Cunha para você? E para a cidade?
11. Qual sua opinião sobre o Bosque das Arapiracas/ Parque Ceci Cunha em relação com os outros parques e praças da cidade?

APÊNDICE E

Questionário Online para avaliação da percepção ambiental/ satisfação dos usuários das praças de Arapiraca - Alagoas

Questionário que busca avaliar os aspectos quantitativos e qualitativos das praças de Arapiraca a partir da opinião dos usuários. Como resultado, busca-se compreender como está se dando a produção e uso destes espaços públicos na cidade.

*Obrigatório

Sexo *

- Masculino
- Feminino

Idade *

Estado civil *

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Divorciado (a)
- Namorando
- Outro

Escolaridade *

- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

Bairro em que reside *

Qual a praça que você mais utiliza em Arapiraca? *

Por que você prefere a praça citada anteriormente? *

O que você vai fazer na praça? *

- Praticar esportes
- Encontrar com amigos
- Passear/Distrair-se
- Namorar/Paquerar
- Entrar em contato com a natureza

Como você vai à praça? *

- Carro
- Moto

- Ônibus
- A pé
- Outro

Com que frequência você vai à praça? *

- Todos os dias
- Uma vez por semana
- Duas vezes por semana
- Aos fins de semana

Em qual horário costuma ir à praça? *

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Varia o horário

Quanto tempo costuma ficar na praça? *

- Até uma hora
- De uma a duas horas
- De duas a três horas
- Mais de três horas

Como você avalia a quantidade de praças na cidade? *

- Tem muita
- Está adequada
- Tem pouca

Como você avalia a qualidade das praças de Arapiraca? *

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

Você acredita que com a chegada do shopping em Arapiraca houve algum impacto na frequência com que as pessoas utilizam as praças? *

- Sim
- Não

Você prefere ir ao shopping ou à praça? *

- Shopping
- Praça

Qual a sua opinião sobre as praças de Arapiraca?

Este espaço é destinado para que você escreva sua opinião sobre os aspectos positivos e negativos das praças da cidade. O que você acha que poderia ser melhorado, etc.

APÊNDICE F
LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO PARQUE MUNICIPAL CECI CUNHA

Esgoto aberto no Parque Ceci Cunha I



Fonte: Autor, 2016.

Esgoto aberto no Parque Ceci Cunha I



Fonte: Autor, 2016.

Quadra poliesportiva



Fonte: Autor, 2016.

Local arborizado no Parque Ceci Cunha I



Fonte: Autor, 2016.

Local arborizado no Parque Ceci Cunha I



Fonte: Autor, 2016.

Quadra de areia



Fonte: Autor, 2016.

Lago do Parque Ceci Cunha II



Fonte: Autor, 2016.

Interior do Parque Ceci Cunha II



Fonte: Autor, 2016.

Brinquedos nos finais de semana

Fonte: Autor, 2016.

Interior do Parque Ceci Cunha II

Fonte: Autor, 2016.

Lago e ponte

Fonte: Autor, 2016.

Vegetação do Mercado do Artesanato

Fonte: Autor, 2016.

Local de permanência no Mercado do Artesanato

Fonte: Autor, 2016.

Palco para apresentações

Fonte: Autor, 2016.

APÊNDICE G

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO BOSQUE DAS ARAPIRACAS

Bancos sem sombreamento



Fonte: Autor, 2016.

Construções inacabadas



Fonte: Autor, 2016.

Construções inacabadas



Fonte: Autor, 2016.

Interior - Final do Bosque



Fonte: Autor, 2016.

Interior - Parte central do Bosque



Fonte: Autor, 2016.

Intervenção artística



Fonte: Autor, 2016.

Interior - Início do Bosque



Fonte: Autor, 2016.

Estacionamento



Fonte: Autor, 2016.

Intervenção artística



Fonte: Autor, 2016

Intervenção artística numa caixa de energia



Fonte: Autor, 2016

Identificação das árvores



Fonte: Autor, 2016

Árvores identificadas



Fonte: Autor, 2016

ANEXO A - CHECKLIST DOS EQUIPAMENTOS EXISTENTES

Nome do espaço:

Data do levantamento: __/__/____

Equipamentos Existentes	Possui o equipamento?	Quantidade	Distribuição	Conservação
Iluminação				
Bancos				
Playgrounds				
Calçadas/caminhos				
Lixeiras				
Banheiros				
Estruturas esportivas				
Telefone público				
Banca de revistas				
Quiosques				
Bebedouros				
Ponto de táxi				
Estacionamento				
Segurança pública				
Palco/coreto				
Estruturas para idosos (jogos, etc.)				
Monumentos				
Placa de identificação				
Espelho d'água/fontes				
Ponto de ônibus				
Vegetação	Possui vegetação?	Quantidade	Distribuição	Conservação
Árvores				
Estratos arbustivos/flores				
Gramas				